

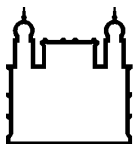
**MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

**Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e
Saúde**

**DA PIRACEMA À FESTA DO MANDIM: UMA ESTRATÉGIA LOCAL
PARA ATENDER A PARTE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO DO
ENSINO MÉDIO**

ITALVA MIRANDA DA SILVA

Rio de Janeiro
2018



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

ITALVA MIRANDA DA SILVA

DA PIRACEMA À FESTA DO MANDIM: UMA ESTRATÉGIA LOCAL PARA ATENDER A PARTE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

Tese apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ensino de Biociências e Saúde

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Francisco Waizbort

RIO DE JANEIRO

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Italva M. da.

Da piracema à Festa do Mandim: uma estratégia local para atender a parte diversificada do currículo do Ensino Médio / Italva M. da SILVA. - Rio de Janeiro, 2018.

187 f.

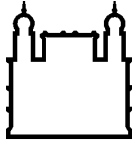
Tese (Doutorado) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, 2018.

Orientador: Ricardo Francisco Waizbort.

Bibliografia: f. 2-187

1. Festa do Mandim. 2. Currículo. 3. Escola. 4. Diversidade Cultural. I. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Biblioteca de Manguinhos/ICICT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

ITALVA MIRANDA DA SILVA

**DA PIRACEMA À FESTA DO MANDIM: UMA ESTRATÉGIA LOCAL
PARA ATENDER A PARTE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO DO
ENSINO MÉDIO**

ORIENTADOR: Ricardo Francisco Waizbort

Aprovada em: 13/07/2018

EXAMINADORES:

Prof. Dra. Isabela Cabral Félix de Sousa- Presidente (EPSJV//FIOCRUZ)

Prof. Dr. Rômulo de Paula Andrade (Casa de Oswaldo Cruz - COC)

Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC)

Prof. Dra. Dominichi Miranda de Sá (PPGHCS/DEPES-COC)

Rio de Janeiro, 13 de Julho de 2018.

Anexar a cópia da Ata que será entregue pela SEAC já assinada.

DEDICATÓRIA

À minha família, meus amigos e amigas, pelo incentivo e apoio em todos os momentos e sentidos – sem vocês, tudo teria sido mais difícil.

Dedico, especialmente, à minha mãe, com quem sempre pude contar ao longo desses quatro anos, à minha filha Mariana e meu esposo, Helton, pela compreensão, paciência e por compartilharem comigo cada momento desse trabalho – perto ou longe, direto ou indiretamente, vocês foram minha fortaleza.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal do Acre-IFAC e ao Instituto Oswaldo Cruz-IOC/FIOCRUZ, que assumiram o desafio de formar 18 doutores em 6 diferentes Programas de Pós-Graduação e em condições muito específicas por meio de Termo de Cooperação Técnico-Científica. Esse agradecimento se estende a todos os professores, professoras e colaboradores do IOC, especialmente a secretaria acadêmica da EBS, na pessoa de Isac Macêdo, que tão gentilmente sempre nos atendeu e acolheu.

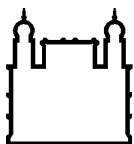
Aos colegas doutorando(a)s do IFAC, que iniciaram comigo essa jornada de quatro anos, com os quais pude compartilhar momentos alegres e difíceis. A minha amiga e colega de trabalho, Jamila Pontes, pelas sugestões, pela disposição e por dividir comigo a ansiedade e as expectativas na fase final do trabalho.

Em Sena Madureira, agradeço especialmente àqueles que contribuíram com essa pesquisa, seja por meio de entrevistas e informações diretas, seja por terem tirado um pouquinho de seu tempo para me ouvir (pescadores, feirantes, professores, alunos, diretores de escolas, artistas locais, a ex-prefeita Toinha Vieira, vizinhos e amigos). Cada página desse trabalho tem de um pouco de vocês.

Aos professores do PPGEBS (Maurício Luz, Renato Matos, Isabela Cabral, Rosane Meireles, Simone Monteiro e Tânia Araújo Jorge), que, com seus conhecimentos e sugestões, ajudaram-me nessa caminhada. Aos professores Gerson Rodrigues de Albuquerque e Rômulo de Paula que, no exame de Qualificação, teceram comentários e observações importantíssimas para a estruturação e finalização desse trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ricardo Francisco Waizbort, pelo apoio, pelas cobranças e, principalmente pela liberdade e confiança que depositou em mim e nesse estudo. Suas orientações e sugestões foram fundamentais nos avanços e na execução desta pesquisa, mas as limitações e fragilidades que o concluem, são de minha inteira responsabilidade e refletem em parte escolhas que fiz no curso dessa pesquisa.

Por tudo isso, obrigada a todos e todas!



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

DA PIRACEMA À FESTA DO MANDIM: UMA ESTRATÉGIA LOCAL PARA ATENDER A PARTE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

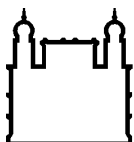
RESUMO

TESE DE DOUTORADO EM ENSINO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE

Italva Miranda da Silva

As questões curriculares cada vez mais desafiam a escola, visto a necessidade de inserção, exclusão e revisão permanentemente de novos conteúdos em seus currículos. No Brasil, os estudos acerca das diversas manifestações culturais vêm sendo ampliados em diferentes direções, dando conta de que a escola pode experimentá-las como conteúdos nas diferentes disciplinas do currículo. A Lei n. 12.796/2013 estabelece em seu art. 26 que os currículos da Educação Básica “*devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos*”. Tomando esse aspecto como ponto de partida, propôs-se pesquisar sobre a Festa do Mandim, uma manifestação cultural da cidade de Sena Madureira, no Estado do Acre, tida como um dos principais eventos festivos da cidade. O objetivo do trabalho principal consiste na elaboração de um fascículo, produzido a partir dos resultados obtidos nessa investigação, para subsidiar o trabalho de professores em escolas do Ensino Médio da cidade em questão. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada em Sena Madureira, com a participação de pescadores, moradores locais, professores, alunos, artistas e autoridades políticas da cidade. Utilizou-se como instrumentos de investigação a observação participante, entrevistas semiestruturadas e questionários abertos, além de um grupo focal, que consiste em um tipo de entrevista com características e formato mais específico. Outro objetivo deste trabalho foi o de contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas nas escolas locais, além de possibilitar à comunidade escolar analisar a cultura nacional, a partir de sua própria cultura por meio da Festa do Mandim.

Palavras-chave: Currículo, Diversidade Cultural, Escola, Festa do Mandim.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

FROM PIRACEMA TO THE FEAST OF MANDIM: A LOCAL STRATEGY TO MEET THE DIVERSIFIED PART OF THE HIGH SCHOOL CURRICULUM ABSTRACT

TESE DE DOUTORADO EM ENSINO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE

Italva Miranda da Silva

Curricular issues are increasingly challenging the school, given the need for permanently inserting, deleting and reviewing new content in their curricula. In Brazil, the studies about the diverse cultural manifestations have been expanded in different directions, realizing that the school can experiment them as contents in the different disciplines of the curriculum. Brazilian Law No. 12,996 / 2013 establishes in its article that basic education curricula "should have a common national basis, to be complemented by a diversified part in each school system and in each educational establishment, which is required by the regional and local characteristics of society, culture, economy and learners ". Taking this aspect as a starting point, it was proposed to research about the Mandim's Festival, a cultural manifestation of the city of Sena Madureira, in the State of Acre, considered one of the main festive events of the city. The objective of the main work is the elaboration of a fascicle, produced from the results obtained in this investigation to subsidize the work of teachers in High Schools of the city in question. The research, with qualitative approach, was carried out in Sena Madureira, with the participation of fishermen, local residents, teachers, students, artists and political authorities of the city. Participant observation, semi-structured interviews and open questionnaires were used as research instruments, as well as a focus group consisting of a type of interview with more specific characteristics and format. Another aim of this work was to contribute to the development of differentiated pedagogical practices in local schools, as well as to enable the school community to analyze the national culture, from its own culture through the Mandim's festival.

Key words: Curriculum, Cultural Diversity, School, Mandim's Festival.

QUADRO DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APSM	ASSOCIAÇÃO DOS PISCICULTORES DE SENA MADUREIRA
CAPES	COMISSÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
CEB	CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
CNE	CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
CSM	CAMPUS SENA MADUREIRA
DCNEM	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO
DCNs	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS
E.E.D.J.M	ESCOLA ESTADUAL DOM JÚLIO MATIOLLI
GF	GRUPO FOCAL
IBEI	INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS ISLÂMICOS
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
IFAC	INSTITUTO FEDERAL DO ACRE
IPHAN	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA
OMS	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE
PCNs	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS
POC	PESQUISA DE ORÇAMENTO FAMILIAR
PROEJA	PROGRAMA NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE JOVENS E ADULTOS
SEAPROF	SECRETARIA DE EXTENSÃO AGROFLORESTAL E PRODUÇÃO FAMILIAR
SEE	SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
UFAC	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

QUADRO DE FIGURAS

- Figura 1 – Mapa hidrográfico andino
- Figura 2 – Mapa político do Acre
- Figura 3 – Porto que liga o centro da cidade ao 2º Distrito em Sena Madureira
- Figura 4 – Piracema de Mandim em Sena Madureira
- Figura 5 – XVIII Festival de praia de Boca do Acre
- Figura 6 – Banda local animando a Festa do Mandim em 2005
- Figura 7 – Festival do peixe ornamental em Barcelos/AM
- Figura 8 – Calendário das principais festas acreanas
- Figura 9 – Oktoberfest, Arte da 23ª Edição
- Figura 10 – Alagação de 1997, em Sena Madureira
- Figura 11 – 61ª Festa do Peão de Barretos (2016)
- Figura 12 – Primeiro dia da ExpoSena (2011)
- Figura 13 – Show pirotécnico realizado no 3º dia da ExpoPurus (2012)
- Figura 14 – Procissão em homenagem a Nossa S. de Nazaré no Pará (2011)
- Figura 15 – Procissão de Nossa S. da Glória em Cruzeiro do Sul (2011)
- Figura 16 – Missa de encerramento da procissão de Nossa S. da Conceição em Sena Madureira (2016)
- Figura 17 – Mural pedagógico
- Figura 18 – Pescador utilizando uma tarrafa
- Figura 19 – Mandim pescado nas proximidades do porto de Sena Madureira
- Figura 20 – Tapiri à beira do rio Xapuri na Amazônia/A casa invisível: fragmentos sobre a arquitetura popular no Brasil do artista João Dias
- Figuras 21 e 22 – Marco de fundação da cidade de Sena Madureira, localizado à margem esquerda do rio Iaco

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	20
1 REFERENCIAL TEÓRICO	24
2 JUSTIFICATIVA	32
3 OBJETIVO GERAL	35
3.1 OBJETIVO GERAL	35
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	35
4 METODOLOGIA	36
4.1 ASPECTOS ÉTICOS.....	43
5 CAPÍTULO I - ENTRE ÁGUAS E BARRANCOS: A FESTA DO MANDIM EM SUAS DIFERENTES ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES	43
5.1 A FESTA DO MANDIM OU AS FESTAS COM MANDIM? MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DESSES FESTEJOS	48
5.2 NO TEMPO DA PIRACEMA.....	51
5.3 NO TEMPO DO CALENDÁRIO/RELÓGIO	54
5.4 NO TEMPO DA POLÍTICA ENTRA A ECONOMIA LÚDICA DO SABOR	62
5.5 ESTRUTURANDO A FESTA DO MANDIM INSTITUCIONALMENTE.....	71
6 CAPÍTULO II - EM MEIO A SÍMBOLOS, IDENTIDADES E CONSUMO: A FESTA DO MANDIM NO ÂMBITO DAS TRADIÇÕES E FESTIVIDADES BRASILEIRAS	79
6.1 FALANDO DE FESTAS.....	79
6.2 O PEIXE E ALGUMAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS.....	84
6.3 O PEIXE NO CONTEXTO DA ALIMENTAÇÃO DE POPULAÇÕES AMAZÔNICAS	88
6.4 ENTRE RELIGIOSIDADE E ENTRETENIMENTO: PERCURSO DAS FESTAS ACREANAS.....	92
6.5 DO SUL AO NORTE: INFLUÊNCIAS E CONFLUÊNCIAS PARA A FESTA DO MANDIM	96
6.6 OKTOBERFEST: SOCIABILIDADE E MEMÓRIAS DE UMA ENCHENTE	96

6.7	FESTA DO PEÃO DE BARRETOS E A EXPANSÃO DA PECUÁRIA EM SENA MADUREIRA: CAMINHOS QUE SE CRUZAM PE-LA PECUÁRIA	101
6.8	O CÍRIO DE NAZARÉ NO ENCONTRO DE PADROEIRAS	104
7	CAPÍTULO III - DIVERSIDADE CULTURAL NO CURRÍCULO: ESTRATÉGIAS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS COM A FESTA DO MANDIM.....	111
7.1	O CURRÍCULO NO DEBATE EDUCACIONAL ATUAL.....	111
7.2	FESTAS POPULARES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DE APRENDIZAGEM.....	126
7.3	A FESTA DO MANDIM E A PIRACEMA: UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA.....	129
8	RESULTADOS E DISCUSSÕES	139
8.1	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A APLICAÇÃO DO FASCÍCULO	142
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157

APRESENTAÇÃO

Pode parecer lugar comum afirmar que toda pesquisa se situa na confluência entre a trajetória acadêmica do pesquisador e sua prática profissional diária, visto que praticamente todas as pesquisas trazem marcadas as visões de mundo de quem a estruturou. Como historiadora de formação, tenho tecido diferentes experiências no magistério nos diferentes níveis e modalidades de ensino ao longo dos quase vinte anos de docência, além de outras experiências como pesquisadora e gestora de escola pública. Acrescento a isso o repertório de leituras vindas da especialização na Educação Profissional e do mestrado em Linguagem e Identidade, que, somadas às trocas diárias com docentes, pesquisadores e sujeitos de diferentes ofícios na cidade onde moro, foram dando forma a essa pesquisa.

Ainda assim necessito assegurar que o olhar lançado sobre a Festa do Mandim e sua transformação em objeto de estudo com a perspectiva exposta nesse trabalho, reflete a junção dessas minhas experiências produzidas como professora de História em distintas temáticas. Das leituras conscientes e inconscientes que interpreto, sinto e percebo a diversidade regional amazônica, notadamente de Sena Madureira, lugar em que resido e para o qual esse estudo pode ter importante contribuição. Esse trabalho mostra ainda a vulnerabilidade do sistema educacional brasileiro frente às políticas de governo no que concerne às questões do currículo e minha tentativa de provocá-las no âmbito da diversidade¹.

Sem pretender exercer aqui algum tipo de bairrismo pela cidade, não posso também deixar de lembrar, com esse trabalho, aos meus alunos a importância estratégica que essa cidade teve para a consolidação da soberania brasileira frente

¹ Essa pesquisa foi motivada em 2014, pela abertura promovida nos currículos da Educação Básica, a qual passa a trazer aspectos da diversidade histórica e cultural do Brasil para dentro das escolas, sobretudo, a partir dos anos 2000. Tais mudanças possibilitaram que gradativamente fossem sendo inseridas nesses currículos questões ainda muito caras à compreensão da formação histórica e das diferentes identidades do povo brasileiro, como, por exemplo, as Leis n. 10.639/03 e n. 11.645/08, respectivamente, que trouxeram as temáticas africanas, afro-brasileiras e indígenas para o currículo. No caso do trabalho em tela, o interesse se voltou para a importância dada pela Lei n. 12.796/13 a diversidade regional e local dos educandos e como o conhecimento dessa diversidade poderia tornar esse aluno mais crítico frente à imposição de padrões culturais nacionais. No decorrer da pesquisa, no entanto, a educação brasileira e notadamente o currículo sofreu um grande golpe com a imposição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, pelo atual governo, jogando por terra todo esforço de inserir a diversidade regional e local na formação dos educandos brasileiros. Obviamente, isso não anula a relevância desse estudo; pelo contrário, mostra a necessidade de lutar pela revisão dessa arbitrariedade.

aos bolivianos, em princípios do século XX. Essa afirmação se faz necessária porque no exercício de sala de aula constatou-se que os estudantes sena-madureirenses desconhecem qualquer referência a esse respeito.

Assim, ao considerar a importância dada pela legislação educacional ao conhecimento da diversidade local e regional por parte dos educandos, discussão chave neste estudo, o desconhecimento desses processos históricos, mesmo que pela óptica oficial, produz uma espécie de apagamento das histórias desse povo. A historiografia acreana pouco trata desse assunto, mas a rapidez com que o governo brasileiro, à época, tratou de oficializar seus domínios na região que viria a ser denominada de Sena Madureira, dá uma ideia de sua relevância, mostrando quão instável politicamente se encontravam essas fronteiras brasileiras no período em questão.

A força desse aspecto é tal, que a assinatura do Tratado de Petrópolis, que anexou o Acre ao Brasil, ocorreu em novembro de 1903, e já em setembro de 1904, foi fundada a cidade de Sena Madureira, sendo essa, inclusive, a primeira capital do Estado, já no ano em que foi fundada. Obviamente, os objetivos dessa fundação são questionáveis, como apontado no fascículo, mas indica que examinar essas histórias constitui um exercício relevante para a comunidade local, ensejando, inclusive, para a revisão de alguns marcadores regionais ainda solidamente enraizados como a divisão do Brasil em regiões.

Considerando as linhas gerais dessa pesquisa, no tocante à diversidade regional, problematizar o impacto da incorporação do Acre aos interesses imperialistas, bem como os complexos deslocamentos de diferentes sujeitos para a extração da seringa nessa parte da Amazônia, constitui potente aspecto para análise em sala de aula. Para iluminar essa discussão, Albuquerque Jr. (2001) traz para esse diálogo a invenção do Nordeste e enfatiza que a própria ideia de Nordeste enquanto categoria de identificação cultural é algo muito novo, se levarmos em conta a história dessa região.

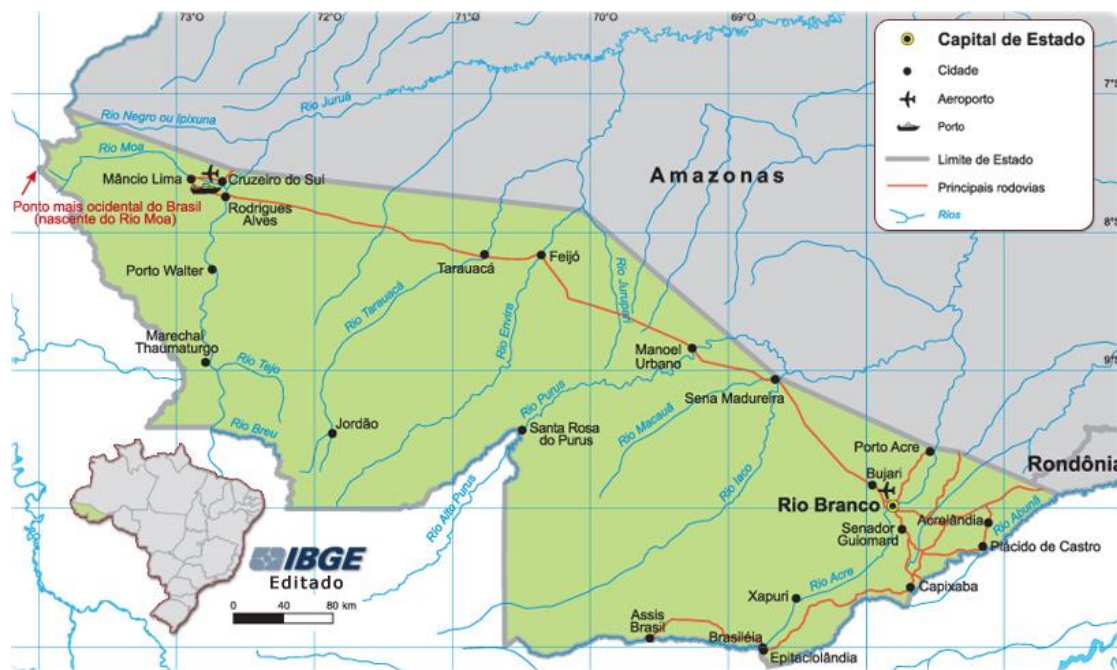
Albuquerque Jr.(2001) afirma que, em 1920, a separação Norte e Nordeste estava apenas se processando e que os primeiros discursos de separação entre a área Amazônica e a área “Ocidental” do Norte foram provocados pela preocupação com a grande migração de “nordestinos” para a extração de borracha e o perigo que isso representaria para o suprimento de trabalhadores nas lavouras tradicionais do

Nordeste. Essa análise acerca dos discursos identitários regionais ganha força especialmente para se identificar quem foram os nordestinos que vieram para a Amazônia acreana em fins do século XIX e início do XX, visto que a historiografia local não tem feito distinção desses sujeitos, além de situá-los em uma categoria que sequer existia à época.

A análise da Festa do Mandim permitiu ainda entender o alcance das diferentes temporalidades e espacialidades praticadas em Sena Madureira. Nessas últimas, chama a atenção aquelas que abarcam os limites entre rio Iaco e o Barranco, ponto marcante no processo de formação da cidade e incapaz de ser explicado pelos mapas convencionais. Ao longo de sua história, por exemplo, o rio conduziu e ainda conduz o traçado da cidade, dando seus principais contornos que são demarcados fundamentalmente pelo tempo da natureza, aspectos explorados por esse estudo.

De acordo com o IBGE (2017), Sena Madureira é o segundo maior município em extensão territorial e o terceiro mais populoso do Estado do Acre, com aproximadamente 43.000 habitantes. Conforme o mapa abaixo, esse município faz fronteira ao Norte com o Estado do Amazonas, a Leste com os municípios de Bujari, Rio Branco, Xapuri e Brasileia, a Oeste com Manuel Urbano, ao Sul com Assis Brasil e a Sudoeste com o Peru.

Figura 1
Mapa hidrográfico Andino



Fonte: Blog Mapasblog

Segundo Harley (1991), o mapa é uma representação gráfica que facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, condições, processos e fatos humanos. Para Simione (2007), os mapas representam, também, em suas configurações a materialização das lutas e disputas que lhe deram tais formatos e estiveram na raiz da formação. Com o mapa acima, busca-se situar o leitor quanto à localização do espaço em estudo nessa pesquisa que transcende as fronteiras nacionais, bem como problematizar alguns pontos.

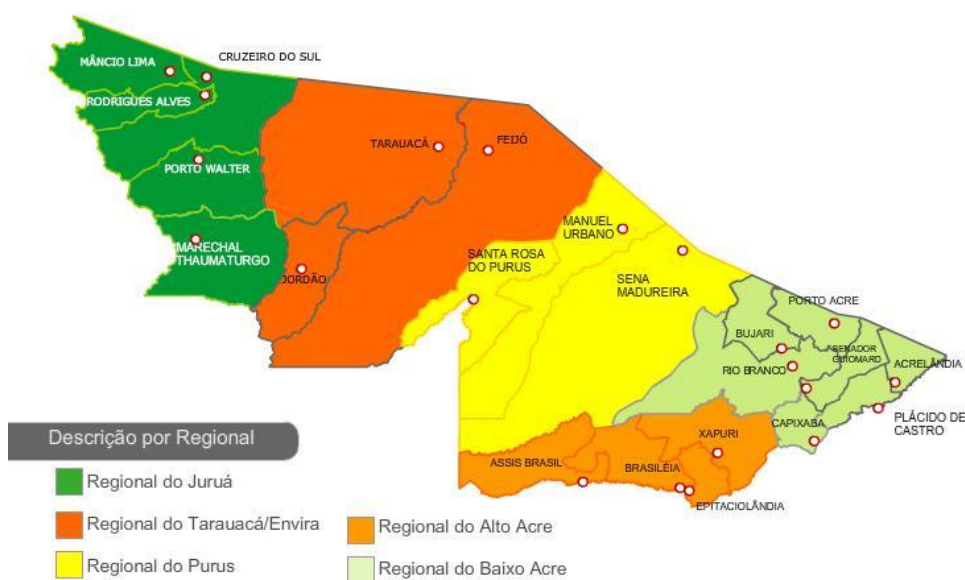
Um desses pontos é indicar que a pesca e, por extensão, seu uso na alimentação de populações de Sena Madureira, constitui um aspecto marcante, dada a intensa hidrografia que envolve a cidade. Além disso, esses cursos de água foram e continuam sendo as vias fundamentais de circulação e trânsito de pessoas e mercadorias ao longo da história da região. No mapa apresentado, pelo menos três grandes rios são assinalados: Purus, Iaco e Macauã, mas há ainda pelo menos dois outros menores, como o rio Caeté e Cassiriam, que, juntos, diariamente dão vida e

forma à cidade e neles ou por meio deles duas importantes categorias ganharam destaque nesse estudo: barranco e piracema.

Ao mesmo tempo em que esses rios possibilitaram a cidade florescer e deles grande parte de suas populações extraem os meios de sobrevivência, também esses rios trazem o medo, a destruição e a morte, com as constantes alagações experimentadas pelos sena-madureirenses, desde a fundação da cidade. De acordo com relatos de moradores, bem como imagens de acervos da época, a alagação de 1997, por exemplo, ficou na memória de Sena Madureira como a maior de toda sua história. A cidade passou em torno de quinze dias sem água, luz e telefone, visto que a sede da Eletroacre, empresa que fornecia energia, foi totalmente inundada.

Comerciantes perderam suas mercadorias; plantações foram destruídas; as sedes dos principais órgãos administrativos foram tomadas pelas águas, inclusive a prefeitura; casas foram totalmente arrastadas pela força das águas que traziam lama, restos de plantas e animais mortos; milhares de pessoas ficaram desabrigadas e viram seus pertences serem tragados pela cheia. Cerca de 80% dos bairros da cidade foram tomados pelas águas.

Figura 2
Mapa político do Acre



Fonte:²

Conhecida no Estado como a “terra do Mandim”, Sena Madureira possui área de 25.946km², equivalendo a 61,97% da região e 16,52% da área total do Estado do Acre, segundo o IBGE, e está localizada na região do Vale do Purus. A História oficial narra que a ocupação da região iniciou por volta de 1878, com a chegada de brasileiros, a maioria nordestinos – o território do atual Acre era, naquele período, de domínio boliviano. Ainda de acordo com essas narrativas, após a celebração do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, o general Siqueira de Meneses, cumprindo missão, chegou em 25 de setembro de 1904, às terras do Seringal Santa Fé, às margens do Rio Iaco, onde fundou Sena Madureira, cujo nome homenageia o coronel do Exército Brasileiro Antônio Senna Madureira.

² Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-bZ29kUBZEig//mapa-do-acre-com-todos-os-municipios-02.jpg> .Acesso em: 03 de dezembro de 2017.

INTRODUÇÃO

Considerando a obrigatoriedade legal para que as escolas abordem em seus currículos aspectos da história, da cultura e da economia local e regional de seus educandos, buscou-se pesquisar sobre a Festa do Mandim, e o resultado dessa investigação fundamentou a elaboração de um fascículo para subsidiar o trabalho de professores com a parte diversificada desse currículo em escolas do Ensino Médio, no município de Sena Madureira/AC.

A parte diversificada tem como objetivo complementar a base nacional comum, de modo a oportunizar a formação integral dos estudantes nos diversos contextos em que se inserem as escolas brasileiras. A vasta gama de elementos socioculturais presentes na Festa do Mandim foram utilizadas como marcadores de algumas dessas particularidades regionais e locais, que, uma vez explorados, possibilitam aos alunos dessas escolas um entendimento articulado de seu contexto sócio-histórico.

A Festa do Mandim é uma manifestação cultural da cidade de Sena Madureira, referenciada pelas particularidades do peixe denominado como “mandim” pelos habitantes locais, e se configura no calendário da cidade como um dos eventos mais expressivos. É resultado de um processo histórico que entrelaça interesses políticos e econômicos, interfaceados e legitimados pela cultura local. Durante os três dias de festa que ocorre na piracema, entre os meses de agosto e setembro, a cidade e sua rotina se transformam, para receber turistas e atender as demandas provocadas pelo evento com a montagem de barracas, implicando o melhoramento do acesso à praia e outros aspectos, que serão apresentados no trabalho.

Inicialmente, pretendia-se abordar essa festa na perspectiva dos festivais de praia acreanos, como oficialmente ela teria sido criada ou comparada a outras festas do peixe que ocorrem em todo país. No decorrer da pesquisa, no entanto, isso se mostrou inadequado porque em 2002, quatro anos após a institucionalização do Festival do Mandim, como batizado inicialmente, o poder público, com o apoio da colônia dos pescadores locais, modificou o nome para “Festa do Mandim”, por entender que ela era mais que festival, por simbolizar uma particularidade do peixe da região. Além disso, seria uma maneira de distinguir essa festa do conjunto das demais festividades. De fato, se for observado o calendário das principais festas do

Estado, os dois únicos municípios que trazem definido o objeto a ser celebrado no festival, são Sena Madureira, com o mandim, e Feijó, com o Açaí.

Para Amaral (1998), toda festa é um ato coletivo, supondo não apenas a presença de um grupo, mas sua participação, diferenciando-se do espetáculo. Dentro de uma definição mais precisa, “os festivais não podem ser considerados como festas *stricto sensu*” (AMARAL, 1998, p. 40), pois o critério de participação é fundamental em uma definição de festa. Ao considerar a gama de sujeitos envolvidos e os diferentes papéis exercidos por esses na Festa do Mandim, fez-se a opção por utilizar o termo “festa”, no estudo.

Quanto à possibilidade de tomar como referência as festas com a temática de peixes, na pesquisa, identificou-se um número bastante expressivo dessas em todo país, mas, de maneira geral, essas festas estão relacionadas ao crescimento da atividade de piscicultura e com foco mais voltado para o mercado, como é o caso do trabalho de (FERRARINI & VERONESE, 2010) Embora os aspectos econômicos não estejam inteiramente apartados dos culturais, procurou-se abordar a Festa do Mandim em uma perspectiva que pudesse mais fortemente evidenciar o processo histórico e cultural da comunidade em questão, visto ser esse um dos objetivos do estudo.

A palavra mandi vem do tupi, *mãdi'i*, e é o nome dado a diversos peixes de couro. Esse peixe, enquanto espécie, denomina-se *Pimelodus blochii*, sendo oriundo da família *Pimelodidae*. Nesse estudo, porém, optou-se por utilizar o termo mandi(m), que se refere à maneira como os habitantes locais pronunciam e escrevem. Em outras partes do Brasil, esse peixe é conhecido como mandi, mandi-chorão, surubim-bagre, mandi-amarelo, mandiú, bagre-amarelo, bagre de areia e cabeça-de-ferro. (NEGREIROS, 2013, p. 2) Observa-se que o acréscimo do da letra “m” no final da palavra, decorre de um regionalismo que traz as marcas da oralidade, sendo que em Sena Madureira, de um modo geral, não se pronuncia nem se escreve mandi, mas mandim, e, em alguns casos, mandin.

Essa pesquisa entrelaça três grandes temas: festa, peixe e currículo, que, apesar de terem características muito próprias individualmente, foram analisadas aqui de forma conjugada, a fim de vislumbrar possibilidades pedagógicas com a Festa do Mandim por meio de um fascículo, elaborado a partir desse estudo para o

trabalho de professores com a parte diversificada do currículo do Ensino Médio em escolas do município de Sena Madureira/AC.

A opção por esse instrumento pedagógico levou em conta sua versatilidade e funcionalidade. Com formato editado em cadernos ou numerado em diferentes ordens, ele permite a outros pesquisadores darem continuidade ao trabalho com outros volumes e enfoques, visto que a cada ano, diferentes roupagens vestem a Festa do Mandim. Para o propósito desse estudo, a festa foi analisada à luz de referências bibliográficas, documentos legais, fontes orais, especialmente entrevistas, fotografias e observação participante e o resultado dessa análise utilizado para a elaboração do fascículo.

O trabalho está dividido em três capítulos, que se completam na estruturação da análise proposta com a elaboração de um fascículo. No capítulo I, *ENTRE ÁGUAS E BARRANCOS: a Festa do Mandim em suas diferentes espacialidades e temporalidades*, apresentaram-se as diferentes versões experimentadas pela Festa do Mandim ao longo dos últimos trinta anos. Foi também destacado o importante papel desempenhado pelo *barranco* na constituição imaginária e material das populações da região abordada, visto se tratar de uma categoria fortemente enraizada nas culturas amazônicas.

No capítulo II, intitulado *EM MEIO A SÍMBOLOS, IDENTIDADES E CONSUMO: a Festa do Mandim no âmbito das tradições e festividades brasileiras*, discorreu-se sobre algumas dimensões simbólicas que acompanham a festa ou fazem nascer esse objeto festivo, especialmente no que concerne a seu símbolo maior, o peixe. Foram abordadas algumas características das principais festas acreanas mostrando seu percurso, as mudanças e permanências, além de traçar um diálogo com três grandes festas brasileiras nas quais a Festa do Mandim encontra referentes. Para esse diálogo elegeu-se as seguintes festas: Oktoberfest, a Festa do peão de Barretos e Círio de Nazaré, levando em consideração nessas festas suas particularidades enquanto eventos que são recentes e distantes ao mesmo tempo nos espaços geográficos.

No Capítulo III, *DIVERSIDADE CULTURAL NO CURRÍCULO: estratégias e possibilidades pedagógicas com a Festa do Mandim*, discutiram-se os desafios para professores e escolas, diante das permanentes mudanças ocorridas no contexto das relações entre os indivíduos no mundo, impulsionadas pela globalização, e ainda os

desafios experimentados pelos currículos escolares, especialmente, o da Educação Básica no tocante à questão da diversidade.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Como abordagem teórica, a pesquisa se insere no campo da Nova História Cultural, tendência historiográfica que se afirmou entre os historiadores a partir da década de 1960, impulsionada pelo marxismo e a Escola dos *Annales*, em suas diversas gerações, cujo foco dos estudos e debates dirigiu-se inicialmente para as questões econômicas e sociais, mas posteriormente, debruçou-se mais fortemente para os aspectos culturais.

Novas abordagens passaram a despertar o interesse dos historiadores, primeiramente ingleses, com a chamada *história vista de baixo*, cujos principais expoentes foram E.P. Thompson, Christopher Hill e Natalie Zemon Davis. Embora as questões econômicas e sociais houvessem assumido o centro dos debates entre os historiadores nesse período, sobretudo em razão da efervescência dos movimentos socialistas em todo mundo, mas também em contraposição à história política e dos acontecimentos oficiais que marcaram a história tradicional Positivista desde o final do século XIX, aspectos culturais começavam a se revelar nesses estudos.

Edward Palmer Thompson participou com Eric Hobsbawm e Christopher Hill do Partido Comunista Britânico, em ações diretas no movimento popular da Inglaterra, logo após a Segunda Guerra Mundial, influenciando muitos dos jovens militantes e intelectuais da época. Em 1956, por discordar dos rumos ideológicos e políticos do partido, desligou-se dele, ingressando na Universidade na década de 1960, onde passou a dedicar seus estudos. No ano de 1963, publicou *A formação da classe operária inglesa (The formation of the English working class)*, na qual rejeitava a relação base/superestrutura defendida pelos marxistas, mostrando a existência de outros aspectos de natureza cultural envolvidos nesse processo, como a própria experiência do trabalhador forjada em seu cotidiano religioso, festivo e simbólico, desconsiderado na luta de classe. (HUNT, 1992)

Thompson, segundo Hunt (1992), afirmava que por trás do discurso da luta de classe, experiências culturais eram manipuladas e incorporadas institucionalmente a um sistema de ideias e valores, trazendo para o debate experiências materiais de modos ou formas culturais, com suas interpretações e seus desdobramentos nas relações sociais, as chamadas “mediações culturais”. (HUNT, 1992) Na mesma linha, Christopher Hill, com o estudo das Revoluções Inglesas do século XVII,

pontuava o papel ativista e de resistência exercido pelas classes populares durante essas revoluções, e Natalie Zemon Davis, abordando a violência empreendida pelos diversos grupos e ideologias durante as guerras religiosas na França do século XVI, enfatizava o papel dos rituais religiosos nesses conflitos. Em comum esses autores despertam para os ritos, as práticas e símbolos que envolviam as classes populares nesses movimentos.

A partir do final da década de 1960, o destaque incide principalmente sobre a historiografia francesa e, gradativamente, a história social e econômica passa a dividir espaço com outros campos da vida social, especialmente as culturas populares nas suas variadas dimensões motivados pelo desenvolvimento da Antropologia e da Psicologia.

O desafio aos velhos modelos foi especialmente rigoroso na escola dos *Annales*. Embora a história econômica, social e demográfica tenha permanecido dominante na própria *Annales* (respondendo por mais da metade dos artigos entre 1965 e 1984), a história intelectual e cultural passou a ocupar um sólido segundo lugar (com algo em torno de 35 por cento dos artigos, contra 11 a 14 por cento para a história política). À medida que a quarta geração de historiadores dos *Annales* passou a preocupar-se cada vez mais com aquilo que, muito enigmaticamente, os franceses chamam de *mentalités*, a história econômica e social sofreu um recuo em termos de sua importância. Esse interesse aprofundado pelas *mentalités* (mesmo entre os membros da geração mais velha de historiadores dos *Annales*) levou também a novos desafios ao paradigma dos *Annales*. (HUNT, 1992, p. 8-9)

A consolidação dos estudos culturais na historiografia vem, portanto, com a quarta geração dos *Annales*, inicialmente com Roger Chartier e Jacques Revel, ambos influenciados pela crítica de Foucault acerca dos pressupostos fundamentais da história social. (HUNT, 1992) Aliás, a historiografia francesa e seus intelectuais, passaram a dominar os principais debates culturais a partir de então, notadamente com a chamada história das mentalidades (campo da Nova História Cultural), na qual esse trabalho se alinha.

Mas o que significa *mentalités* ou mentalidade? Para Araújo (1999), no início do século XX, o termo mentalidade não fazia parte do vocabulário dos historiadores, sendo na linguagem comum, usada para exprimir atitudes e “formas de espírito”, um pouco à maneira da *Weltanschauung* alemã, em suas palavras. Ainda para essa

autora, o termo mentalidade só veio adquirir um caráter de fato denotativo com etnólogo Lévy Bruhl, em 1922, de quem ela se serve para fundamentar a existência de sistemas culturais subalternos através da dominância de comportamentos pré-lógicos e emocionais.

A partir da segunda metade do século XX, os historiadores começaram a alargar as fronteiras da História Social, adentrando o domínio das representações coletivas e, de modo explícito, às “maneiras de sentir e de pensar” de diferentes épocas históricas. (ARAÚJO, 1999) O interesse pelo estudo da Festa do Mandim é de certa maneira influência dessa perspectiva histórica, visto que suas dimensões coletivas e subjetivas abarcam diferentes sentidos, perspectivas e memórias.

A História das Mentalidades, segundo Barros (2011), é um campo histórico, uma modalidade historiográfica à disposição dos historiadores, que podem, inclusive, trabalhá-la em conexão com outros campos. Essa nova modalidade da História, para esse autor, teve seus precursores na primeira metade do século XX, mas rigorosamente começou a se delinear como um novo espaço de ação para os historiadores precisamente nas últimas décadas do século XX, e propunha-se enfocar a dimensão da sociedade relacionada ao mundo mental e aos modos de sentir e suas representações.

Na prática, esses historiadores começam a se interessar por temas não convencionais ou incomuns, desbravando certos domínios da vida social e cultural até então inexplorados, como, por exemplo, a prática da feitiçaria e sua repressão na obra *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII*, de Robert Mandrou, em 1979, além de Philippe Ariès (1981) e Michel Vovelle (1987), que se dedicaram a estudar os sentimentos dos homens diante da morte, ganhando força, nesse contexto, o modelo antropológico, com suas abordagens culturais, principalmente aqueles voltados para os rituais festivos.

Rituais, inversões carnavalescas e ritos de passagem foram estudados em quase todos os países, tornando o estudo das *mentalités*, o campo que mais seguidores encontrou, dentro e fora da França. (HUNT, 1992) Ao citar Natalie Z. Davis e sua obra *Ritos de violência* (1990), Lynn Hunt (1992) afirma que a interpretação dos ritos de violência feita por Davis durante as guerras religiosas francesas acabou por reduzir esses rituais a um repertório de ações que tinha por objetivo purificar a comunidade religiosa.

Nota-se que outras interpretações e sentidos poderiam ser atribuídos ao fenômeno das guerras religiosas, como os interesses políticos, por exemplo; mas a autora, ao analisar os rituais, faz a opção de caminhar pelo mundo das representações simbólicas e culturais, alinhando-se com o que propõe a História das Mentalidades. De acordo com Jancsó & Kantor (2001), embora essas sejam as linhas dominantes que levaram à valorização da festa como objeto de estudo nas décadas recentes no Brasil, vale considerar o peso da difusão do pensamento de Mikhail Bakhtin sobre as formas de carnavalização próprias das culturas populares e as oposições entre as linguagens oficiais e espontâneas utilizadas nas praças, feiras e praças públicas.

Para análise conceitual do fenômeno festivo, contou-se com abordagens também alinhadas com a Nova História Cultural, especialmente aquelas cuja atenção se volta para os aspectos ritualizados e teatrais coletivos das festas (danças, torneios, músicas etc.) enquanto expressão cultural. Embora exista hoje uma literatura considerável sobre festas populares no Brasil, notadamente, nos últimos quinze anos, privilegiou-se no presente trabalho, algumas obras que trazem a Amazônia para a festa. (AMARAL, 1998, NOGUEIRA, 2008 e MATOS, 2010)

Compôs ainda o referencial sobre festas, o estudo de Hobsbawm & Ranger (1997), que aborda o papel simbólico e político da tradição na construção de identidades nacionais e regionais, Bakhtin (1987), obra em que o autor por meio da categoria *carnavalização*, mostra como o universo festivo das classes populares durante o carnaval inverte a ordem estabelecida na Europa do século XVI e que os limites que separam a cultura do “alto” e do “baixo” são extremamente tênues. Outro referencial importante e considerado clássico no estudo das festas populares no Brasil foi o livro de Mary Del Priore, *Festas e Utopias no Brasil Colonial*, de 2000, referenciado em mais de 80% das pesquisas recentes que tratam de festas populares no país.

Com uma linguagem fluente, essa autora discorre sobre as características, personagens, espaços e feições das múltiplas festas, Entradas, Cortejos e outros rituais festivos que compunham o calendário do Brasil colonial, assinalando que as festas sempre estiveram presentes na história do país, representando uma peculiaridade do povo brasileiro em relação a outros povos.

Por fim, para falar de festas no Brasil, utilizou-se a Tese de Doutorado de Edson Farias, *Ócio e Negócio: festas populares e entretenimento-turismo no Brasil*, estudo no qual o autor analisa o paradigma das festas brasileiras na era de um capitalismo e os ajustes que essas festas fazem para se adequar aos desejos do consumidor, mostrando o forte engate entre a cultura e a economia com o remanejamento simbólico de bens culturais da primeira para atender um mercado de diversão em crescimento.

Considerando a força exercida pela gastronomia nos últimos tempos, especialmente no que tange à expansão desse mercado, ganharam importância nesse estudo os trabalhos de Cascudo (1983) e Lody (2008), acerca da alimentação no Brasil. Esses autores assinalam que o alimento ou gosto por ele constitui-se em uma categoria histórica, estabelecendo padrões de permanência e mudanças nos hábitos e práticas alimentares, sendo suas marcas cingidas na dinâmica social de cada povo.

Essas referências teóricas ajudaram a entender que a preferência dos consumidores locais pela carne de Mandim está inserida em um conjunto de significações bastante complexo, indo além do mero consumo. Para Lody (2008), por exemplo, ato de comer não é tão simples como aparenta ser; ele é responsável pela criação e manutenção de determinados símbolos ou mesmo identidades, visto que os indivíduos não escolhem seus alimentos apenas pelo gosto, mas pela disponibilidade, acessibilidade e significação que este representa em cada região.

Ao considerar o aumento da preferência pela carne do Mandim a partir da institucionalização da festa na cidade de Sena Madureira, em 1998, têm-se pelo menos dois elementos, fortemente marcados nesse processo. Primeiro, a abundância de pescados oriunda da grande rede hidrográfica da região forma “um verdadeiro território de águas prontas para a vida, para fertilidade, para o alimento de nativos e não nativos” (LODY, 2008, p. 100), fazendo com que o ato de comer peixe não seja algo incomum a esse espaço social; pelo contrário, ele compõe um modo de viver dos amazônicos. Em segundo lugar, o dinamismo do mercado, especialmente no setor de entretenimento, acabou por potencializar novos campos culturais, dentre eles o setor gastronômico.

O costume de celebrar com festa momentos de fartura alimentar no Brasil remonta às antigas tradições indígenas sendo fortalecidas pelas festas juninas

promovidas pela Igreja Católica desde o início da colonização. Na Amazônia, a figura do peixe ganha destaque nos festejos, seja por sua força simbólica, seja como fonte de sobrevivência de incontáveis populações.

No Brasil tem surgido inúmeras festas do peixe, principalmente pelo crescimento da piscicultura e pelo turismo rural e cultural com ênfase na gastronomia. Na Amazônia, a pesca é uma das atividades humanas mais importantes, constituindo-se em fonte de alimento, comércio, renda e lazer para grande parte de sua população, especialmente a que reside nas margens dos rios de grande e médio porte.

O próprio processo de colonização dessa região, desencadeado a partir dos séculos XVII e XVIII e centrado ao longo da calha do Solimões/Amazonas e de seus principais afluentes é, em certa medida, o reflexo da importância dos rios e dos recursos pesqueiros na vida do homem amazônico. (SANTOS & SANTOS, 2005) Para Costa et al. (2013), o hábito de se consumir pescado na Amazônia, seja pela abundância deste ou preferência de consumo, faz com que este recurso constitua parte da cultura desses povos, além de que peixes e quelônios formam a principal fonte de renda e subsistência de comunidades ribeirinhas e quilombolas residentes de grande parte dessa região do Brasil. A Festa Mandim, em Sena Madureira, compõe, de alguma forma, um desses quadros de referências da cultura amazônica, embora muitos de seus aspectos ocorram em consonância com outras festas no país.

Da parte do Currículo, os estudos culturais, gradativamente foram adentrando esse campo, bem como de diversas outras áreas do conhecimento, em razão da imensa gama de elementos que a cultura agrega. Segundo Moreira & Candau (2014), a dimensão cultural vem adquirindo especial relevância em todos os âmbitos, do político ao escolar, sendo esse aspecto impulsionado pelo processo de globalização que coloca, física e virtualmente, culturas em contato permanente.

Os diferentes grupos, particularmente aqueles historicamente marginalizados e silenciados, vêm adquirindo, continuamente, crescente visibilidade, o que tem resultado em questionamentos à escola, exigindo dela revisões em seus currículos, que vão desde a inserção de novos temas até a revisão de outros já existentes, além das constantes tentativas de tornar o ensino mais significativo, prático e atraente para os alunos, sem perder de vista o caráter legal.

Com base nessas questões, pode-se dizer que as abordagens curriculares e seu diálogo com a diversidade cultural encontram-se na ordem do dia, constituindo-se em um dos aspectos mais discutidos da atualidade no campo educacional. Para fundamentar esse estudo no âmbito das discussões curriculares, foram utilizadas, principalmente, três importantes referenciais. O estudo de Moreira & Candau (2014), no qual, a concepção de interculturalidade e sua importância no âmbito do processo educativo ganham destaque, especialmente no tocante às questões identitárias, um dos pontos centrais dessa pesquisa. A visibilidade adquirida pela temática da diversidade cultural tem suscitado, segundo esses autores, intensos debates e discussões, que extrapolam o ambiente intelectual, passando a desafiar os processos educativos, relativos às questões das diferenças culturais.

Ainda como suporte para a questão da identidade cultural, recorreu-se aos estudos de Stuart Hall (2003 e 2011). No primeiro, Hall traz a problemática de colocar as formações culturais do ocidente em termos binários e destaca a importância de pensar o que está no meio dessas culturas, sobretudo, no que concerne aos discursos e jogos políticos que se fazem das questões identitárias na contemporaneidade.

No segundo, o autor discorre sobre as reconfigurações identitárias promovidas pela modernidade tardia. Hall afirma que as velhas identidades, responsáveis por estabilizarem o mundo social até então, foram deslocadas, fazendo surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, visto até aqui como sujeito unificado. Esse deslocamento altera os novos quadros de referência, fazendo com que o indivíduo se identifique mais com sua comunidade local do que com sua Nação.

Por último, utilizaram-se as abordagens de Antônio Flávio Moreira e Tomaz Tadeu no livro *Currículo, Cultura e Sociedade* (2011), importante referencial teórico, dado o enfoque sociopolítico que esses autores imprimem na discussão sobre o currículo, enfatizando, sobretudo, as relações de poder envolvidas no processo de construção do conhecimento.

O currículo, segundo esses autores, não é um instrumento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. Pelo contrário, ele reforça e ao mesmo tempo desconstrói conhecimentos e valores, dependendo do interesse em questão e da correlação de forças envolvidas no processo. Em outras palavras, há

uma pequena margem de liberdade para a escola atuar porque ele já traz embutido em si diretrizes a serem seguidas, isto é, já se encontra prescrito. Como será observado adiante, o currículo reflete de alguma maneira a conjuntura econômica, política e cultural, vivenciadas pelos indivíduos em um dado momento histórico e a inserção ou exclusão de determinadas temáticas nele vai depender da filosofia das forças políticas que estão no poder.

2 JUSTIFICATIVA

Atuando como professora de História do Ensino Médio, desde o ano de 2000, na rede particular e pública de ensino, observei que nos últimos quinze anos os currículos da Educação Básica têm sido objeto de permanente revisão, inserção e exclusão de conteúdos, de forma que mantê-los atualizados ou acompanhar tais mudanças, conforme as várias legislações que entram em vigor, constitui-se em um dos maiores desafios para escolas e professores. Na maioria das vezes, antes mesmo de uma lei começar a ser aplicada no âmbito das escolas, surge outra alterando a anterior, como aconteceu com esse estudo, causando certo descompasso entre o que é ensinado nas escolas e que também poderia sê-lo, visto a emergência diária de novas situações e reflexões que a escola precisa responder no âmbito do currículo.

O que tem possibilitado essas revisões aceleradas nos currículos escolares? A escola e/ou professores se apropriam desses dispositivos legais de maneira efetiva? Os conteúdos dessas legislações permitem sua execução prática no sistema de ensino? Considerando que grande parte das mudanças nos currículos incide fortemente nas áreas das Ciências Humanas, notadamente a História, como foi o caso da Lei n. 10.639/2003, que trata inserção obrigatória da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da Rede de Ensino, e, mais recentemente, a Lei n. 12.796/13, que estabelece que os currículos da Educação Básica devem ter base nacional comum, a ser complementada, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

A questão da observância nos currículos de temas específicos da realidade dos estudantes já estava colocada nos PCNs (1997), nos chamados Temas Locais, inserido nos Temas Transversais – Pluralidade Cultural. Embora tenha sido um avanço em termos de legislação, esse ponto, na prática, apresentava-se um tanto amplo, como pode ser observado nessa passagem: “sob a denominação de Temas Locais, os Parâmetros Curriculares Nacionais pretendem contemplar os **temas de interesse específico de uma determinada realidade** a serem definidos no âmbito do Estado, da cidade e/ou da escola”. Nossos grifos, assinalados nesse parágrafo, ao mesmo tempo em que apontam para a autonomia das instâncias de ensino,

colocam um problema: que tipo de interesse específico deve sobressair nesse processo? Político, econômico, cultural? Nota-se por outro lado, que a Lei n. 12.796/13 traz essa questão mais bem definida com o estudo das **características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos**, exigindo, principalmente, das disciplinas de Geografia e História atenção a esse aspecto do currículo na Educação Básica.

A problemática do trabalho com a parte diversificada do currículo e a possibilidade de contribuir com as escolas para preencher as lacunas deixadas pela exigência legal foi, portanto, o ponto fundamental no recorte dessa pesquisa, embora antes mesmo de concluí-la, novas mudanças curriculares foram promovidas. A implantação do Instituto Federal do Acre em Sena Madureira ocorreu em julho de 2010, e como professora dessa instituição, passei a residir nessa cidade a partir de então, fato que contribuiu para um melhor conhecimento da cultura local. Nesse contexto, foi que observei que a Festa do Mandim se constituía na principal manifestação da cultura local e no entorno dela um vasto conjunto de elementos se apresentavam. A pesca, por exemplo, exercia grande importância na vida de muitas pessoas, constituindo-se no principal meio de sobrevivência de muitas comunidades de Sena Madureira.

O período em que ocorre a festa também chamou a atenção, visto não ter uma data definida no calendário oficial, mas que obedece ao calendário natural da piracema, fator relevante para o entendimento da força exercida pela natureza para a realização ou não de determinadas atividades nessa parte da Amazônia. Ainda nessa observação, constatou-se que ao longo de sua existência, a festa experimentou formatos diferentes, inclusive deixou de acontecer em três anos consecutivos, por razões distintas. Como professora de História, percebi que essas questões poderiam compor conteúdos a serem explorados em sala de aula e não apenas pela área de história, mas por outras disciplinas.

Nesse contexto, surgiu o interesse para a pesquisa, vislumbrando possibilidades pedagógicas com a Festa do Mandim, por entender que o peixe exerce uma força considerável sobre a cultura regional/local, e por essa festa compor o mais consolidado evento festivo do calendário cultural da região. Optou-se, dessa forma, por explorar algumas de suas dimensões e transformá-la em

fascículo, como suporte pedagógico aos professores das escolas de Ensino Médio de Sena Madureira, para o trabalho com a parte diversificada do currículo.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar as possibilidades pedagógicas da Festa do Mandim para o trabalho com a parte diversificada do currículo em escolas do Ensino Médio no município de Sena Madureira/AC por meio de um fascículo que se encontra no anexo da tese.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos, por sua vez, são os seguintes:

- a) Identificar na literatura trabalhos ou experiências análogas ao estudo em questão do ponto de vista pedagógico, para auxiliar o desenvolvimento da pesquisa;
- b) Verificar junto às escolas do município se a parte diversificada do currículo é trabalhada, para analisar a viabilidade da proposta apresentada;
- c) Descrever os conhecimentos e informações oriundos de entrevistas com diferentes sujeitos do município de Sena Madureira sobre a Festa do Mandim;
- d) Comparar as narrativas dos entrevistados acerca de suas interpretações para o surgimento da Festa do Mandim;
- e) Registrar pontos de convergência e divergência nas falas dos entrevistados;
- g) Estruturar o fascículo com conteúdos, informações, atividades e referências, para análise dos professores das áreas de História, Biologia, Geografia e Língua Portuguesa;
- h) Aplicar a proposta pedagógica (Fascículo) em sala de aula;
- i) Avaliar a execução prática do fascículo a partir da análise dos professores que acompanharam o desenvolvimento da proposta.

4 METODOLOGIA

Escrever sobre a Festa do Mandim implicou, desde o início, a ciência de que as fontes para a pesquisa encontravam-se muito dispersas, seja pela escassez de registros convencionais, seja pelo dinamismo e complexidade do tema que a cada ano mostrava-se diferente. Como todos os fenômenos sociais e culturais, a Festa do Mandim apresenta-se repleta de subjetividade e nuances, exigindo para sua compreensão, análises mais interpretativas do que descritivas. Por esse aspecto optou-se por uma pesquisa predominantemente qualitativa, referenciadas, principalmente nos trabalhos de Minayo (2011), Gil (2002), Mazzotti & Gewandsznajder (1999) e ainda como suporte a História Oral.

A História Oral, notadamente com entrevistas, foi amplamente utilizada nesse estudo, tendo nos aportes de Alberti (2006) e Portelli (2010) as principais referências. Sua utilização se deu não apenas pela falta de registros escritos, mas pela especificidade do tema. A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da História surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Para Alberti (2006), a História Oral “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”. (2006, p.156)

Para Portelli (2010), o uso da História Oral possibilita ao pesquisador identificar os diferentes referentes coletivos, sociais, individuais e temporais que permeiam a trajetória do entrevistado que, pela especificidade do método ou técnica, aparecem simultaneamente em sua narrativa, dando, por sua vez, ao pesquisador possibilidades de alargar seu objeto. De acordo com esse estudioso, muitas vezes se banaliza o uso da História Oral, confundindo sua narrativa como a própria história. Segundo ele, contar a história é diferente de contar histórias e pontua que:

As histórias pessoais ou folclóricas têm uma existência autônoma na memória de indivíduos ou grupos sociais, que as relembram e as transmitem dialogicamente. Mas a narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo. Os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador. Na história oral, o relato da história não é um fato em si

mesmo. Visa a produção de um outro texto: uma fita, um vídeo, e, principalmente, um texto escrito. (PORTELLI, 2010, p.19-20)

Nessa perspectiva, tem-se que embora a História Oral seja um campo rico e fecundo, fazer uso dele requer tanto rigor quanto em qualquer outro método. Quanto à opção pela pesquisa qualitativa em nível macro, Minayo (2011) afirma que ela responde a questões muito particulares e lida com um universo de significados, motivos, aspirações e atitudes, correspondendo a um espaço profundo das relações sociais. Mazzotti & Gewandsznajder (1999) acrescentam a isso que, por sua diversidade e flexibilidade, as pesquisas qualitativas não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos e também não admitem no projeto inicial uma estruturação prévia bem definida.

Para Gil (2002), as pesquisas são classificadas com base em seus objetivos gerais, podendo ser exploratórias, descritivas e explicativas. Tendo em vista que o objetivo desse estudo consiste na produção de um fascículo cujo tema central é a Festa do Mandim e que não há registros científicos suficientes para abordá-la em profundidade, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e conhecido. (GIL, 2002)

Como instrumentos para coleta de dados, contou-se com a observação participante, entrevistas semiestruturadas e, em menor proporção, questionários abertos, a partir das concepções de Richardson (1999) e Minayo (2011). A observação participante, segundo Minayo, constitui parte essencial na pesquisa qualitativa: “sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a consideram não apenas uma estratégia no conjunto da investigação das técnicas de pesquisa, mas como um método que, em si mesmo, permite a compreensão da realidade”. (2011, p. 70)

Ainda que para essa autora existam muitas técnicas e formas de realizar trabalho de campo, ela aponta a observação participante e a entrevistas como os principais instrumentos. A observação é feita sobre tudo aquilo que não é dito, mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente. Já a entrevista tem como matéria-prima a fala dos interlocutores envolvidos. (MINAYO, 2011)

A observação do local onde ocorre oficialmente a Festa do Mandim, a zona portuária, na qual diariamente pescadores, atravessadores, feirantes, consumidores e outros sujeitos negociam o pescado e produtos diversos, além de curiosos, funcionários da prefeitura dão a esse espaço uma sonoridade e um colorido especial. O movimento na feira, as permanentes mudanças na paisagem do seu entorno, ajudaram a entender, por exemplo, que a festa começa muito antes da piracema passar e que os interesses dos pescadores na festa são distintos dos interesses de outros envolvidos.

Como dito, o uso de entrevistas nesse trabalho teve grande relevância, especialmente porque possibilitaram às pessoas falarem sobre a festa, sem necessariamente estarem na festa, trazendo suas impressões, sentimentos e perspectivas, ora distanciadas, ora participando desta com disposição a compartilhar com o outro suas memórias da festa. Minayo (2011) define a entrevista como uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores realizada por iniciativa do entrevistador. Sobre entrevista tem-se o seguinte comentário:

O termo *entrevista* é construído a partir de duas palavras, *entre* e *vista*. *Vista* refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. *Entre* indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo *entrevista* refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas. (RICHARDSON, 1999, p. 207) [grifos do autor]

Percebe-se que ambos os autores compreendem a entrevista como algo que se situa em um lugar de interação, colocando de um lado, alguém disposto a ouvir, a captar cada gesto e até os possíveis silêncios; e do outro, alguém que viu ou conheceu o objeto perseguido pelo primeiro, mas disposto a contar até onde a vontade e confiança lhe permitir. Nota-se que, embora rica essa técnica, o êxito de sua utilização depende do grau de confiança entre essas duas pessoas. Optou-se pelo formato de entrevistas semiestruturadas pela necessidade de respostas relativamente diretas sobre as questões colocadas, de modo que na estruturação do fascículo essas informações fossem melhores sistematizadas.

O questionário foi utilizado visando apreender dos participantes seus conhecimentos e impressões sobre a Festa do Mandim, e, ao mesmo tempo, analisar a participação deles quanto à apresentação de conteúdos originados dessa

feira. Para Richardson (1999), o questionário cumpre pelo menos duas funções: descrever as características e medir variáveis em um grupo social, permitindo assim, observar níveis de envolvimento individual e coletivo com determinado aspecto. No caso da Festa do Mandim, buscou-se utilizar perguntas relativamente abertas, a fim de que os participantes tivessem uma margem maior de liberdade para descrever sua opinião sobre a festa.

Visando otimizar o trabalho de campo e, ao mesmo tempo, buscando diversificar o formato de interlocução com os entrevistados, estruturou-se um Grupo Focal, composto por associados da Colônia de Pescadores do município. A maioria dos pescadores de Sena Madureira se conhece por laços de parentescos ou de amizade e na medida em que se elege um ou outro para entrevistar, gera certo desconforto no grupo porque uns vão contando para os outros que foram convidados para uma entrevista.

Segundo Zimmermann & Martins (2008), o Grupo Focal é uma técnica que integra, discute e avalia o tema proposto, sendo flexível e dinâmico. Trata-se de uma modalidade de entrevista em grupo, em que as falas de um são confrontadas com as dos outros (MINAYO, 2011). O objetivo do uso dessa técnica no trabalho foi apreender daqueles que lidam diariamente com a pesca artesanal seus conhecimentos e interpretações sobre a Festa do Mandim e outras questões a ela relacionadas.

A escolha dos sujeitos e espaços de análise levou em conta o caráter exploratório da pesquisa e seu objetivo. Os sujeitos participantes foram selecionados a partir de sua relação direta ou indiretamente com a Festa do Mandim, nos seus variados momentos e nas diferentes perspectivas. Privilegiaram-se no trabalho, porém, as vozes menos ressonantes e, no caso das escolas, optou-se pelos profissionais das áreas que desenvolvem projetos interdisciplinares regularmente, como História, Geografia, Língua Portuguesa, Biologia e Artes, atuando diretamente na aplicação do fascículo, além de coordenadores pedagógicos e alunos do 1º Ano do Ensino Médio.

A opção por alunos do 1º Ano levou em conta o fato de que nessa série as turmas são mais numerosas, havendo também uma diversidade maior de alunos oriundos de diferentes bairros e da zona rural, aspecto que ajudaria a diversificar as respostas aos questionários referentes aos conhecimentos desses sobre a Festa do

Mandim. Além disso, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio de História definidas pelo Ministério da Educação – MEC (2006) aponta o 1º Ano do Ensino Médio como a série em que conteúdos relativos às fontes históricas, sujeitos, processos e temporalidades históricas são abordadas, sendo alguns desses conteúdos potencializados pelo estudo da Festa do Mandim e explorados no fascículo na parte de Ensino de História.

Segue, abaixo, o nome e o espaço social ocupado pelas pessoas que participaram e que estão citadas no trabalho, a fim de que durante a leitura, o leitor possa identificar com quem está dialogando.

- Antônia Vieira (Ex-prefeita e responsável pela institucionalização da festa em 1998);
- José Alves (Secretário de Cultura em 1998 e um dos idealizadores do evento no formato institucional);
- Gilberto Lira (Secretário de Cultura de 2008 a 2012);
- Valdir Martins (Presidente da Colônia dos Pescadores);
- Maria da Conceição de Freitas (Associada da Colônia dos Pescadores);
- Antônio Rodrigues (Associado da Colônia dos Pescadores)
- Gean Carlos Lopes (Pescador autônomo e não associado);
- Márcio Farias (Fotógrafo e jornalista, responsável pela cobertura das primeiras edições da festa);
- José Félix (Comerciante local);
- Lívia da Silva Hoyle (Professora e filha de regatão peruano);
- Maria de Fátima Ribeiro (Aposentada e moradora do bairro Ana Vieira);
- Elizeu Ribeiro (Aposentado e ex-soldado da borracha);
- Raimundo N. Ferreira (antigo pescador e morador do ramal do 15-Cassiriam/Purus);
- Francisco Helton Lugnani (Morador da Colônia Estica no ramal do 15 – Cassiriam).

Concomitante às técnicas descritas, foi elaborado o fascículo utilizado na aplicação prática de atividades escolares por professores das áreas de História, Língua Portuguesa, Biologia, Geografia e Artes. Estão listados abaixo, os nomes dos professores que atuaram na aplicação e avaliação do aludido fascículo:

- Airton de Mesquita Silva (Língua Portuguesa);
- Altaiza Liane Marinho (História);
- Arielly Dayane Lima Ribeiro (Biologia);
- Jamila Nascimento Pontes (Artes);
- Maria Ana Lima Moraes (Geografia).

As narrativas dos sujeitos (professores e alunos) que participaram das atividades práticas, colhidas através dos questionários e outras atividades, foram analisadas à luz da temática da diversidade no currículo. Essas atividades ocorreram por meio de agendamento e planejamento com os professores das diferentes áreas e distintas turmas. Nesse trabalho, foram utilizadas apresentações em *Power Point*, estudos dirigidos impressos e em formato digital, pequenos documentários e letras de músicas. Esse conjunto encontra-se reunido no fascículo como produto final da tese.

Na análise documental foram apreciados documentos legais que retratam a questão das mudanças curriculares na Educação Básica do Brasil nos últimos quinze anos, notadamente, a Lei n. 12.796/2013, que traz a necessidade de o currículo da Educação Básica contemplar temas da diversidade regional e local. Os referenciais teóricos, como assinalado, versaram sobre diferentes festividades tanto na perspectiva conceitual quanto das características no caso daquelas existentes no Brasil. Em relação à literatura do Currículo e entendendo que a escola precisa manter-se atualizada acerca das novas conjunturas sociais e identitárias, optou-se por autores que discutem o Currículo sob o olhar da diversidade e da perspectiva multicultural, diferentemente do multiculturalismo tão discursivamente utilizado por governos.

Ainda como documentos, contou-se com relatos de entrevistas, reportagens de jornais locais e fotos de acervos pessoais, considerando, como mencionado, a escassez de documentos escritos. Sobre essa questão, Febvre (1985) afirma que tudo aquilo que o homem produziu e que traz as marcas ou vestígios do passado passou a compor fonte ou documento para o historiador. Segundo ele,

a história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador... Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem. Análises de pedras

pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (p. 24)

Grande parte das nossas representações sociais tem na fotografia, por exemplo, seu suporte e configura os valores e modos de vida de um determinado espaço social. E ainda: a fotografia é uma forma de registro histórico-sociológico, que revela através dos signos fotográficos a memória da vida social e cotidiana de pessoas dos diferentes segmentos sociais³.

As reportagens possibilitaram avaliar, do ponto de vista oficial, a participação do poder público na festa, uma vez que as principais matérias publicadas nos sites locais estão vinculadas à prefeitura local. Possibilitaram ainda comparar as grafias em suas escritas quanto ao nome da festa, os discursos produzidos e apresentados nessas matérias, além dos cenários a serem destacados em cada evento. Atualmente, não se pode desconsiderar a importância da fotografia nas pesquisas, seja pelo avanço tecnológico que traz imagens cada vez melhores para a análise, seja “pela possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá”. (KUBRUSLY, 1991, p. 8)

O evento certamente não volta, mas desperta, no caso da Festa do Mandim, memórias de suas primeiras edições, até então, adormecidas pelo tempo. Ao captar esses momentos, a fotografia permite como que imortalizá-los, revelando fragmentos de uma realidade histórica vivenciada por uma coletividade em um tempo definido⁴. O tipo de vestimenta, o corte de cabelo, a paisagem no seu entorno, insinuam um padrão estético experimentado pelos indivíduos em determinados momentos e contribuem, significativamente, para situá-los no tempo e no espaço, fundamentalmente, possibilitando às novas gerações conhecimentos de sua própria história.

Por fim, os artigos e documentos legais consultados e utilizados encontram-se em nota de rodapé com o respectivo endereço eletrônico de onde foram extraídos.

³ Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/164-4.pdf>> Acesso em: 29 maio 2017.

⁴ Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/164-4.pdf>> Acesso em: 29 maio 2017.

4.1 ASPECTOS ÉTICOS

Do ponto de vista ético, alguns cuidados foram tomados para a realização desta pesquisa. Todos os entrevistados preencheram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – e foram informados do objetivo do estudo e sua relevância junto às escolas locais. Todos os entrevistados tomaram ciência do propósito da pesquisa e assinaram o TCLEA. Indo nessa direção, o projeto dessa pesquisa foi submetido e aprovado em 15/12/2014 pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IOC (CAEE n. 32518214.0.0000.5248).

CAPÍTULO I

5 ENTRE ÁGUAS E BARRANCOS: A FESTA DO MANDIM EM SUAS DIFERENTES ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES

FLORES DE BARRANCO

*Rios de licores
Deságuam nas veias
Do meu coração*

*Nuvens de cetim
Jorram sobre mim
Pétalas de rosas*

*Mares de florestas
Fazem festa na fresta
Da paixão.*

*Flores do barranco
Dão a cor e o tom
Da minha canção.*

*Sou o teu rebento
Sou o teu cantador
Da pele de jambo
E voz de pescador*

*Sou teu menestrel
Teu feto de luz
Filho do laco
Neto do Purus*

(Música de Sérgio Souto, artista acreano)

A expressão *barranco* é muito significativa na Amazônia, pois agrega valores que vão desde uma simples cava encostada no rio, servindo de porto para diferentes populações ribeirinhas, a designação de títulos de “coronéis” recebidos como patentes por seringalistas nos tempos áureos da borracha, os chamados “coronéis de barranco”. O termo *coronel de barranco* foi cunhado pelo romancista amazonense, Cláudio de Araújo Lima. Em 1924, durante uma rebelião no Amazonas, ele foi detido e deportado para o Acre, passando a residir em um

seringal no Alto-Purus. Por mera coincidência, Sena Madureira, onde se situa essa pesquisa, fica na região do Purus na qual a reportada obra foi escrita e na perspectiva de pensar concreta e subjetivamente o barranco – a cidade também se funda no *barranco*.

De sua experiência no dia a dia desse seringal e nas histórias contadas por seu pai, Araújo Lima, o romancista, psiquiatra e ensaísta, escreveu o romance *Coronel de Barranco*, obra que narra apogeu e queda da borracha na Amazônia de 1876 a 1926. O termo *coronel* utilizado por Araújo Lima, remete à figura rude, mandona e autoritária dos homens que detinham o poder político e econômico nas diferentes regiões do Brasil, em fins do século XIX, e que, além disso, exerciam em seus domínios o poder militar.

O personagem central do romance chama-se Matias, o qual, depois de vinte anos morando na Europa (Londres e Paris), volta a Manaus. Ao chegar a essa cidade, Matias parece estranhar e, até certo ponto, decepcionar-se com as transformações pela qual ela passou nesse tempo, que em sua opinião, não deixava nada a desejar à capital londrina e à parisiense. Por intermédio de um antigo e bem-sucedido amigo de colégio, decide experimentar a vida em um seringal do Acre como escritor mercantil, estando nessa experiência as bases para a escrita do romance. Chama atenção no diálogo entre os dois amigos, a referência feita ao Acre pelo banqueiro a Matias:

- Tu vais mesmo aguentar o Acre?
- E por que não?
- Porque o Acre tem fama de ser um lugar quase amaldiçoado. Muito dinheiro, dinheiro a rôdo...
- Dinheiro é o que menos me atrai a esta altura.
- Mas também as febres malignas, o atraso, a solidão. Principalmente a solidão. Enfim, quase uma sucursalzinha do inferno. (LIMA, 1970, p.48)

Nota-se que o Acre do início do século XX aparece não apenas nesse romance, como em outras narrativas da época, como uma espécie de inferno e, não por acaso, muitos dos insurgentes da Revolta da Vacina e Chibata no Rio de Janeiro foram desterrados para esse Estado no período em questão. Os referentes negativos a esse espaço eram tais, que a determinação para um militar se dirigir a

essa localidade e aqui servir era vista mais como uma punição, ou fardo, do que um ato corriqueiro de remanejamento. (SILVA, 2010)

Ainda sobre esse aspecto, o autor assinala que

o Acre era um lugar em que poucos militares desejavam servir e, neste sentido, as transferências para muitos eram vistas como uma espécie de desterro. Geralmente isso se associava a falta de oportunidade, padrinho forte ou boas relações, que possibilitassem ao indivíduo ir para outra localidade considerada mais salubre ou menos distante e isolada que o Acre. (SILVA, 2010, p. 140)

Nessa parte do Brasil, especialmente nos seringais, prevalecia o mando dos denominados coronéis de barranco, um tipo expansivo que exercia tais poderes nas imediações do barranco (seringal, cuja proximidade com o rio era fundamental para o escoamento da borracha) do qual era proprietário. Sobre esse ponto, Lima (1970) narra alguns traços que colocam em evidência o que significava ser coronel nessa parte da Amazônia em princípios do século XX: “Vaidoso e convicto de sua importância, bem engomado, dente de ouro sempre à mostra, “farol” de brilhante enfiado no indicador direito, Cipriano encarnava o símbolo da abastança naquela época de arrivismo e desvario”. (LIMA, 1970, p. 50)

O *Coronel de barranco* é, portanto, uma referência aos seringalistas, milionários que esbanjavam fortunas nas pensões alegres de Manaus, e bebiam champanhe e finos licores franceses, ou comiam caviar e latarias europeias em plena selva e no desconforto dos barracões miseráveis. No outro lado dessa opulência estavam os desvalidos e tantas vezes beribéricos seringueiros, mansos ou brabos, impedidos de organizar famílias, proibidos de caçar e pescar, forçados a efetuar todos seus suprimentos no armazém do patrão por preços exorbitantes. (LIMA, 1970)

A obra permite pensar o regionalismo, suas marcas na literatura e problematizar a historiografia regional, notadamente a acreana. A ideia de barranco, ponto forte do romance, exprime um traço marcante da Amazônia e do ponto de vista palpável; ele constitui em grande parte dessa região do Brasil a ponte entre o rio e a terra firme. Do barranco se desloca e para ele se dirige, constituindo entre o rio, a floresta e a cidade uma espécie de elo potencial que leva e traz pessoas, mercadorias, ideias e tudo que se possa transportar.

A força do barranco é tal, que a Festa do Mandim, mesmo sendo um evento urbano, só pode acontecer nele ou em suas proximidades. Por mais que o aparato oficial tente disciplinar seu espaço, ele será sempre transgredido pela energia do próprio objeto celebrado, isto é, do peixe na piracema. Para participar dessa festa é preciso descer o barranco, adentrar o “baixo”, porque a praia onde se monta a estrutura festiva fica na parte desnivelada da cidade.

A Festa do Mandim criada pela prefeitura em Sena Madureira seguiu o formato ou o estilo de carnaval, tendo em sua base a perspectiva de controle, mas, contraditoriamente, a essência do carnaval é a liberdade, estando assim, em sua gênese, também sua antítese. Fazendo uma analogia com a carnavalização de Bakhtin (1987), pode se dizer que a festa forçou o “alto” e o “baixo” a se misturarem e, ao contrário do que ocorre nas festas convencionais onde o pobre adentra de maneira desconfiada o espaço do rico para se divertir, na Festa do Mandim as autoridades descem o barranco para se juntar ao povo, como ocorre no carnaval.

Na verdade, o carnaval ignora o palco, mesmo na sua forma embrionária. Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o *vivem*, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o *povo*. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal e um estado peculiar do mundo: seu renascimento e sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval e os que participam dos festejos sentem-no intensamente. (BAKHTIN, 1987, p.7)

Ainda na perspectiva bakhtiniana, essa descida promove inversões na ordem estabelecida como ocorre no carnaval, fazendo com que a firmeza e autoridade de alguns indivíduos ceda lugar ao desconforto ou ao prazer no momento de descer o barranco. Enquanto um morador do Segundo Distrito desce e sobe em ritmo acelerado o barranco do laco, próximo à Praia do Amarílio, um empresário e dono de distribuidora de bebidas da cidade precisa de “apoio” para descer e subir o barranco em dias de festa, sendo essa, por exemplo, uma das contradições da Festa do Mandim.

A composição de abertura desse capítulo não fala propriamente da Festa do Mandim, mas alude para um espaço cujos elementos, para sua materialização,

encontram-se entrelaçados. Os rios Iaco e Purus, que com suas águas tingidas como licor, permitem a existência da piracema e por meio dessa o peixe, especialmente o Mandim, o pescador e, sobretudo, as contradições do barranco, lugar que aproxima e que afasta ao mesmo tempo. É, portanto, na representação desse cenário que a Festa do Mandim será apresentada e problematizada.

5.1 A FESTA DO MANDIM OU AS FESTAS COM MANDIM? MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DESSES FESTEJOS

Antes de chamar-se Festa do Mandim esse evento cultural foi denominado de *Festival* do Mandim, em alusão aos festivais de praia que passaram a ocorrer em todo o Estado do Acre na década de 1990. Mas tanto a *festa* quanto o *festival* surgiram sob um viés institucional. Ocorre que, anterior a essas denominações, já se festejava na cidade a piracema do Mandim, ou seja, a festa enquanto ato de celebração não foi uma invenção do poder municipal local, mas uma prática comum e recorrente entre os moradores, especialmente, os pescadores.

Não se pretende apontar qual dessas festas ou fases é ou seria mais legítima, mas problematizá-las em suas diferentes formas, interesses e temporalidades. O ato de comemorar com festa a passagem da piracema do Mandim na cidade de Sena Madureira traduz, em boa medida, a importância desse peixe na cultura da região. Se festejar o Mandim é algo tão representativo dessa comunidade, por que seu formato e a apropriação que se faz dela, passou por tantas mudanças?

Para compreensão dessa questão torna-se necessário pensar sobre o papel da memória na construção dos referentes coletivos e individuais que formam as sociedades. Segundo Thomson et al.(2006), a memória coletiva passou a fazer parte dos estudos históricos por muitos meios e formas, mas chama atenção para duas dimensões gerais: em uma delas é que a memória é invocada para subverter as afirmações da história ortodoxa e a outra é que a dimensão desses estudos ganharam impulso por sua capacidade de subverter as ideologias das memórias culturais aceitas e dominantes.

Nota-se que a memória vem sendo entendida como um campo permanente de conflitos entre coletividades e individualidades, impondo e silenciando ao mesmo tempo, porque, como afirma Portelli (2010), “há sempre uma barreira”, haverá

sempre uma linha que separa os referentes sociais e culturais, sendo de certa maneira natural que as diferentes memórias apareçam. Dada a natureza dinâmica, subjetiva e simbólica, as festas constituem-se um terreno fértil para a atuação das memórias e a definição do que deverá prevalecer enquanto o elemento identitário depende das forças em disputa nessa arena.

Ao se referir à Festa do Mandim em Sena Madureira, há uma espécie de consenso, produzido, é bem verdade, pelo discurso oficial de que esta nasceu em 1998, por intermédio da prefeitura local, à época sob a administração da ex-prefeita Antônia Vieira, com a denominação de Festival do Mandim. A proposta seria “acabar com as festinhas isoladas à beira da praia e criar um grande evento, porque o Mandim já era bem aceito” (Antônia Vieira, 2017, em entrevista). Observa-se que ao denominar “festinhas”, a ex-prefeita, intencionalmente ou não, desqualifica os festejos praticados pela população e, por outro lado, a ideia de *grande evento*, pressupõe a criação de uma estrutura controlada política e economicamente pelo aparelho estatal.

Tem-se nesse ponto um nítido conflito envolvendo memórias coletivas e individuais, e sobre esse aspecto Halbwachs (1968), citado por Pollak (1989), afirma que, além da seletividade pela qual passa a memória coletiva, é preciso também um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais. Segundo ele,

para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (POLLAK, 1989, p. 4)

Ao criar um novo formato de Festa do Mandim, a prefeitura não romperá obviamente com os pescadores e toda a lógica por eles desenvolvida na cultura da pesca, mas se apropriará apenas dos elementos que lhes sejam convenientes para legitimar a memória oficial. A passagem abaixo, retirada da entrevista com o senhor José Alves, empresário local e um dos idealizadores da Festa do Mandim em 1998, é bastante ilustrativa para se pensar esse ponto:

Primeiro, a gente se reuniu com a colônia dos pescadores da cidade **para saber quando a piracema ia passar em Sena** e na primeira edição o presidente era seu Jerônimo. Fizemos também uma parceria com a colônia dos pescadores e **eles baixaram também o preço do Mandim e digamos assim: se o preço custava dez reais, na época da festa era para custar cinco reais**, permitindo mais pessoas participar e degustar o peixe durante os três dias de evento. (José Alves, 29/08/2016, em entrevista) [grifos nossos]

Os negritos apontam alguns dos aspectos de domínio dos trabalhadores da pesca que foram apropriados pela prefeitura para a institucionalização da festa em 1998: **o conhecimento tradicional desses trabalhadores**, indicando quando a piracema ia passar, a fim de auxiliar o poder público no agendamento do evento; e o segundo aspecto é o controle que a prefeitura passa a exercer sobre a produção do Mandim. Em outras palavras, **os pescadores devem pescar para garantir o abastecimento**, mas o controle sobre seu preço está com o poder estatal. Em um contexto diferente, Portelli (2010) diria que a linha que separa os grupos sociais está bem marcada nesse trecho, isto é, para o poder público de Sena Madureira, o pescador será sempre pescador e sua utilidade limita-se e abastecer a festa com peixe.

A partir dos relatos obtidos nas entrevistas e em outras fontes foi possível dividir o festejo do Mandim em dois momentos: o primeiro, nos anos iniciais da década de 1980, que será nomeado de tempo da piracema; e o segundo, que mistura os antecedentes da modernidade com a abertura da “estrada”, no início dos anos 1990, denominado de fase institucionalizada (1998) da festa em suas primeiras edições, período em que ela ganha visibilidade no cenário estadual.

A análise desses relatos mostrou as diferentes nuances e interesses que permearam e permeiam a festa ao longo de sua história e que, em determinados momentos, esses interesses mudam de lado conforme o contexto socioeconômico e político em que seus sujeitos de encontram. Mostrou também as contradições no processo de institucionalização da festa tanto na demarcação de sua espacialidade quanto de sua temporalidade, além de aspectos menos palpáveis, como o costume e as experiências diárias dos moradores da cidade e sua relação com o novo evento.

5.2 NO TEMPO DA PIRACEMA

O relato que segue foi retirado da entrevista com o grupo focal, que durou cerca de uma hora, realizada no dia 13 de janeiro, de 2016, na sede da Colônia dos Pescadores, em Sena Madureira, que, embora seja também uma esfera de micropoder, expressa nuances e perspectivas distintas daquelas apresentadas pelos idealizadores da Festa do Mandim, na versão oficial, marcando claramente seus referentes sociais e temporais:

A festa começou há muito tempo atrás, na década de 1980 com os pescadores na praia. Eles iam esperar a **piracema** passar, e ali mesmo na praia, tiravam os peixes das **malhadeiras**, tratavam e assavam. Com o passar dos tempos foram trazendo suas famílias e amigos em barcos e batelões. Então **a festa era feita pelos próprios pescadores** que depois de algum tempo passaram a levar violão e tocar na beira da praia ou levar seus toca-fitas para ouvirem música, tomar cerveja ou cachaça e comer Mandim assado. (Grupo Focal realizado em 09/1/2016, fala do Sr. Valdir Martins) [grifos nossos]

Ainda nessa direção, a Sra. Conceição, associada da colônia dos pescadores e também participante do grupo focal, narra o que segue:

Eu ainda era menina nova quando tudo começou. Meu pai e outros parentes e amigos subiam o rio e ficava esperando a **piracema** logo acima da praia. Quando rio começa a baixar de maio em diante vai se formando uma praia no estirão do rio e era nesse lugar que se armava as barracas, aportava os barcos e batelões para festejava a piracema. Quando a Toinha Vieira se tornou prefeita na década de 1990, mais precisamente **em 1998, a festa que não era festa, se tornou um negócio grande**. (Grupo Focal em 09/01/2016) [grifos nossos]

Os referentes sociais, temporais e espaciais presentes nas duas narrativas remetem às experiências de vida dos entrevistados e seus vínculos com a pesca local. Faz-se menção à família e aos amigos, sobressaindo as relações afetivas do grupo familiar no momento de comemoração da passagem da piracema. A temporalidade marcada em suas falas compreende suas infâncias: “há muito tempo atrás” ou “eu era menina”; e o tempo da piracema embora seja mencionado “de maio em diante”, podendo ser junho, julho ou qualquer outro mês do ano é um tempo impreciso. O tempo que se apresenta em ambas as narrativas, se refere a um tempo

que não estabelece acordo com o tempo do calendário ou do relógio humano, mas que está em sintonia com o curso e as leis da natureza.

Ao indicar a praia como espaço de realização de suas festas do Mandim, os entrevistados rompem com a lógica espacial da festa institucionalizada, que define a Praia do Amarílio como único local possível para que essa aconteça. O ato de festejar, na perspectiva desses pescadores, aponta para processos menos rígidos e mais afetivos, como disse a senhora Conceição: “Se festejava até nos barcos quando a piracema passava”. Levar a família para a pescaria, armar barraca, tratar o peixe na beira do rio e comê-lo fresquinho junto ao grupo são gestos simples, mas denotam intimidade e cumplicidade.

Os referentes espaciais presentes nos relatos acima não estão deslocados do cotidiano de muitos moradores da cidade e confirmam que o barranco, o rio, o barco ou a catraia vão além de simples estruturas materiais ou simbólicas. Eles constituem uma parte permanente da paisagem da cidade de Sena Madureira, assumindo funções indispensáveis à vida de centenas de moradores desse município e ribeirinhos mais distantes, não apenas durante a piracema, mas diariamente no ir e vir de suas vidas, como pode ser visto na imagem abaixo.

Os barrancos e as praias do lago são tão familiares para os moradores do bairro Niterói ou Segundo Distrito, que a maioria de seus habitantes dá pouca importância para a Festa do Mandim que ocorre na Praia do Amarílio.

Figura 3

Porto que liga o centro da cidade ao Segundo Distrito em Sena Madureira – Cena diária nos barrancos do rio Iaco



Fonte: Site AC24horas.

Ainda sobre os relatos acerca da Festa do Mandim, percebe-se que festejar a passagem do Mandim seria uma demonstração de alegria e gratidão pela abundância do peixe em condições muito simples e não uma oportunidade de negócio, embora seja possível que algum proveito econômico se tirasse desse momento. De qualquer forma, não seria, pelo menos nesses relatos, a maior preocupação.

Mesmo inseridos no contexto da nova fase da festa, o Sr. Valdir Martins e a Sra. Conceição Freitas, preferiram falar da festa antes da política e mesmo quando é mencionado pela Sra. Conceição que na década de 1990 a “festa se tornou um negócio grande”, ela não entra nos detalhes dessa grandeza. A nova festa parece não pertencer a essa senhora e a muitos outros pescadores do grupo. No entanto, esse mesmo grupo criticou a prefeitura quando nos anos de 2012 e 2013 a festa não aconteceu na cidade.

Observou-se durante a realização do grupo focal com esses pescadores que não há um consenso quanto à participação da colônia dos pescadores na Festa do Mandim organizada pela prefeitura. Para o Sr. Antônio Rodrigues, por exemplo, “muitas vezes se deixa de vender o peixe quando a gente pesca porque tem que reservar para o festival do Mandim e muitas vezes na festa nem se vende tudo, mas como a gente é uma associação, fazer o quê?”. (In. Grupo Focal, 09/01/2016) Sobre esse ponto, alguns pescadores já se desligaram da associação por não concordarem com a participação dela na festa.

O Mandim é um peixe muito valorizado em todo Estado do Acre, embora em Sena Madureira ele tenha adquirido uma identificação maior. Na região do Juruá e nos municípios de Tarauacá e Feijó, ele também é bastante comercializado e suas piracemas movimentam muitos pescadores e diferentes apreciadores do fenômeno. Quanto à relevância da piracema do Mandim para a cultura da região do Purus, o comentário do Sr. Raimundo N. Ferreira, morador do Ramal Km 15 do rio Cassiriam é bastante expressivo:

Hoje as piracemas são fraquinhas e num beira de longe o que foi há uns dez ou quinze anos atrás. Hoje tem piracema, mas **naquela época, era uma piracema atrás da outra**. Piracema de Mandim, jundiá, peixe grande como o surubim, bagre e todo tipo de peixe. O pessoal diz que depois que inventaram o festival do Mandim acabou o peixe e teve até umas vezes que faltou Mandim nessas festas. Mas esse negócio de ter muito peixe depende da alagação. **Em época de alagação grande** sempre tem muito peixe porque água traz eles e muitos ficam aí nos gapós até os rio grande encher de novo. E esse negócio de festa, tirando os crentes, quase todos que vão esperar a piracema leva pinga, mosquiteiro, isopor, barraca **e fica na altura do rio que ela vai passar mais forte** durante uns três dias ou mais comendo, pescando, bebendo e falando da vida dos outros. (RAIMUNDO N. FERREIRA, entrevista realizada em: 07/01/2018) [grifos nossos]

Sentado na mureta da varanda de sua casa às margens do Rio Purus, o Sr. Raimundo Ferreira relata calmamente sua experiência com a pesca, com o rio e com a floresta. Como nas narrativas acima, seus referentes espaciais e temporais trazem as marcas de sua vivência com a pesca e sua relação com o tempo da natureza. Ao mencionar “naquela época” e “em época da alagação”, o Sr. Raimundo faz referência a um tempo não disciplinado, um tempo fora do controle do mundo do mercado. A ideia de diminuição das piracemas parece apontar para momentos

difícies em que vive a pesca, mas ao mesmo tempo, parece tranquilizadora pois acena para a esperança de que ela voltará.

Interessante ressaltar que a institucionalização da Festa do Mandim, em 1998, não rompeu com o costume da comunidade sena-madureirense de buscar seu Mandim na própria piracema. Ao invés de esperar o peixe pescado pelos pescadores e comê-lo durante o evento na Praia do Amarelho ou em suas casas durante os três dias de evento, muitas famílias e amigos sobem o rio Iaco para realizarem suas festas particulares com o Mandim nos pontos onde a piracema passará.

Sem desmerecer a importância da Festa do Mandim enquanto evento da cultura local, a quantidade de pessoas que se dirigem no verão para os pontos onde a piracema passa é muito emblemático, dando a impressão de que a grande alegria do “folião” não está na festa mas na piracema e no impacto físico e simbólico que ela produz em quem dela participa. A imagem abaixo foi feita pela jornalista Charlene Carvalho durante a piracema de Mandim em Sena Madureira, no ano de 2013, que, como muitas outras pessoas vai à espera da piracema. Em seu blog, ela narra algumas de suas impressões sobre o fenômeno e chama a atenção para a riqueza de aspectos que a piracema proporciona.

Figura 4
Piracema de Mandim em Sena Madureira



Fonte: Blog Cipó Digital.

Nessa imagem a jornalista destaca o trabalho dos carregadores de peixe na subida do barranco. Na caixa de madeira é possível identificar que se trata de mandims capturados durante a piracema, em razão de sua cor, de seu formato e pelos expansivos esporões que saltam da caixa. Chama a atenção também na imagem a disposição das canoas e o movimento de pessoas na beira do barranco, cenas que se repetem a cada piracema.

5.3 NO TEMPO DO CALENDÁRIO/RELÓGIO

A institucionalização da Festa do Mandim por parte da prefeitura no ano de 1998 não está apartada da lógica recente de desenvolvimento capitalista, que teve na construção da Rodovia Transamazônica, na década 1970, seu nascedouro. Com o objetivo de “conquistar” a Amazônia e integrá-la ao resto do país, os militares

planejaram uma obra monumental, a Rodovia Transamazônica⁵. Passados 40 anos, pouco mais da metade desse projeto foi concluído, mas os custos humanos e ambientais foram incalculáveis, contribuindo para precarizar ainda mais a vida das populações dessa região. Não é certamente esse o objeto do estudo, mas as influências desse projeto produziram e continuam a produzir fortes impactos na estruturação das culturas dessa região.

Os anos de 1980 e início dos 1990 marcaram, por meio da “estrada”, a ligação do Acre ao restante do Brasil através da BR-364 e, internamente, na década de 1990. A abertura das estradas, interligando por meio do asfalto a maioria das cidades acrianas, facilitou e aproximou os contatos e trocas culturais. O acesso à cidade de Sena Madureira, propiciado pelo transporte terrestre, foi decisivo para a criação do Festival do Mandim. Como afirmou o senhor José Alves, “Sena Madureira fica no eixo Rio Branco – Cruzeiro do Sul, pela BR-364, e isso facilitava a vinda de turistas para a cidade com o Festival do Mandim”. (entrevista realizada em 29/08/2016)

A estrada mudou radicalmente a vida e a paisagem (NOGUEIRA, 2008) da cidade, que, a partir desse momento, experimentou com intensidade a circulação de carros transportando pessoas e mercadorias de distintas partes do Estado e do restante do país. Como disse o senhor José Félix, comerciante antigo da cidade, “Em 1997 a crise acabou. Com o asfalto acabou a opressão, porque as pessoas não precisavam mais esperar na fila para comprar uma botija de gás, por exemplo, e poderiam ir e voltar de Rio Branco a hora que quisesse” (entrevista realizada em 20/10/ 2016).

Na fala e nas expressões corporais e gestuais do senhor José Félix, notou-se um entusiasmo quanto à chegada do asfalto, visto por esse como sinônimo de progresso e desenvolvimento, embora para a maioria dos moradores a exploração continuasse. As longas, cansativas e caras viagens de toyotas para a capital não eram atrativos para grande parte da população situada às margens da BR 364. Mas quanto às novas opções de lazer na região, antes mesmo da inauguração do asfalto que liga Sena Madureira a Rio Branco, ainda na estrada de barro, muitas pessoas

⁵ Disponível em: <http://pre.univesp.br/transamazonica#.WTIIJ_krLIU> Acesso em: 8 jun. 2017.

passaram a frequentar a cidade, especialmente nos meses de agosto e setembro, para se refrescar nas praias do rio Iaco.

As narrativas apresentadas nessas primeiras linhas sugerem uma tênue relação entre capital e cultura. Para Nogueira (2008), as culturas Amazônicas, até então submersas no atraso e incivilidade, foram “descobertas” pelo capitalismo e gradativamente passaram a ser integradas ao contexto nacional sob a forma de produtos culturais. Na competição dos nichos, o Mandim se apresenta ao mercado como um potencial a ser explorado, cultural e economicamente, desde que trabalhado na perspectiva do campo simbólico, no qual os sena-madureirenses se sentissem identificados com o peixe, tanto em sua representação cultural quanto no âmbito do próprio alimento.

Os chamados festivais de praia foram sistematicamente ampliados na região Amazônica, a ponto de muitas das festas que antes estavam no ciclo junino da região se deslocaram para o período de estiagem, como é o caso do Sairé do Alter do Chão, no Pará, a fim de atrair ainda mais os turistas. (NOGUEIRA 2008) Na verdade, esse é um fenômeno cada vez mais frequente no que tange às festas populares, ou seja, o poder público negocia com empresários e “fazedores de cultura” o tamanho do empreendimento, transformando bens simbólicos e culturais em mercadoria de consumo, sendo a culinária, a música e a praia o tripé do “novo” e vantajoso negócio.

Por integrarem mais facilmente ao mercado capitalista, na forma de produtos destinados aos turistas e por se ajustarem mais rapidamente aos interesses mercadológicos, os festivais de praia foram adquirindo maior projeção, em comparação com as festas religiosas.

As agências de turismo logo incluíram as praias e a festa do Sairé de Alter do Chão no roteiro dos turistas. A procissão e outras atividades de cunho religioso eram realizadas na praça próxima à praia e logo passaram a ser frequentadas por banhistas em roupas sumárias e alcoolizados. É possível identificar que os comunitários, que há 300 anos organizavam a festa, não concordavam, ao menos os mais velhos, com o excesso de profanação do evento. Em 1994 essas atividades foram transferidas para o centro da vila, distante da praia, para que fosse ressaltado o lado religioso do tradicional Sairé. (NOGUEIRA, 2008, p. 154-153)

Para Nogueira, as culturas correntes na Amazônia estão hoje no foco dos meios de comunicação modernos, sendo a própria Amazônia uma marca fetichizada. Segundo ele, modos de vidas e festas populares terão em qualquer lugar, espaço privilegiado na mídia, mas na Amazônia tudo ganha dimensões maiores graças aos interesses de leitores, internautas, turistas, ambientalistas e anunciantes. “Quem investe em cultura popular na Amazônia está agregando à sua marca um produto conhecido em todo planeta: a própria Amazônia”. NOGUEIRA (2008, p. 53)

Em direção semelhante, Matos (2010) dá conta da força dos aparatos econômicos e midiáticos na ressignificação das culturas, tomando como referência para análise a festa do Círio de Nazaré, em Belém do Pará. Segundo essa autora, a intensificação da globalização econômica e técnica dão à cultura, mais especificamente às festas populares, lugar de destaque na dinâmica sociocultural. Ressituadas por novos aparatos técnicos e apelos turísticos, essas festas tornaram-se grandes atrativos ao mercado de bens e serviços culturais, via de regra, apoiadas por instituições públicas em consonância com agências privadas interessadas em lucros. (MATOS, 2010)

Por outro lado, nenhuma festa sobreviveria se apenas o aspecto econômico fosse evidenciado, aliás, para que essa se sustente, é necessário recorrer a outros aspectos, como o religioso, o simbólico ou mesmo algum elemento da natureza, porque esses campos operam na subjetividade e na sensibilidade do ser humano. Ninguém diz que vai para uma festa só para gastar, embora isso ocorra com naturalidade, porque para experimentar uma comida diferente ou adentrar determinados espaços da festa, há que se ter dinheiro. O fato é que a motivação da festa, ou para a festa está em suas potencialidades lúdicas e subjetivas, as quais são certamente, potencializadas e manipuladas pelo desejo de consumir.

Na década de 1990, no Acre, ocorreu a expansão dos festivais de praia dos quais a Festa do Mandim ou Festival do Mandim é resultado, impulsionados por outros festivais na Amazônia, como o Festival de Parintins, que atingiu seu apogeu nessa década, de Alter do Chão/PA e o Festival dos Peixes Ornamentais, em Barcelos/AM, que não deixam de ser frutos de experiências pós-modernas em regiões subdesenvolvidas. Nesse período, pelo menos, a metade dos municípios acrianos adotaram esse modelo de festa em suas localidades, dando visibilidades

ao que tinha de melhor em suas culturas (festival do açaí em Feijó; do abacaxi, em Tarauacá; do Pirarucu, em Manoel Urbano; do Amendoim, em Senador Guimard), além dos famosos festivais de Brasileia, Plácido de Castro e Boca do Acre, na divisa com o Amazonas.

No mosaico abaixo, encontram-se imagens de alguns desses festivais que acontecem no verão acreano anualmente, sendo responsáveis por grande movimentação de pessoas nas estradas do Estado, motos, automóveis, ônibus e vans fretadas. Em alguns municípios esses festivais continuam muito vivos, em outros, sofreram interrupções ou deixaram de acontecer nos últimos anos, motivados por outras tendências culturais. Na imagem abaixo, o festival de Boca do Acre, na divisa do Acre com o Amazonas, realizado no ano de 2014 e que já estava em sua 18ª edição, mostrando a força que o evento tem na região.

Figura 5
XVIII Festival de Praia de Boca do Acre



Fonte: Blog Purus On Line.

Não há informações sistematizadas acerca desses festivais, principalmente em suas primeiras edições, exceto em alguns poucos noticiários de jornais, fotos antigas de acervos pessoais e as memórias de organizadores e participantes desses eventos. Sobre esse ponto, a Sra. Lívia Hoyle, em entrevista, afirma que no início

dos anos 1990, por influência de um espaço flutuante (barco ancorado no porto ambientado para atividades de lazer) da cidade de Rio Branco, seu pai montou também um desses flutuantes em Sena Madureira, nas proximidades do porto, que, principalmente no verão, atraía muita gente para beber e dançar em contato com a natureza, podendo estar aí as bases para os futuros festivais do Mandim na cidade.

Tudo começou entre 1993-1994 quando meu pai decidiu estruturar um flutuante. Meu pai é peruano e por muito tempo trabalhava rio acima rio abaixo fazendo o transporte de mercadorias por água e passava por vários portos Manaus, Boca do Acre, Rio Branco... porque não havia ainda estrada. Nessas viagens ele conheceu o flutuante de Rio Branco e pensou: “em Sena Madureira isso poderia ser um bom negócio”. Começou então com o apoio de uns amigos, parentes e alguns funcionários limpar a praia do lado do porto e montou seu barco. No começo só vendia bebida (não havia outra cerveja aqui, só Antártica. Na verdade havia também Schin, mas ninguém gostava) e fazia tira gosto de peixe. O sucesso foi tão grande que o dono da distribuidora propôs ajudar meu pai melhorar e ampliar o espaço para fazer festa com som ao vivo e tentar vender a outra cerveja. O povo de Sena começou a tomar Schin por intermédio do barco de meu pai, mas houve também muita confusão porque os donos de bares denunciavam e acusavam meu pai de estar poluindo o rio já que o esgoto do barco era solto no rio, mas ia lá para baixo e ninguém nem sabia. Tentaram até fechar o flutuante, mas a briga toda era porque o movimento deles enfraqueceu. O flutuante só funcionava no final de semana e durante o inverno o flutuante ficava ali perto da praça porque o rio sobe e água chega naquele barranco. Teve uma época que devido à procura, meu pai começou abrir nas quintas-feiras à noite com som ao vivo, bebida, tira gosto, era o boom do momento. Então quando a Toinha Vieira decidiu fazer o festival do Mandim ela já sabia que o povo de Sena gostava desse tipo de festa. (LÍVIA HOYLE, entrevista realizada em 18/5/2017)

A praia como espaço de lazer é desdobramento da nova modalidade de festa na região e no relato da Sra. Lívia Hoyle. Esse aspecto fica bastante marcado em outras entrevistas, principalmente entre os idealizadores da Festa do Mandim no tocante à necessidade de promover alternativas de lazer em Sena Madureira. O rio, o barco, o barranco e a praia passam a compor, dessa forma, o novo cenário festivo da cidade, inaugurando um novo tipo de lazer. A introdução do peixe nessa festa foi, contudo, o grande diferencial.

Nota-se que essas festas foram promovidas a partir de uma tendência conjuntural, nesse caso, dos festivais de praia, cuja centralidade não está

propriamente em um objeto construído e consolidado historicamente pelos membros dessas comunidades, mas adaptado ou “inventado”, como afirmam Hobsbawm & Ranger (1997), para se adaptar ao mercado de entretenimento. Diferentemente de uma conjuntura momentânea, as festas religiosas seguem rigorosamente o calendário universal da Igreja católica, cuja alteração na data implica mudança do sentido da homenagem, pois “cada dia, é dia de um santo”.

Comemorar o dia 8 de dezembro em Sena Madureira não é a mesma coisa que comemorar o dia 9 desse mesmo mês. Dia 8, segundo o calendário oficial da Igreja Católica, é dia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, enquanto dia 9 é dia de São Juan Diego, que não tem, do ponto de vista religioso simbólico, nenhuma relação com a cidade. Naturalmente, definir os dias “de santo” não é objeto desse estudo, mas esse exemplo foi apenas para ilustrar a questão dos sentidos produzidos em cada festejo. Não é também o objetivo aqui discutir qual tipo de festa é mais ou menos importante, mas refletir para as nuances que cada evento cultural adquiriu nos diferentes tempos e espaços.

5.4 NO TEMPO DA POLÍTICA ENTRA A ECONOMIA LÚDICA DO SABOR

Para situar o lugar ocupado pelo peixe, denominado popularmente em Sena Madureira de Mandim, desenvolveu-se a categoria de análise, *economia lúdica do sabor*, em analogia ao estudo intitulado: *Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré*, desenvolvido pela pesquisadora Lucília da Silva Matos, em 2010. Nesse trabalho, a autora discute a força da mídia, a aliança entre o poder público e os empresários locais, juntamente com a Igreja Católica, para a construção de uma identidade paraense em torno do evento. Ao transformar a então simples festa em espetáculo, Belém passa a atrair a cada ano um número maior de devotos/turistas, fazendo explodir um dos mais lucrativos negócios do momento, a indústria do entretenimento. A economia lúdica, nessa perspectiva, diz respeito aos processos econômicos de produção, circulação e consumo de produtos, imagens, mensagens e práticas e práticas simbólicas presentes no espaço/tempo de alguns eventos populares. (MATOS, 2010)

Por meio dessa categoria, buscou-se entender o movimento produzido pelo poder público e privado de Sena Madureira, a partir de 1998, no sentido de agregar

valor cultural e comercial ao Mandim, visto que até então esse peixe figurava entre outros peixes, no cardápio dos sena-madureirenses. Certamente havia uma relativa preferência pelo seu consumo, mas nada de extraordinário. No entanto, a oficialização do evento, deu ao peixe *status* diferenciado. Esse festival se inseria em um conjunto maior de eventos dessa natureza que se espalhou pela Amazônia ao longo dos anos 1990.

A institucionalização da Festa do Mandim, em 1998, foi, de certo modo, uma decisão política, mas seu objetivo maior era econômico, como pode ser observado no depoimento do Sr. José Alves.

O Festival do Mandim começou em 1998. Depois foi mudando. Festa do Mandim e hoje já é festival do peixe. A cidade de Sena Madureira sempre foi conhecida pela cultura da pesca do Mandim e aí, eu, o José Vieira esposo da então prefeita Toinha Vieira, achamos que, criar a Festa do Mandim seria uma forma de **atrair turistas** para Sena Madureira. O Acre é muito carente em eventos e por isso a gente achou que por ser um município próximo da capital, só 140 km, poderia atrair turista para cá com a Festa do Mandim. **O Mandim era e ainda é um peixe muito cobiçado** e por esse motivo achávamos que atrairia. (JOSÉ ALVES, entrevista realizada em 29/8/2016) [grifos nossos]

Os negritos na entrevista sugerem objetivos muito claros com a festa por parte do poder municipal local: atrair turistas a partir do marketing realizado em torno do sabor característico do mandim de Sena Madureira. O entrevistado faz uma referência relativamente tímida acerca da cultura da pesca, mas por outro lado, deixa explícito que o interesse maior é econômico. Em direção semelhante, tem-se outro relato:

O festival do Mandim iria beneficiar muitas pessoas. Aqueles trabalhadores diários da pesca em sua maioria associados da Colônia dos Pescadores local, empresários da cidade, proprietários de hotéis, lanchonetes, lojistas e donos de distribuidoras. Além disso, pequenos vendedores ambulantes como picolezeiros, quibeiros e donos de banquinhas tiravam seu dinheiro nos três dias de evento. Então veja professora: a **festa atraia muitos turistas** e movimentava a própria cidade com mais dinheiro. (ANTÔNIA VIEIRA, ex-prefeita de Sena Madureira, entrevista realizada em 27/2/2017) [grifos nosso]

Nota-se nessa narrativa que o objetivo da ex-prefeita era atingir o maior número possível de pessoas do ponto de vista econômico com a festa, situando

claramente os sujeitos a se beneficiar economicamente com o evento a partir da chegada dos turistas. Da mesma forma que na narrativa anterior, a ideia de atrair turistas para o evento assume uma dimensão bastante significativa. Em um trecho dessa mesma entrevista, a ex-prefeita insinua sua preocupação com as possibilidades de lazer para a comunidade sena-madureirense:

Buscava-se criar um contexto novo de lazer e entretenimento e a Festa do Mandim conseguiu esse objetivo, pois além de beneficiar os pescadores locais, beneficiava os comerciantes e a população de um modo geral que reivindicava a criação de espaços e ambientes de lazer e diversão. (ANTÔNIA VIEIRA, ex-prefeita de Sena Madureira, entrevista realizada em 28/2/2017)

Ainda sobre o surgimento da festa do Mandim, o Sr. José Alves, empresário local e um dos articuladores da institucionalização, narra o seguinte:

A festa sempre ocorria próximo ao aniversário da cidade e às vezes coincidia com ele. Na verdade, **a festa ocorre na Piracema e a piracema não tem data definida, pode ser antes ou depois, mas é sempre entre agosto e setembro.** Porque é nessa época que tem a fartura do peixe e essa fartura depende também das enchentes. Quando tem muita enchente, tem muito peixe e quando não tem alagação, o peixe diminui. (JOSÉ ALVES, entrevista realizada em 29/8/2016)

Observa-se na fala do Sr José Alves a motivação bastante clara para criar a Festa do Mandim: “atrair turistas”. Não cabe aqui juízo de valor acerca de tal objetivo, mas apenas uma reflexão sobre o que foi a festa e o que ela pode vir a ser. Ao contrário das narrativas anteriores, o surgimento da festa nesse novo contexto, 1998 tem data oficialmente definida, como todo evento institucionalizado pelos aparelhos de Estado. Há, no entanto, pontos de convergências nas falas, como a clareza de que a festa deva ocorrer na piracema e que esta é sinônimo de fartura de mandim.

Não se pode negar o interesse econômico em torno desse evento festivo. O fato de a prefeitura articular a organização da festa com empresários locais foi um indício desse interesse, o que é compreensível na perspectiva de que toda sociedade necessita também de lazer, e este tem um custo. Ao afirmar que Sena Madureira sempre foi conhecida pela cultura da pesca do mandim, o Sr. José Alves sugere a existência de uma identidade ou uma característica que é própria dessa

cidade, e nesse sentido, explorá-la como elemento turístico seria uma maneira de movimentar a economia local. A chamada cultura do mandim insinua, ao mesmo tempo, a existência de uma particularidade regional/local.

No conjunto das entrevistas e suas análises, um ponto chamou bastante a atenção: a suposta relação entre o aumento do peixe na piracema e o fenômeno da alagação (enchente). Nos relatos do Sr. Raimundo Ferreira, morador do Purus, esse aspecto aparece muito marcado e no trecho abaixo, ele parece se repetir:

É nessa época da piracema que tem a fartura do peixe e essa fartura depende das enchentes. **Quando tem muita enchente, tem muito peixe e quando não tem alagação, o peixe diminui.** Depois que a festa começou, algumas pessoas diziam assim: Depois que começou essa festa o Mandim desapareceu e isso não é verdade, pois o Mandim depende da quantidade de água. **Quando tem muita água, tem muito Mandim, mas quando não tem água, tem pouco Mandim,** então percebe-se que **essa cultura está muito ligada a natureza** e a fartura do Mandim tem a ver com isso. (MÁRCIO FARIAS, entrevista realizada em 10/10/2016)

Nas falas dos entrevistados percebe-se a convicção de que a abundância do peixe está relacionada às grandes enchentes e, sem querer duvidar do conhecimento que esses têm acerca dos desdobramentos da alagação quanto ao aumento do peixe, tem-se uma discussão que vai em direção contrária a esse pensamento, conforme abordagem que segue. Em artigo sobre comunidade de peixes no Rio das Mortes (MT), Silva, Melo e Vênere (2007), afirmam que trechos onde a água é mais lenta ou mesmo parada como as enseadas, por exemplo, apresentam-se como ambientes mais estáveis, exigindo menos gasto de energia dos organismos, isto é, dos peixes, que, do contrário, poderiam ser obrigados a migrarem para outros locais.

Além disso, a característica lântica facilita a decantação de fragmentos lenhosos advindos da vegetação marginal. Isso permite a formação de ambientes mais ricos em microhabitats, que são utilizados como abrigo contra predadores por muitas espécies de peixes. Os recursos alimentares alóctones, como insetos terrestres, frutos, sementes, folhas e flores, também podem ficar mais tempo disponíveis para os peixes, uma vez que não são rapidamente carregados rio abaixo (SILVA et al, p. 490, 2007)

Observa-se que a abordagem desses autores vai em direção oposta à ideia apresentada por alguns habitantes locais, que atribuem a abundância de água gerada pelas alagações ao aumento os peixes. Esse não é certamente o objeto em questão, mas acena para a necessidade de se lançar um olhar diferenciado sobre a possível relação entre aumento de peixe e alagação nessa parte do Brasil. Por outro lado, pouco importa para o poder público saber as causas do aumento de peixe e sim entender as formas de melhor se apropriar desse alimento para obter mais lucros.

Para os idealizadores da festa oficial, a questão econômica deve sobrepujar os aspectos biológicos, ecológicos ou mesmo cultural. Evidente que é difícil mensurar os graus de satisfação da população quanto à importância da festa para o contexto social, cultural, político e mesmo econômico, dado os diferentes olhares e visões que se projetam sobre ela nos distintos momentos em que ela ocorreu. Vale destacar, contudo, que, embora a Festa do Mandim seja um evento que produz impacto econômico na cidade, em um período específico, é óbvio que a economia desse município, de um modo geral, depende de outras atividades.

Os referentes sociais extraídos das duas narrativas situam o turista como sujeito mais importante dentro do processo de institucionalização da festa e mesmo que pescadores, vendedores ambulantes, picolezeiros, lojistas, dentre outros, sejam citados, estes ocupam lugar periférico nos planos e interesses da prefeitura com a festa. Os referentes espaciais e temporais de suas falas, dizem respeito aos possíveis espaços de lazer para a população de Sena Madureira em determinadas épocas do ano, visto que no inverno nessa região, ficam escassas as alternativas. Nesse sentido, a praia e todo seu entorno durante o verão se apresenta como espaço a ser potencializado, mas não inovado, uma vez que a praia já era “velha conhecida” dos sena-madureirenses, seu espaço foi apenas adaptado às novas formas de lazer e entretenimento.

Se forem desconsiderados os sentidos do apagamento de certas memórias que circundam a trajetória das festas do Mandim, dir-se-ia que a prefeitura acertou em criar a Festa do Mandim, em 1998, dada a visibilidade que a cidade passou a ter, principalmente em termos turísticos. O turista, de um modo geral, é aquela pessoa que se desloca para outras regiões, a fim de passar momentos de lazer, conhecer

outras culturas, constituindo-se um potencial consumidor de bens e serviços e, dentro de uma lógica capitalista, um sujeito indispensável ao sistema.

Embora os interesses econômicos estejam no centro da Festa do Mandim nessa fase, é importante pontuar a construção da identidade sena-madureirense em torno do peixe. Escuta-se falar que o mandim seria um peixe tradicional, invocando uma suposta tradição. E o que seria tradição? Para Luvizotto (2010), tradição é um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo cujo objetivo é desenvolver o sentimento identitário em uma determinada comunidade.

De acordo com Hobsbawm e Ranger (1997), toda tradição é uma invenção que surgiu em algum lugar do passado, podendo ser alterada em algum lugar do futuro. É possível ainda para esses autores que a maioria das tradições seja inventada e formalmente institucionalizada, como mecanismos de controle pelos grupos dominantes.

A invenção de tradições ocorre quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as 'velhas tradições' foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta. (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 12-13)

Não se pretende afirmar que a Festa do Mandim foi inventada simplesmente como tradição pelos grupos que estavam no comando do poder municipal, em 1998. No entanto, pelo menos em parte, sua institucionalização segue a lógica de transformações socioeconômicas ocorridas na região, que implicaram a adesão de um formato diferente de festas. Se até o início dos anos 1990 predominou no Estado as festas de padroeiros, a partir de então, boa parte das festas acreanas passam a evidenciar e valorizar aspectos mais palpáveis e em consonância com as demandas do mercado consumidor e, assim, a ideia de explorar o potencial culinário do mandim se inseriu nesse contexto.

Quando se considera que cultura abarca todas as dimensões da existência humana e nelas incluem suas crenças, valores, técnicas, modos de sobrevivência e organização social, percebe-se que toda análise nesse campo será sempre provisória. O aspecto econômico que direcionou a oficialização da Festa do Mandim não pode ser pensado isolado e apartado do processo de formação histórica do povo dessa cidade. Para Williams (1979), na maioria das descrições e análises, cultura e sociedade são expressas em um passado habitual, como se o presente não carregasse o passado.

A mais forte barreira ao reconhecimento da atividade cultural humana é essa transformação imediata e regular da experiência em produtos acabados. O que é defensável como um procedimento na história consciente, onde segundo certas suposições pode-se considerar muitas ações como concluídas, é habitualmente projetado, não só na substância sempre em movimento do passado, mas na vida contemporânea, na qual as relações, instituições e formações em que estamos ainda ativamente envolvidos são transformadas, por esse modo de procedimento, em todos formados, e não em processos em formação e formativos. (WILLIAMS, 1979, p. 130)

Em que pese o interesse pela lucratividade, confirmado nas permanentes alianças entre empresas e o poder público para a institucionalização dos novos eventos, reminiscências culturais e simbólicas fazem com que os indivíduos, conscientes ou não, reivindicuem uma identidade própria. Essa identificação decorre de um processo de seleção realizado pelos próprios indivíduos, normalmente marcado por tensões, visto que, ao selecionar o que deve entrar na tradição, acaba-se por excluir ou negligenciar outras práticas existentes.

Para a concretização de seu objetivo, a indústria cultural se apropria desses campos simbólicos, atentando para aquilo que os indivíduos consideram importantes na composição da tradição e trabalha sutilmente esse sentimento sociocultural, pois os indivíduos precisam sentir-se identificados para, assim, propagandear a originalidade do produto a ser vendido. Como porta-voz da comunidade, o poder público, por meio do discurso, legitima a tradição popular e ao mesmo tempo, apropria-se da sabedoria tradicional para produzir a novidade a partir do antigo.

As “modernas tradições” nada mais são que velhas manifestações culturais já existentes, que, após um toque de modernidade, ganham contornos de novo, para

poderem, dessa forma, ser aceitas por um público cada vez mais exigente e ávido por novidades. O turista, principal alvo desse empreendimento, quer experimentar o diferente, o exótico, sendo a culinária um dos campos mais explorados, e não por acaso, a indústria gastronômica é uma das que mais tem crescido no mundo, movida por esse desejo de provar o gosto da diferença, sendo o “sabor” do mandim produto desse processo.

Os anos de 1990 redimensionam muitos dos sentidos das festas populares no Brasil, sendo a articulação entre os domínios simbólicos da cultura e os valores monetários um ponto importante. Segundo Farias (2005), o encontro entre cultura e economia capitalista, nas festas, tem correspondência no agenciamento de modos de vida e de expressão culturais que, situadas nos domínios da memória, faz com que, cada vez mais a indústria do entretenimento se aproprie dos símbolos e representações lúdico-artísticas regionais (memórias) por meio de forte marketing, para unir aquilo que o autor chama de ócio e negócio.

No Brasil, hotéis, *shoppingcenters*, restaurantes, lanchonetes, aeroportos, aviões, automóveis, marinas, casas de espetáculos e de danças, meios de comunicação eletrônicos, agências de viagem, empresas de transportes, entre outros, ambientam-se às singularidades geográficas e étnico-históricas regionais, na contrapartida do desencaixe destas últimas dos enraizamentos locais, regionais e nacionais e o encontro entre cultura e economia capitalista, nessas festas, tem contrapartida no agenciamento de muitos meios de vida e de expressão referidos a domínios de memórias étnicos, de classe e etários semelhantemente variados. (FARIAS, 2005, p. 665) [itálicos do autor]

Olhar a festa como negócio foi um aspecto bastante explorado por Farias (2001). Para ele, a conexão estabelecida entre posições simbólicas populares referendadas em identidades regionais articuladas ao consumo de bens culturais tem sido um ponto forte dos novos entretenimentos. Em direção semelhante, Amaral (1998) destaca o forte apelo turístico que essas festas passam a exercer, especialmente quando apresentam particularidades regionais e isso em sua concepção, tem sido um fator preocupante, em alguns casos perigosos para a preservação do patrimônio imaterial presente em muitas festas. A preocupação com o que se pode arrecadar nesses eventos mobiliza instituições, pessoas e interesses, esvaziando, muitas vezes, o sentido da própria festa. Nas palavras dela:

Este caráter 'útil', 'funcional' está presente de modo mais definido nas festas que foram estabelecidas mais recentemente. Ele já se fez presente, como vimos, nas festas do período colonial, mas sua funcionalidade e seus benefícios eram revertidos para o Estado e a Igreja. Com o advento da República e a secularização (relativa) da sociedade, o povo parece ter se apropriado da lógica da festa colonial utilizando-a em benefício próprio. (AMARAL, 1998, p. 120)

Não por acaso, um exemplo dessa utilidade são os chamados festivais de praia, que foram sistematicamente ampliados a partir dos anos 1990, em toda região Amazônica. Muitas das festas que antes estavam no ciclo junino da região se deslocaram para o período de estiagem, como é o caso do Sairé do Alter do Chão, no Pará, a fim de atrair ainda mais os turistas. Na verdade, esse é um fenômeno cada vez mais frequente no que tange às festas populares, ou seja, o poder público negocia com empresários e "fazedores de cultura" o tamanho do empreendimento.

Nessa lógica, o mercado de entretenimento, em sua corrida desenfreada por lucros, vem transformando bens simbólicos e culturais em mercadoria de consumo, sendo a culinária, a música e a praia o tripé do novo e vantajoso negócio. Por integrarem-se mais facilmente ao mercado capitalista na forma de produtos destinados aos turistas e por se ajustarem mais rapidamente aos interesses mercadológicos, os festivais de praia têm adquirido maior projeção, em comparação com as festas religiosas.

O fascínio que a Amazônia desperta no estrangeiro constituiu em um indicativo de que se poderia lucrar muito com os festivais de praia, visto que cada localidade apresenta suas particularidades; e como o turista está em busca de novidade, esses festivais acabaram por se propagar por toda Amazônia. Para Nogueira (2008), as culturas correntes na Amazônia estão hoje fortemente evidenciadas nos meios de comunicação modernos, sendo a própria Amazônia uma marca fetichizada. Segundo esse autor, modos de vidas e festas populares terão, em qualquer lugar, espaço privilegiado na mídia; mas, na Amazônia, tudo ganha dimensões maiores, graças aos interesses de leitores, internautas, turistas, ambientalistas e anunciantes, graças às suas peculiaridades. "Quem investe em cultura popular na Amazônia está agregando à sua marca um produto conhecido em todo planeta: a própria Amazônia." (NOGUEIRA, 2008, p. 53)

Nesse mercado de saberes e fazeres tradicionais, a Festa do Mandim assegura seu espaço, inserida no contexto de afirmação dos produtos locais/regionais a encantar turistas e aquecer a economia local. Sua institucionalização está também associada a interesses do município na concorrência com outras cidades, para a valorização da cultura nativa, para atrair o público. Reivindica-se rapidamente a especificidade do mandim: “o melhor mandim da região”, produzindo-se uma marca/produto.

A ideia de atrair turistas para Sena Madureira pode ter diversas interpretações, mas há que se considerar seu papel na autoestima de sua população, visto que um ano antes (1997) a cidade sofreu a maior alagação de sua história, estando às marcas de sofrimento expostas em várias situações: comerciantes perderam suas mercadorias; plantações foram destruídas; as sedes dos principais órgãos administrativos foram inundadas, inclusive a prefeitura. Assim, a festa poderia ser um meio de trazer a alegria de volta à sua população, como ocorreu com os blumenauenses, em 1984, com a criação da Oktoberfest, uma das maiores festas atualmente no Brasil, atraindo em média 700 mil pessoas por edição.

5.5 ESTRUTURANDO A FESTA DO MANDIM INSTITUCIONALMENTE

Na perspectiva de sua espacialidade, onde ocorreria a Festa do Mandim sob a tutela da prefeitura? Embora o uso da praia já constituísse uma prática entre pescadores e a população que frequentava o flutuante, seria fundamental projetar e produzir uma estrutura material capaz de acomodar satisfatoriamente todos envolvidos, principalmente os turistas que precisavam ser bem acolhidos.

Para a então prefeita da época, Toinha Vieira, não haveria problemas quanto ao local, porque os pescadores, seus amigos e parentes já estavam acostumados a se reunirem nas praias e barrancos para se divertir; mas por se tratar de um evento que envolveria muitas pessoas era necessário um local de fácil acesso e próximo da cidade, de preferência dentro dela, mas isso só seria possível no início da estiagem, quando as águas baixassem.

Com a chegada do verão, em todas as edições das festas, a rotina se repete com o início dos trabalhos de limpeza da área, tendo o suporte de tratores de esteira e retroescavadeiras para a retirada de paus e troncos de árvores, conhecidos como

balseiros, trazidos pela água durante o inverno⁶. Depois dessa ação, detritos menores, como folhas, pequenos talos e outros são recolhidos por trabalhadores da limpeza vinculados à prefeitura, para, na sequência, realizar o serviço de terraplanagem da área.

A preocupação com a estrutura e organização do local, sempre foi o ponto mais problemático da festa, porque o ambiente de um festival de praia, demanda a existência natural ou artificial e isso só é possível no verão. Mais uma vez se percebe as contradições que envolvem a Festa do Mandim: organizar um evento cultural do calendário depende de datas previamente definidas, mas que no caso não há como prever exatamente a piracema, condição fundamental para abundância do mandim.

Na fala do Sr. José Alves, a questão da distância era um ponto muito importante a ser considerado, bem como o acesso para a praia, que deveria ser curto e fácil, a fim de estimular o ir e vir das pessoas durante os três dias de festas. Isso também facilitaria a montagem das barracas e o palco onde, normalmente, ficam os cantores e as autoridades. Em relação ao palco, embora se justificasse sua existência, ele parece destoar completamente de seu propósito e para o tipo de evento para o qual ele foi montado. Quem nele sobe é apenas para cumprir uma utilidade na festa, porque o lugar de diversão nessa festa é o solo, a areia da praia, o barranco, ou seja, é no “baixo”.

As contradições ou as dificuldades que cercam Festa do Mandim são sempre aspectos importantes a se terem em mente e neles insistir, porque sua preparação parte dos órgãos oficiais demanda planejamento e, mesmo assim, escapa ao controle de seus idealizadores. Esse tipo de evento depende fundamentalmente da natureza e, nesse caso, principalmente do peixe e da praia. O primeiro depende da piracema, um tempo não controlado pelas instâncias de poder; e o segundo, depende da estiagem, um evento natural de tempo também relativamente impreciso. Sabe-se que ela virá, mas momento exato é difícil precisar.

Por outro lado, é preciso o mínimo de negociação entre prefeitura e pescadores para que o evento possa acontecer. Não por acaso, a primeira ação da prefeitura

⁶ Balseiros – expressão utilizada na região pelos moradores para se referir aos troncos de árvores, galhos e outros restos e dejetos animais e vegetais carregados pelas correntezas dos rios amazônicos durante o período invernos.

quanto à organização da festa é estabelecer o contato com a colônia dos pescadores locais, para assegurar a previsão de pescado para o período de ocorrência do evento e seu abastecimento. Nota-se que o tipo de evento a que a prefeitura se apropriou possui dimensões extremamente imprecisas, o que dificulta seu controle. Em relação a essa “dependência” da natureza, houve um fato, em uma das edições da festa que ilustra bem isso.

No ano de 2008, a prefeitura de Sena Madureira teve que encomendar mandim de Boca do Acre, uma cidade do Amazonas que faz fronteira com o município, para garantir o peixe na festa, porque a piracema chegou fraca em Sena Madureira. Assim, para evitar uma possível falta do peixe na festa, a prefeitura, por intermédio da colônia dos pescadores, viabilizou essa demanda trazendo o peixe de Boca do Acre para abastecer as demandas produzidas pela festa. Porém, mesmo com essa ação, faltou peixe, o que causou insatisfação entre alguns foliões que alegaram vir para a festa por causa do mandim e não encontraram o peixe. Esse fato levou algumas pessoas na cidade a cogitar que a escassez do mandim decorria das festas sucessivas.

Está se falando aqui apenas dos aspectos que antecedem o evento propriamente dito. Durante os três dias em que ele acontece é também desafiador para o aparato estatal, especialmente a polícia. Por ser uma estrutura aberta cercada de barrancos que dão acesso a diversos becos, controlar e intervir nos excessos é uma tarefa quase impossível. Acompanhando Bakhtin (1987), a Festa do Mandim compartilha certos elementos que, como o carnaval tem suas próprias leis, as leis da liberdade, do exagero e em certa medida do descontrole. Assim, em uma medida populista, a prefeitura faz a festa, mas sua frustração é não conseguir discipliná-la.

Em 2013, a prefeitura de Sena Madureira não organizou a Festa do Mandim como já havia acontecido no ano de 2012. Em conversa informal na feira com um ex-vice-prefeito, indaguei o porquê dessa decisão e ele afirmou o seguinte: “Na Festa do Mandim só tem bêbado, noiado e prostituta. Lá não é lugar de família. Tem que acabar mesmo como essa festa”. O tom raivoso com o qual se referiu ao tema pareceu se mesclar a uma espécie de frustração por não conseguir moldar o evento aos interesses do Estado. Reflete também sua posição de grupo ao ter se convertido a religião evangélica.

Como afirmou a Sra. Livia Hoyle na sua entrevista, a prefeitura já conhecia o potencial da praia para festas, mas a inovação seria algo necessário. Por isso, a prefeitura incentivou competições dentro da própria festa para incentivar uma maior participação da população. A variedade de pratos produzidos à base de peixe, símbolo da festa, foi um dos diferenciais no evento. De fato, com o passar do tempo, a culinária do peixe foi se tornando cada vez mais diversa e aperfeiçoada, e, como disse o Sr. José Alves, “a festa foi pegando”. Entre os pratos mais apreciados estavam o mandim na brasa e a famosa caldeirada (peixe cozido e servido com abundância de caldo).

Como parte das atrações da festa estava ainda premiação para quem apresentasse o maior mandim e a maior quantidade de pescado em cada edição. No caso do maior mandim, muitos pescadores passavam grande parte do ano pescando, na expectativa de que pescassem um grande peixe e, caso o pescassem, o guardavam congelado até o momento da festa, para apresentar à comissão julgadora do evento. Merece destaque também a canoagem, uma competição entre os pescadores, nas modalidades remo e canoa. Eles saíam do porto principal da cidade e dirigiam-se até a Praia do Amarílio, o ponto de chegada e local onde estava a torcida, aguardando, eufórica, a chegada dos competidores. As premiações para os vencedores eram normalmente em dinheiro patrocinado por alguma autoridade da cidade.

Além das atrações indicadas acima, havia shows com artistas locais, de outras cidades do Acre e até atrações nacionais, fator que contribuiu para incentivar a criação de bandas musicais na cidade e a projeção de alguns artistas individuais em nível de Estado, sem contar os concursos de miss/mister e torneios de vôlei de praia. Tudo isso formava o vasto conjunto de atividades desenvolvidas durante a Festa do Mandim nos tempos áureos.

O vai-e-vem de picolezeiros ao longo da praia, e escorados nos barrancos, a movimentação de pessoas, os variados cheiros saindo das barracas de comida, o som das bandas, apitos vindos dos jogos, o frescor da água do rio e o verde da floresta, no entorno, compunham um colorido especial. Para os defensores desse projeto, fala-se de um tempo em que a cidade de Sena Madureira sentia e vivia a Festa do Mandim na sua mais intensa totalidade.

Figura 6
Banda local animando a festa em 2005



Fonte: acervo de Antônia Vieira.

Com o passar dos tempos, muitas dessas atrações foram sendo deixadas de lado, ficando a festa restrita aos shows e à animação de bandas locais ou mesmo nacionais. As mudanças na administração da cidade, ao longo desse tempo, também contribuíram para o enfraquecimento do evento, uma vez que as disputas políticas partidárias interferiram em tomadas de decisões quanto à continuidade da festa, e o próprio formato inicial acabou sendo, aos poucos, modificado. Para muitas pessoas da cidade, a memória da primeira edição da festa é muito significativa, e, nas palavras da ex-prefeita, a festa foi um sucesso:

Aquele primeiro festival foi um sucesso e não esperávamos um número tão grande de pessoas como tivemos, pois além da população local ter comparecido em massa, vieram pessoas de outros municípios como Brasileia, Rio Branco, Acrelândia e outros lugares (ANTÔNIA VIEIRA, ex-prefeita entrevista realizada em 28 /2/2017)

Ainda sobre o sucesso dessa primeira edição (1998), alguns moradores relataram que tanta gente compareceu, que não havia espaço no centro da cidade para estacionar carros e que isso nunca havia acontecido em Sena Madureira. Outro aspecto que merece destaque nessas falas foram as relações afetivas e familiares que festa, em seu formato institucionalizado, promoveu. Boa parte das pessoas que vêm de outros municípios ficam em casas de amigos e parentes durante o festival, reforçando os laços de parentescos ou amizade, mesmo que em alguns casos esses laços possam ser rompidos pelo menos até a nova edição.

A ausência de atividades culturais na região, aliada à especificidade do peixe pode ter sido um fator contribuinte para fazer o festival cair no gosto da população e as edições seguintes ajudaram a consolidar a festa. Dessa forma, e se o objetivo da institucionalização da festa era atrair turistas, isso foi alcançado, pelo menos até a chegada de novas atividades econômicas que passaram a redirecionar as formas de lazer e entretenimento.

Apoiando-se em Bauman (2001), é possível dizer que esse estado de coisas tem a ver com as características dos últimos tempos, que produz certa intolerância às permanências, sendo a fluidez uma marca das sociedades denominadas líquidas. A discussão acerca da fluidez que envolve as sociedades nos dias de hoje enseja, para esse autor, a compreensão de que as mudanças de foco e de formato nos eventos culturais buscam, de certa maneira, atender aos desejos dos consumidores de entretenimento.

A partir da metade dos anos 2000, explode no Estado as exposições agropecuárias, motivadas certamente pelo crescimento das atividades do setor e, sobretudo, pelo aumento do rebanho bovino no Acre; mas recebe também influência de outras formas de divertimento. Sobre o crescimento da pecuária nesse Estado, o site Notícias Agrícolas, publicou a seguinte matéria:

Na pecuária de corte o rebanho bovino passou de 907 mil cabeças, em 1998, para 2,4 milhões de cabeças em 2008. O abate aumentou de 147 para 417 mil cabeças por ano e a produção de carne passou de 34 para 88 mil toneladas/ano. Na pecuária de leite, o número de vacas ordenhadas cresceu 151%(de 56 para 142 mil por ano) e a produção de leite passou de 33 para 70 milhões de litros/ano, entre 1998 e 2008. O valor bruto da produção de leite foi de R\$ 10,7 para R\$ 46,7 milhões/ano, nesse período. Estudos da Embrapa Acre e

dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo Agropecuário 2006) mostram que as pastagens do Acre têm a maior taxa de lotação (1,77 unidade animal por hectare) quando comparada a outros estados e à média do Brasil (0,91 unidade animal por hectare). Os ganhos de produtividade pela adoção de tecnologias nos sistemas de produção de pecuária permitiram evitar o desmatamento de 1,4 milhão de hectares de florestas no Acre, entre 1975 e 2006. Os resultados positivos obtidos na agropecuária do Acre são reflexos da ação integrada de órgãos do governo do estado (Seap, Seaprof, Idaf, Sema, Imac, SDCT-Funtac), do governo federal (Embrapa Acre, SFA-Mapa, MDA-Incra, Banco da Amazônia e Banco do Brasil), do setor privado (Sebrae-Acre, Faeac-Senar-Acre) e do envolvimento de milhares de pequenos, médios e grandes produtores nesse processo de mudança de sistemas de produção agropecuários extensivos, dependentes da derruba e queima de florestas, para sistemas de produção intensivos e sustentáveis.⁷

Nota-se que o Estado, juntamente com as diversas secretarias, passa a estimular o agronegócio e, nesse sentido, um novo perfil socioeconômico e cultural começa a se estruturar no Acre, influenciando decisivamente as decisões políticas em torno dos eventos culturais a se estruturarem na capital e interior. A ExpoAcre, principal evento do gênero no Estado, foi se consolidando cada vez mais nos moldes das grandes exposições do país, com grandes shows de artistas sertanejos, peões renomados; e o próprio Acre passou a ser destaque no cenário internacional de rodeios, com o competidor Robson Palermo, que passou a residir nos EUA, para competir na PBR (*Professional Bull Riders*), uma empresa norte-americana que promove competições internacionais de montaria em touros (rodeio), fazendo crescer o interesse de jovens pelo esporte, alavancando, por outro lado, a indústria do entretenimento desse setor.

Foi nesse cenário que o município de Sena Madureira, por meio de sua prefeitura, passou a substituir gradativamente, ou pelo menos, dividir os investimentos na Festa do Mandim com uma nova modalidade de festa, as exposições agropecuárias, resultantes do novo contexto econômico da região.

Vale salientar que essas circunstâncias operaram relações conflituosas entres os diversos setores envolvidos, tanto do lado daquelas das novas forças econômicas em ascensão quanto daquelas que foram perdendo espaço, fazendo com que por dois anos consecutivos não houvesse a Festa do Mandim (2012 e 2013). Mas, em razão das pressões dos setores da pesca de açude e também da colônia dos

⁷ Disponível em: <www.noticiasagricolas.com.br> Acesso em: 20 jul. 2011.

Pescadores, em 2014, o evento voltou a acontecer, agora denominado de Festa do Peixe, visando contemplar tanto os piscicultores quanto aos trabalhadores da pesca artesanal.

CAPÍTULO II

6 EM MEIO A SÍMBOLOS, IDENTIDADES E CONSUMO: A FESTA DO MANDIM NO PERCURSO DAS FESTIVIDADES BRASILEIRAS

“No sábado seguinte a cidade revestira desusado aspecto. De toda parte corra uma chusma de povo que ia assistir a festa anual do Espírito Santo. Vão rareando os lugares em que de todo se não apagou o gosto dessas festas clássicas, resto de outras eras, que os escritores de século futuro hão de estudar com curiosidade, para pintar a seus contemporâneos um Brasil que eles já não hão de conhecer”.

Machado de Assis

Operando nas fronteiras entre literatura e história, Machado de Assis, já no século XIX, assinala a importância das festas populares, notadamente o carnaval, para a compreensão da própria história do Brasil. Depois que deixou o morro, embora em sua essência ele continue lá, o carnaval carioca teceu e continua tecendo diferentes nuances, mas no centro de todas elas está o povo, que mesmo ofuscado pelo glamour das “estrelas”, continua sendo o motor da festa. Como afirmara Bakhtin (1987), só existe carnaval onde existe povo.

O lugar ocupado pelas festas nos distintos tempos e espaços brasileiros com suas diferentes feições e dinâmicas levou Machado de Assis a afirmar que essas continuarão a despertar a curiosidade e o interesse de estudiosos, havendo sempre o que se falar de festas. Em suas diferentes estruturas e motivações, as festas brasileiras trazem em comum, rituais e hábitos, como por exemplo, a presença de bebida, comida, música, performances, além de símbolos. Esses últimos, muitas vezes ajudam a construir os principais traços identitários de um determinado grupo social.

6.1 FALANDO DE FESTAS

A literatura aponta a dificuldades dos estudos, no sentido de conceituar o quem vem a ser festa, e para muitos estudiosos, festa é um termo polissêmico que sugere muitas interpretações. De acordo com Teixeira (2010), a dificuldade objetiva de

pensar a festa deve-se em grande parte ao fato de ser uma realidade heterogênea e por sua polissemia aproximar diversos saberes que dela se ocupam e se dispersam metodologicamente, como História, Sociologia, Antropologia e outras.

Festa vem do vocábulo latino *festum*, que é o plural de *festa*, daí deriva a palavra “festa”. Trata-se de um rito social, partilhado entre um grupo de pessoas, para marcar um acontecimento em forma de celebração. No dicionário Aurélio uma das definições de festa é *dia de regozijo; comemoração*. Tem-se a partir desses dois pontos que a Festa é antes de tudo um evento social que nasce ou que é motivada por algo que foge à normalidade dos fatos. Haverá sempre um motivo para se festejar, podendo ser pela religião, pelo civismo, pela colheita ou qualquer outro motivo que a comunidade julgar importante. Para Guarinello,

a festa é sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá em tempo e lugar definido, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado, e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. (GUARINELLO 2001, p. 972)

Sua motivação deve ter força o bastante para unir pessoas, e quanto mais sólido e coeso o “motivo”, maior é a chance de o evento eternizar ou pelo menos enraizar-se. Esse talvez seja um ponto importante a considerar, se quisermos entender por que algumas festas atravessam os tempos e outras esvaecem em pouco tempo. Qual teria sido a motivação para o surgimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Minas Gerais, que ocorre desde os tempos do povoamento?

Conta a lenda que, por volta de 1206, a Igreja Católica declarou guerra aos albigenses acusados de serem hereges. O nome *albigenses* deriva do nome da cidade Albi, situada no sudoeste da França, sendo *albigenses* seus habitantes. São Domingos de Gusmão, convencido de que poderia convertê-los ao catolicismo, dirigiu-se à Maria, implorando meios para conseguir. Segundo a tradição, foi nesse contexto que Nossa Senhora apareceu ao santo e entregou-lhe um rosário, para substituir a recitação dos salmos, que até então era praticamente a única ferramenta de conversão ao cristianismo.

Coincidências ou não, a Cruzada foi vencida pelos católicos, e a partir daí, cada vez mais o rosário se fez presente nas tentativas de atingir o povo simples para a conversão. A festa a Nossa Senhora do Rosário foi comemorada pela primeira vez em 1572, pelo Papa Pio V, sob o nome de Nossa Senhora da Vitória, para celebrar a vitória da Liga Santa contra o Império Otomano, na batalha de Lepanto. Em 1573, o Papa Gregório XIII mudou o título da comemoração para “Festa do Santo Rosário”. Após as reformas do Concílio Vaticano II, a festa passou a se chamar Nossa Senhora do Rosário.

Ao utilizar o rosário, São Domingos ensinou o povo a rezar de uma maneira simples e fácil, que não demandava despesas: a substituição dos 150 salmos por 150 Ave-Marias, que são as palavras com as quais o anjo Gabriel saudou a Mãe de Deus. Observa-se que a motivação dessa festa é religiosa e a força para sua permanência vem da devoção que os fiéis têm pela santa, e, de um modo geral, a crença no catolicismo é muito forte em Minas Gerais.

De acordo com pesquisa realizada pela fundação Getúlio Vargas, em 2009, com dados da POF (Pesquisa de Orçamento Familiar) do IBGE, este Estado está em 9º lugar na lista dos mais católicos do Brasil, com 73,32% de seguidores. Essa motivação brota do campo da cultura e a considera a pluralidade de traços e elementos que marcaram a formação da sociedade brasileira (brancos, índios e negros), com seus códigos, valores e crenças. Pode-se afirmar que o catolicismo compõe um dos inúmeros aspectos dessa extraordinária cultura e como tal influenciou as festas.

A festa de Nossa Senhora do Rosário é também conhecida como a Festa dos Santos Pretos, a qual a Igreja Católica, no século XVIII, teve que recuar das sanções impostas aos negros quanto à catequese e “permitir” algumas práticas e cultos religiosos, principalmente em Minas Gerais, onde havia grande concentração de negros, em razão da mineração.

Esta festa é, portanto, uma mistura de elementos do catolicismo com ritos da cultura negra, e ao trazer a festa de Nossa Senhora do Rosário para abertura desse texto, busca-se acenar para algo aparentemente conflitante: religião e festa. A maioria dos estudos sobre festas no Brasil afirmam que até o final do século XIX, no Brasil, a maior parte das festas institucionalizadas eram religiosas, sendo que o sagrado e o profano caminharam lado a lado nesse processo.

Amaral (1998) afirma que os brasileiros foram aos poucos se apropriando da festa, a qual era controlada basicamente pelo Estado e pela Igreja, de modo particular, captando e fazendo uso do seu sentido de construção, elaboração da identidade e solidariedade entre os diferentes, a ponto de fazer dela um modo de ação e participação particularmente marcante na história dos brasileiros. Ora, se o brasileiro é por natureza devoto, e se festa e religião sempre conviveram juntas nessa trajetória, isso explica por que estas ocupam um lugar privilegiado na história desse país.

Não por acaso, o Brasil é internacionalmente conhecido como o “país do Carnaval”, em alusão a uma das maiores festas do país. Esse caráter festivo atribuído ao povo brasileiro é muitas vezes criticado pela imprensa estrangeira e até mesmo setores mais conservadores no país, aludindo a uma ideia de que o Brasil não é sério. Deixando essas questões de lado, visto que não é objeto do trabalho, importa discutir a festa na perspectiva do que motivou sua instituição enquanto evento em distintos lugares do Brasil, pontuando algumas de suas representações.

Segundo Del Priore (2000), as festas tradicionais brasileiras não “nasceram” no Brasil, foram transplantadas pelos colonizadores portugueses e invasores do período colonial, que as consolidaram, dando-lhes certas especificidades. Aos poucos, essas foram adquirindo feições da gente negra, mestiça e indígena, misturada a elementos europeus, e construindo afetividades, mesmo que provisórias, porque, suportar a violência do tráfico, do chicote e da conversão forçada era tão desafiador quanto sobreviver apartado de sua cultura.

Para os diversos grupos sociais que aqui moravam, a festa constituía um grito desafiador contra as dificuldades do cotidiano, representando um exutório para as tensões acumuladas contra as autoridades, fossem elas o senhor de escravos, o funcionário metropolitano, o governo português ou a Igreja católica. Mas não só uma válvula de escape, a festa significava também um repositório imenso de costumes e tradições, permitindo ainda que culturas específicas como a negra, a índia ou ocidental se fecundassem mutuamente, fazendo circular de uma para outra novos símbolos e produtos culturais. (DEL PRIORE, 2000, p. 127)

Não apenas isso, mas desde o princípio da colonização brasileira, as festas serviram como importante instrumento de transmissão e imposição de valores por parte dos europeus. O aspecto lúdico presente em sua estrutura, misturando

representações (fogo, demônios, crucifixos, abundância), convergia para a transposição da mensagem entre inferno e paraíso, tão necessário no processo de catequização, principalmente de índios. Sobre isso, Amaral (1998, p. 59) faz o seguinte comentário:

As festas serviram como “modo ação” seja para catequizar índios, seja para tornar suportáveis, aos portugueses e demais estrangeiros, as agruras da experiência do enfrentamento de uma natureza desconhecida e selvagem, com povo, clima, plantas e animais estranhos. Ela foi importante mediação simbólica, constituindo uma linguagem em que diferentes povos podiam se comunicar. Sendo síntese das mediações, especialmente entre natureza e cultura, foi ela um dos elementos facilitadores do transplante de um modelo social europeu para terras tropicais até quase os últimos tempos do período colonial, quando a Igreja Católica imperava politicamente e as procissões e festas de santos eram praticamente intermináveis. Neste período era obrigatória a participação não apenas de todos os portugueses cristãos, como também dos índios e, posteriormente, dos escravos.

Imperativo que nesse período o mandamento da lei da Igreja que determinava “Guardar domingos e festas de guarda” era seguido ao pé da letra. A própria Igreja reconhecia a necessidade “respeitar” os momentos sagrados como meio de evitar possíveis revoltas.

O estudo das festas populares tem adquirido, nas duas últimas décadas, uma importância considerável e, independente dos interesses em jogo, aproximou instituições e grupos sociais. Por constituírem um domínio da cultura do qual emergem as identidades que singularizam grupos humanos e sociedades inteiras, as festas vêm ganhando importância social, política e econômica e assim vêm sendo assunto de diversos debates, em especial do IPHAN. (CAPONERO & LEITE, 2010)

A Festa do Mandim criada oficialmente em 1998, na cidade de Sena Madureira está inserida no conjunto das diferentes festas brasileiras, e, a seu modo marca os elementos de identificação cultural que a faz existir. Como toda festa, seu símbolo traduz de maneira particular sua relação com e para a comunidade a qual pertence. O peixe denominado pela comunidade local de mandim está na centralidade da celebração e a motivação para seu festejo vai além de suas propriedades alimentares, enseja para a constituição de práticas culturais que tem na piracema desse peixe seu ápice.

6.2 O PEIXE E ALGUMAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS

Nas sociedades ocidentais, o peixe tem forte conotação simbólica. Sendo um símbolo cristão, ele representa a vida. Em grego a palavra peixe é *Ichthys*, um ideograma cuja frase *grega lesous Christos, Theou Yios Soter* significa “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”. Nos primórdios do Cristianismo, o peixe foi utilizado como sinal secreto pelos primeiros cristãos, com o objetivo de protegê-los da perseguição romana, visto que a única forma de manter a religião seria ocultá-la por meio de símbolos⁸. Dessa forma, eles se reuniam em segredo nas catacumbas marcadas com o sinal do peixe. Ainda enquanto simbologia, Cristo é o pescador, e os cristãos, peixes que ganham vida com a água do batismo⁹.

O peixe é mencionado diversas vezes nos Evangelhos de Mateus – 14: 13-21; Marcos – 6: 31-44; Lucas – 9: 10-17 e João – 6: 5-15, para referir a um dos milagres de Jesus, conhecido como *milagre dos cinco pães e dois peixes*, capaz de alimentar uma multidão de cinco mil pessoas. Além disso, vários dos 12 apóstolos, a quem Jesus costumava chamar de “pescadores de homens”, tinham a pesca como ofício. Eis o que diz o Evangelho no Novo Testamento:

⁵ Levantando os olhos e vendo uma grande multidão que se aproximava, Jesus disse a Filipe: “Onde compraremos pão para esse povo comer?” ⁶ Fez essa pergunta apenas para pô-lo à prova, pois já tinha em mente o que ia fazer. ⁷ Filipe lhe respondeu: “Duzentos denários não comprariam pão suficiente para que cada um recebesse um pedaço!” ⁸ Outro discípulo, André, irmão de Simão Pedro, tomou a palavra: ⁹ “Aqui está um rapaz com cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas o que é isto para tanta gente?” ¹⁰ Disse Jesus: “Mandem o povo assentar-se”. Havia muita grama naquele lugar, e todos se assentaram. Eram cerca de cinco mil homens. ¹¹ Então Jesus tomou os pães, deu graças e os repartiu entre os que estavam assentados, tanto quanto queriam; e fez o mesmo com os peixes. ¹² Depois que todos receberam o suficiente para comer, disse aos seus discípulos: “Ajuntem os pedaços que sobraram. Que nada seja desperdiçado”. ¹³ Então eles os ajuntaram e encheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada deixados por aqueles que tinham comido. ¹⁴ Depois de ver o sinal miraculoso que Jesus tinha realizado, o povo começou a dizer: “Sem

⁸ Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/view/3524/10349>> Acesso em: 2 jun. 2017.

⁹ Disponível em: <<http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/267/223.pdf>> Acesso em: 2 jun. 2017.

dúvida este é o Profeta que devia vir ao mundo”.¹⁵ Sabendo Jesus que pretendiam proclamá-lo rei à força, retirou-se novamente sozinho para o monte. (João – 6: 5-15)

Em outras partes do mundo, como na Ásia e na África, têm-se também alguns animais considerados sagrados, influenciando fortemente suas religiões, seus valores e sua cultura de um modo geral, que vão desde o costume de ingerir ou não determinadas carnes ao cuidado diário com esses animais. A carne de boi, novilha ou vaca, uma das mais populares no Brasil, é proibida aos budistas e hindustânicos, e ainda desprezada por milhões de negros africanos.

Muito mais prestigiadas são o porco, o carneiro e a ovelha; e, exceto o primeiro, os demais são pratos essenciais no Oriente, entre muçulmanos de qualquer região. (CASCUDO, 1983) Entre esses, por exemplo, o porco é considerado um animal impuro, sendo por isso proibido seu consumo¹⁰. Os princípios e mandamentos do islamismo estão baseados em uma profunda racionalidade¹¹, e dessa forma, a restrição do consumo da carne de porco consistiu em um grande avanço na evolução humana, pois segundo esse pensamento, é necessário selecionar bem os alimentos antes de ingeri-los. De acordo com o Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos – I.B.E.I,

o porco é, por natureza, preguiçoso e indulgente no sexo. Desgostasse a luz do sol e ele carece de energia para lutar. Come quase tudo o que encontra ao seu redor, sejam excrementos ou qualquer imundice. De todas as carnes de animais, o porco constitui-se no principal receptor de germes daninhos e é o principal reservatório para a infecção humana. Resulta evidente que o homem de concepção revolucionária mais avançada é aquele que mais cuidadosamente seleciona seus alimentos. (I.B.E.I, em fevereiro de 2017)

Pode-se observar que a relação entre seres humanos e animais assume diferentes feições e dimensões, sendo que em algumas sociedades o animal recebe *status* de divindade como ocorre, por exemplo, na Índia, com as vacas. A “adoção”

¹⁰ Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/2513/por-que-o-consumo-de-porco-e-proibido-no-islam-parte-1-de-2/>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

¹¹ Disponível em: <http://www.ibeipr.com.br/noticias.php?id_noticia=444.> Acesso em: 2 abr. 2017.

do mandim como símbolo da cultura de Sena Madureira reflete em grande medida a relação que sua população estabelece com esse animal. Em grande parte da Amazônia, o peixe permeia o imaginário e a vida material de muitas de suas populações. Enquanto tradição, a pesca é uma atividade antiquíssima que, tal como a caça e a agricultura, é praticada pelo homem desde a Pré-história, tendo em vista conseguir obter os meios necessários à sua subsistência.¹²

Do ponto de vista de suas representações simbólicas, o peixe extrapola em muitos casos, o âmbito da alimentação. Analisando os calendários e agendas culturais dos Estados da região norte do Brasil em *sites* e *homepages* oficiais e de grupos que organizam tais eventos, observou-se que mais de 30% das festas na região trazem um peixe, um boto ou seu *habitat* para a centralidade dos eventos.

A cidade de Barcelos, no Amazonas, por exemplo, é considerada pelo Ministério do Turismo o terceiro polo condutor de turismo com a pesca esportiva e com a exploração de dois peixes principais. O cardinal, conhecido por suas cores azul e vermelho, é o peixe ornamental mais exportado da Amazônia brasileira e domina quase 80% do volume anual de exportações. Já o acará-disco possui as cores preto e amarelo, e é considerado favorito pelo mercado internacional.

¹² Disponível em: <<http://w3.ualg.pt/~madias/docencia/paq/BrevesNotasHistoriaPesca.pdf>> Acesso em: 20 maio 2017

Figura 7
Festival do peixe ornamental



Fonte: blog CDA.

O festival do peixe ornamental de Barcelos constitui um desses eventos no qual o peixe, ou melhor, os peixes ocupam o epicentro da narrativa. Nos dias em que ocorre a festa, as agremiações dos peixes acará e cardinal promovem a disputa em um grande “Piabódromo”, com o apoio de torcidas e outros apoiadores, além de atrair turistas, artistas e movimentar a economia local.

Merece destaque ainda o Torneio de Pesca do Tucunaré, na cidade de Presidente Figueiredo, também no Amazonas; e, em Maués que, graças às suas lindas praias de rio, realiza-se anualmente o Festival Folclórico da Ilha de Vera Cruz. No Estado de Rondônia, destaca-se o Arraial Índia Boi-Bumbá. Nele, os botos dançam nas festas e emprenham donzelas, iaras seduzem os homens e os levam para seus reinos encantados, tornando o universo amazônico ainda mais misterioso e atraente.

Em 1998, atendendo ao formato exigido pelos turistas que frequentam as praias amazônicas durante o verão, o poder público local introduziu no Sairé do Alter do Chão manifestação religiosa da cultura popular paraense, a disputa dos Botos Tucuxi e Cor-de-Rosa, em alusão ao duelo entre os bois de Parintins. (NOGUEIRA, 2008) A representatividade que ambientes aquáticos e animais, especialmente

peixes, tem na Amazônia faz deles um dos mais importantes quadros de referência de suas culturas.

6.3 O PEIXE NO CONTEXTO DA ALIMENTAÇÃO DE POPULAÇÕES AMAZÔNICAS

Falar de peixe na Amazônia parece lugar comum, pois em muitas comunidades ele ocupa lugar de destaque, sendo fonte de explicação da gênese humana e dos diferentes coletivos étnicos e culturais da região (BARRETO, 2013), além de ser a principal base de alimentação de muitas populações dessa parte do Brasil. De acordo com o IBGE (2012), o Amazonas está no topo dos Estados brasileiros que mais consomem peixe, sendo seu consumo anual de 93,2%, equivalente a duas vezes e meia maior que a média prevista pela Organização Mundial de Saúde – OMS.

A média anual da região norte é de 77,22%, e no *ranking* nacional, o Amazonas é seguido pelo Pará, com uma média de 18.69kg por pessoa; Amapá, 15,31kg; Acre, 10,68kg; e o Maranhão, 10,61kg por pessoa, sendo que a OMS recomenda uma média de 12kg por pessoa. A média nacional está abaixo do previsto pela organização, 10.6%¹³. Como o peixe, o consumo de outros alimentos sofre influências de diversos fatores alheios à vontade do homem. As escolhas alimentares se baseiam nos sistemas culturais dos grupos humanos, os quais só se permitem alimentar-se do que é aceito culturalmente¹⁴, embora os fatores econômicos e de disponibilidade possam também interferir nessas escolhas.

Em brilhante trabalho acerca da história da alimentação no Brasil, Cascudo (1983) percorre as cozinhas europeias, africanas, orientais e indígenas, mostrando o variado cardápio de comidas existentes no mundo apreciadas e rejeitadas ao mesmo tempo, os diferentes cheiros, sabores, modo de preparos, requintados ou não e, encontra no ato de comer um dos processos mais ricos e criativos da história da humanidade.

¹³ Disponível em: <<http://sna.agr.br/consumo-de-pescado-no-brasil-esta-abaixo-do-recomendado-pela-oms/>> Acesso em: 2 jun. 2017.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v21n1/a07v21n1.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2017.

De acordo com Cascudo (1983, p. 42), “de todos os atos naturais o alimentar-se foi o único que o homem cercou de cerimonial e transformou lentamente em expressão de sociabilidade, ritual político e aparato de alta etiqueta”. Retroagindo no tempo e nos variados espaços, o autor afirma que a escolhas de nossos alimentos diários está intimamente ligada a um complexo cultural que muitas vezes se torna inflexível em razão das proibições religiosas. Sobre esse complexo cultural, o autor narra a seguinte passagem:

Todos os povos possuem limitações inarredáveis no tocante a sua comida. Os gafanhotos que lavé permitia ao israelita saborear ainda é acepipe mastigado com alegria em toda a África do Norte, especialmente em Marrocos e no Saara. No Turquestão um prato de gafanhotos assados, polvilhado de sal, vale para a população tanto quanto uma salada de camarões para um ocidental. As larvas, ratos, lagartos, são delícias que repugnam a todos nós. As jias (rãs) não conseguiram extensão geográfica no aceitamento. Os sertanejos do Nordeste do Brasil comem os preás (*Cavídeos Cavio Leupyga, fulgida, spixi, especialmente aperea*) e os mocós (*Kerodon rupestris*), camaleões e tiju-açus (*Anolis Teídeos*) insuportáveis para qualquer homem das cidades litorâneas. Os macacos amazônicos assados são manjares disputados e causam náuseas nos brasileiros em geral. Em compensação, o sertanejo que ama o peixe d’água doce não admite os crustáceos e menos ainda verduras. O budista do velho Sião não matava o peixe pescado; deixava-o morrer na praia e comia-o depois. O tabu sagrado defende as vacas do consumo. O hindu morre de fome respeitando os nédios e preguiçosos animais que pastam e dormem no meio das ruas, perturbando os automóveis e trânsito regular. (CASCUDO, 1983, p. 26)

Para esse autor, boa parte dos costumes alimentares nasceu de tabus religiosos, e como os costumes se tornam leis, o cardápio do homem contemporâneo acabou sendo reduzido para adaptar-se à religião. Mesmo sendo onívoro, isso não tornou o homem um comedor de todas as coisas¹⁵. Assim, a alimentação humana, por essa lógica, está muito mais poderosamente vinculada a fatores espirituais em exigência tradicional ou costume do que aos próprios imperativos fisiológicos. (CASCUDO, 1983). Ao mesmo tempo o autor pondera que seria preciso um processo de ajustamento em condições especiais para modificar um quadro de costumes.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v21n1/a07v21n1.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2017.

O consumo de peixe em algumas regiões da Amazônia, por exemplo, traz em torno de si algumas representações historicamente produzidas quanto às restrições alimentares e aos tabus. Para Silva (2007), entre as proibições alimentares temporárias estudadas nessa região, está a *reima*, caracterizada por um sistema classificatório de oposições binárias entre alimentos perigosos (reimosos) e não perigosos (não reimosos), sendo aplicado às pessoas em estados físicos e sociais de liminaridade ou estados de representação ritual e simbólica de transição ou passagem, como enfermidades, menstruação e pós-parto. (SILVA, 2007)

A *reima* é associada aos animais de dieta carnívora (“come outro tipo de peixe”), como as piranhas e os peixes lisos, ou de dieta onívora (“peixe que come todo tipo de comida”), ao sabor (“carne mais forte, outro gosto”), ao comportamento ou, ainda, às características físicas do animal, como tipo de coloração, presença de esporão, quantidade de gordura, entre outros. (SILVA, 2007) Em localidades próximas ao Rio Negro, no Amazonas, os peixes lisos ou peixes sem escamas (pimelodídeos) constituem o grupo mais reimoso identificado por suas populações. (Silva, 2007)

Entre os exemplos incluem filhote (*Brachyplatystoma* spp.), surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*), mandim (*Pimelodus* spp., *Pimelodella* spp.) e jandiá (*Rhandia* spp.), os quais são considerados reimosos pela presença de “esporão”, que provoca dores nos ferimentos (“peixe com esporão faz mal devido às esporas”; “surubim e mandim espeta, faz mal para dores”; “surubim e jandiá são reimosos porque têm esporão”). Esses são alguns relatos presentes no estudo acima referenciado, e o esporão seria, portanto, a própria arma do peixe que, por meio do consumo da carne do animal, atingiria a pessoa que transgrediu o tabu. (SILVA, 2007)

Enquanto na região do Rio Negro no Amazonas o mandim é “rejeitado”, nas proximidades do Rio Purus no Acre, ele é muito apreciado, sobretudo, em razão de seu sabor, razão pela qual se costuma dizer: “o melhor mandim do Acre está em Sena Madureira”. Nesse ponto vale considerar a importância de fatores como disponibilidade e aceitabilidade de alimentos no processo de desenvolvimento da alimentação enquanto elemento de identificação cultural como pontuado por Cascudo (1983). Tal aspecto ganha contornos diferenciados para esse estudo quando se considera ou se questiona se a preferência pela carne do mandim já era

um costume ou se tornou um hábito a partir da institucionalização da festa em Sena Madureira? Em outras palavras, foi necessário um ajustamento de condições para que o mandim pudesse ser aceito nessa comunidade?

Há que se considerar primeiramente, a significativa diferença entre costume e hábito. O *Dicionário Aurélio* (2008), denomina o primeiro termo como: “estar acostumado/acostumar”, enquanto o *Dicionário de Sinônimos* (1981) define hábito como o “impulso” que leva o indivíduo frequentemente a fazer uma coisa ou fazê-la do mesmo modo. Estar acostumado pressupõe “aceitar” ou conviver com uma estrutura material ou imaterial que já está posta. A ideia de impulso, referindo-se a hábito, por outro lado, sugere uma mudança repentina de postura decorrente de uma determinada situação. Importa nesse contexto, entender a construção identitária do sabor do mandim, em Sena Madureira, independente se vivido como costume ou hábito e pontuar os aspectos que contribuíram para isso

As infindáveis nuances apresentadas pelo ato de comer, que vão desde o que é escolhido para comer, como comer e em que lugar comer, dão uma ideia da complexidade desse processo. Segundo Lody (2008), o ato de comer produz símbolos e em sua mais profunda essência, o homem se alimenta de símbolos. Do pão e do vinho, na tradição cristã; do acarajé, na Bahia; do queijo, em Minas; do tacacá e do açaí, na Amazônia, e tanto outros.

É a força simbólica desses alimentos que atraem os turistas atualmente, e mais que qualquer outro produto, a comida sintetiza a tênue relação entre desejo e consumo no atual estágio do capitalismo, desenvolvendo uma espécie de fome insaciável intensificada pelo movimento de imagens, cores, cheiros, texturas e outras sensações produzidas pelo mercado de entretenimento.

Assim como para Cascudo (1983), para Lody (2008), comer não é apenas uma função biológica, vai muito além, e envolve um conjunto de elementos concretos e subjetivos que necessariamente não tem a ver só com o ato de saciar a fome.

Tudo que é escolhido para comer – forma, volume, cor, maneira de preparar e servir, tem significados, assume valores e por tudo isso o alimento vai além da boca. Onde servir, com o que servir, momento especial, dia, hora, a quem servir e como esse alimento é consumido compõem o ato complexo, culturalmente complexo, que é o ato de comer. Todos os povos têm seus cardápios formados por receitas variadas, unindo opções de produtos locais, outros importados e

geralmente integrados às diferentes maneiras de interpretar os próprios alimentos. **A interpretação nasce da necessidade de representar o meio ambiente, os grupos étnicos formadores de um povo**, uma nação, uma civilização. A comida é tão importante e identificadora de uma sociedade, de um grupo ou país, como é o idioma, a língua falada, funcionando como um dos mais importantes canais de comunicação. (LODY, 2008, p. 31) [grifos nosso]

Tomando por base as interpretações de Cascudo (1983), Farias (2001), Amaral (1998) e o próprio Lody (2008), quanto às adaptações promovidas no âmbito da cultura para atender uma determinada necessidade, especialmente econômica, nos últimos tempos, tem-se que a valorização do mandim enquanto elemento da identidade local está em sintonia com outros processos similares ocorridos em todo país, a exemplo do que ocorreu com o Círio de Nazaré no Estado do Pará a partir dos anos 1980 e a Festa do Sairé de Alter do Chão, que recentemente incorporou o festival dos botos Tucuxi e Cor-de-Rosa também nesse Estado.

A transformação do mandim em um símbolo cultural de Sena Madureira surge de uma necessidade de representar culturalmente a cidade diante das demandas por entretenimento provocadas por uma economia de mercado. Considerando que o peixe já fazia parte não apenas do cardápio, mas do cotidiano de populações dessa região do Estado, somado a uma “pitada” de modismo, não foi difícil torná-lo identificado com a história e cultura de seu povo.

6.4 ENTRE RELIGIOSIDADE E ENTRETENIMENTO: PERCURSO DAS FESTAS ACREANAS

O Acre é um dos mais novos Estados da Federação Brasileira e, embora tenha sido incorporado ao Brasil em 1903, pelo Tratado de Patrópolis, na condição de território, só em 15 de Junho de 1962 foi elevado à categoria de Estado. Os dicionários, de um modo geral, designam acre como uma antiga unidade de medida usada para medir terras. É também sinônimo ou características de frutas com sabor ácido. No contexto de Acre, enquanto lugar/espço geográfico, recentemente, estudos sobre a etimologia da palavra indicam que acre, vem da palavra *Aquiri*, a partir das palavras *Yasi'ri*, *Ysi'ri*, que significam “água corrente, veloz”. O termo

Aquiri é vocábulo do dialeto Ipurinã *Umákürü*, *Uakiry*, feita pelos exploradores que chegaram a essa região no século XIX.

A historiografia acreana, de uma forma bem geral, afirma que nordestinos, principalmente, cearenses que para cá vieram impulsionados pelo sonho de enriquecer com o “ouro negro”, como era chamada a seringueira ou *Hevea brasiliensis*, no final do século XIX, foram os principais responsáveis pelo povoamento do Acre. Para Albuquerque Jr.(2001), no entanto, é muito problemático referir a nordestinos em um tempo que essa categoria sequer existia. A identidade nordestina, de acordo com esse autor, foi uma invenção das arruinadas elites da parte Norte-Nordeste reivindicando um espaço depois que São Paulo e Minas Gerais assumiram o comando da política no Brasil. Aliás, para ele, até 1919, é como se o Norte e Nordeste fossem uma “coisa só”. A marcante seca de 1877 e seus desdobramentos, inclusive na Amazônia, levaram as autoridades a perceberem a existência de um Norte sujeito a fortes estiagens e, conseqüentemente, merecedor de atenção especial. “O Nordeste, é em grande medida, filho das secas, produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos produzidos a respeito deste fenômeno”. (ALBUQUERQUE JR., 2001, p.141-142)

Esses aventureiros que fugiam da seca se juntaram a índios que aqui se encontravam e a bolivianos, peruanos, europeus e árabes que foram chegando a essa região também atraídos pela riqueza da borracha. Os contatos de quem morava nessas terras com as cidades de Manaus e Belém eram maiores do que com qualquer outro vizinho de fronteira, devido às ligações que essas cidades tinham com o mercado internacional da borracha, por meio das chamadas Casas Exportadoras.

As principais referências do seringueiro, do ponto de vista cultural, vinham de sua terra natal, juntada a cultura mestiça e cabocla do Amazonas e Pará, lembrando que nesses dois a influência portuguesa do tempo das missões já era algo consolidado. Não havia, nesse sentido, muitas opções quanto à identificação de outras manifestações culturais e esses seringueiros, basicamente, praticavam as festas do período junino típica de suas culturas de origem, com fogueiras, arraiais e algumas comidas típicas à base de milho e mandioca, e para animar o forró, a sanfona, o triângulo e a zabumba.

Há que se considerar que a presença da Igreja Católica no Acre sempre foi um fato marcante, exercendo forte influência na vida social, religiosa e cultural dos acreanos. Sua atuação foi decisiva para indicar eventos do calendário religioso católico a serem “guardados” e festejados. Não por acaso, a maioria dos municípios desse Estado adota um santo padroeiro, como pode ser visto no quadro abaixo. A ação da Igreja em favor dos seringueiros nos empates foi também decisiva, com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Essa postura da Igreja em defesa dos mais humildes contribuiu para fortalecer os laços entre ela e a população, do ponto de vista religioso, materializado na grande massa de devotos, nos diversos municípios. Como pode ser observado na figura abaixo, dos 22 municípios do Estado, quinze deles têm uma festa católica celebrada anualmente, sendo ela um dos principais feriados do município.

Não há no Acre estudos específicos sobre suas festas, mas sua cultura de uma maneira mais ampla. O quadro que segue foi resultado de levantamento realizado junto à Fundação Cultural Elias Mansour, principal instituição do Estado que trata das culturas no Acre; das secretarias municipais de cultura de Rio Branco (Garibaldi Brasil) e da cidade de Sena Madureira, além de informações do IBGE, em sites, reportagens e relatos de artistas locais. De todo modo, não há no Estado do ponto de vista oficial, informações sistematizadas sobre essas festas ou sobre as práticas culturais, o que pode ser uma estratégia para invisibilizar ou apagar as marcas das culturas do povo acreano.

Figura 8
Calendário das principais acreanas



Fonte: gráfica WR (Sena Madureira)

Desse levantamento pôde-se constatar que no Acre existem três grandes modalidades de festas, definidas em linhas gerais pelos contextos socioeconômicos do momento e por uma tendência pós-moderna marcada pela efemeridade dos eventos, mesmo aqueles que pareciam mais sólidos. Até o final dos anos 1980, predominam as festas religiosas católicas celebradas em praticamente todos os municípios, sendo ainda o maior grupo.

Há que se considerar o crescimento das religiões evangélicas em todo Estado nos últimos quinze anos, conforme apontou o IBGE, em 2010, concorrendo na disputa por fiéis. Mas, independentemente desse crescimento, as festas de padroeiros continuam potentes. De acordo com esse instituto de pesquisa, 39% da população do Estado era, naquele momento, evangélica declarada, isto é, 239.589 pessoas, e Rio Branco sendo a capital com mais evangélicos no país.

6.5 DO SUL AO NORTE: INFLUÊNCIAS E CONFLUÊNCIAS PARA A FESTA DO MANDIM

A Festa do Mandim, como as demais festas, recebe influências de outras manifestações festivas, especialmente do Brasil. Considerando seu surgimento na perspectiva oficial, bem como sua trajetória, buscou-se identificar possíveis relações entre essa e as três festas citadas apresentadas abaixo. Longe de buscar comparar suas dimensões e perspectivas no contexto nacional, o exercício foi no sentido de pensar possíveis pontos de contato, visto que as culturas transitam entre si¹⁶.

Iniciou-se pela Oktoberfest, por entender que havia relação entre esta e o surgimento da Festa do Mandim na cidade de Sena Madureira. A semelhança nos episódios de enchente, que assolou as respectivas cidades nos anos que antecederam sua institucionalização (1984 e 1998), motivou o estudo mais aprofundado acerca da Oktoberfest, ou Festival da Cerveja, que acontece anualmente em Blumenau, no Estado de Santa Catarina.

Na sequência, apresentou-se a Festa do peão de Barretos, no Estado de São Paulo. A escolha por essa festa está na similaridade desse evento com aquele que passa a concorrer diretamente com a Festa do Mandim a partir de 2011, sendo responsável, em certo sentido, pelo enfraquecimento desta última. Por fim, abordou-se o Círio de Nazaré, no Pará, pela forte motivação religiosa que a envolve, assemelhando-se a importância que tem a Festa de Nossa Senhora da Conceição, no município de Sena Madureira, evento tão importante quanto a Festa do Mandim em termos de mobilização social.

6.6 OKTOBERFEST: SOCIABILIDADE E MEMÓRIAS DE UMA ENCHENTE

Quem conhece a cidade de Blumenau, em Santa Catarina, a partir da Oktoberfest, custa a acreditar que essa festa surgiu como uma espécie de “injeção de ânimo” para a cidade que sofria com as constantes enchentes. Em 1984, os

¹⁶ Objetivo de trazer as festas acima indicadas (Oktoberfest, Festa do Peão de Barretos e Círio de Nazaré) para esse trabalho foi no sentido de mostrar possíveis pontos de convergência ou divergências dessas com a Festa do Mandim ou outras manifestações festivas locais, visto que na fase inicial da pesquisa hipotetizou-se possíveis relações como apresentado no texto. No entanto, tem-se a clareza que cada uma dessas festas tem elementos muito específicos no quadro geral de suas motivações existenciais.

blumenauenses decidiram pôr em prática o sonho antigo de alguns moradores da cidade. Mas tudo começou em 12 de outubro de 1810, na Alemanha, quando o Rei Luis I, mais tarde Rei da Baviera, casou-se com a Princesa Tereza da Saxônia, e, para festejar o enlace, organizou uma corrida de cavalos.

Em homenagem à princesa, o local foi batizado com o nome de Gramado de Tereza. A festa ganhou uma nova dimensão em 1840, quando chegou à Munique o primeiro trem transportando visitantes para o evento. A cerveja, proibida desde os primeiros anos, só começaria a ser servida em 1918. A Oktoberfest deixou de realizar-se 25 vezes, e de 1945 até hoje, aconteceu ininterruptamente. Atualmente, a Oktoberfest de Munique recebe por ano um público de quase 10 milhões de pessoas. Conta-se que no começo dos anos 30, quando Hitler aumentava seu poder sobre a Alemanha, ele se apropriou da Oktober para difundir seus ideais nazistas. Tanto que, em 1933, os judeus foram proibidos de trabalhar nos campos de produção de cerveja. Segundo alguns, Albert Einstein, um dos maiores gênios da história, teria trabalhado na Oktoberfest como eletricista.

A Oktoberfest de Blumenau, como se vê, foi inspirada na festa alemã. Em sua primeira edição, que ocorreu no ano de 1984, em apenas 10 dias de festa, 102 mil pessoas passaram pelo local. Esse número, na ocasião, representava mais da metade da população da cidade. O consumo de chope foi de quase um litro por pessoa. No ano seguinte, a festa despertou o interesse de comunidades vizinhas e de outras cidades do país.

O sucesso da Oktoberfest consolidou-se na terceira edição, o que tornou necessária a construção de mais um pavilhão, para abrigar os turistas vindos de várias partes do Brasil, principalmente da região Sudeste e de países vizinhos. O evento acabou tornando Blumenau o principal destino turístico de Santa Catarina no mês de outubro. Na Oktoberfest, além da cerveja, têm-se folclore, memória e tradição – durante 19 dias de festa, os blumenauenses mostram para todo o Brasil a sua riqueza cultural, revelada pelo amor à música, à dança e à gastronomia típica, que preservam os costumes dos antepassados vindos da Alemanha para formar colônias na região Sul.

Figura 9
Oktoberfest, Arte da 23ª Edição



Fonte: Widimedia Commons.

Para Amaral (1998), em certos aspectos, a Oktoberfest se assemelha ao Carnaval, incluindo elementos como fantasias, desfiles e carros alegóricos, sendo um momento em que os blumenauenses mais valorizam, por esses elementos trazerem as memórias e as histórias que originaram esse povo. Com o tempo, a Oktoberfest tornou-se um poderoso evento turístico, constituindo-se, inclusive, num modelo que vem sendo seguido por outras cidades do Brasil, com o mesmo estilo, a fim de angariar recursos para diversas atividades. Dentre elas, surgiram a Cajufest, no Ceará; a Fishfest, no Mato Grosso do Sul; e a Oktoberfest de Garanhuns, em Pernambuco.

Sobre a importância dessa festa para os blumenausenses, Amaral (1998, p. 116) argumenta:

A Oktoberfest revive sua história em seus carros alegóricos floridos, suas canções, ao mesmo tempo em que constrói uma nova história, pautada pela existência da festa, inventando e construindo uma tradição que promete perdurar e o resultado desse trabalho é que ele deu aos blumenausenses uma maior consciência da importância de fatos aparentemente singulares num contexto universal.

Como muitas outras festas, a Oktoberfest de Blumenau mobilizou, em um primeiro momento, elementos mais simples característicos da própria história e memória local, mas à medida que o evento cresceu, outros aspectos foram sendo incorporados, como o marketing, a mídia e a presença de pessoas famosas, a fim de atrair um número cada vez maior de pessoas e investimentos.

Coincidências à parte, a Festa do Mandim surge oficialmente após a alagação de 1997, que destruiu grande parte da cidade, e, sem pretender aqui comparar o tamanho e a dimensão dos eventos, ambas as festas apresentam para seu surgimento contextos históricos marcados por alagações. As festas teriam surgido para elevar a autoestima de suas populações, fortalecer os laços identitários e recuperar economicamente as cidades.

Nas imagens abaixo, encontra-se parte do cenário vivido pelos sena-madureirenses em 1997 e o impacto disso na mídia nacional. A Sra. Maria de Fátima Ribeiro, moradora do bairro Ana Vieira em Sena Madureira, aposentada, esposa de ex-seringueiro e soldado da borracha sobre a alagação de 1997, fez o seguinte comentário: “Para saber se alguma coisa em nossa região está fora do normal, basta ser notícia no Jornal Nacional”. Sua rima insinua tanto para a invisibilidade que tem o norte em relação ao sudeste promovido pelos meios de comunicação, quanto para as marcas que essa alagação deixou na vida dessa moradora.

Figura 10
Alagação de 1997, em Sena Madureira



Fonte: acervo de Antônia Vieira.

O bairro em que a Sra. Maria de Fátima mora atualmente, começou a se formar após essa alagação. Por situar em uma parte mais alta da cidade, o bairro que traz o nome da ex-prefeita Antônia Vieira tornou-se a grande referência e ao mesmo tempo o sonho de muitos moradores atingidos constantemente pelas inundações. Morando em uma casinha simples, envolta por ruas esburacadas e pouca iluminação, a Sra. Maria de Fátima esbanja alegria e satisfação, balançando-se em uma cadeira na varanda de sua casa durante a entrevista.

Já sofri muito com alagação até vim para cá, quando nós morava lá no bairro da praia, perto da praia do Amarelão, cansei de acordar com água entrando em casa e ter que sair às pressas para casa de parentes ou amigos carregando nos braços e na cabeça o que dava para levar. Quando água baixava dava tristeza voltar porque quase tudo tinha se perdido. Era um sofrimento. (MARIA DE FÁTIMA, entrevista realizada em 12/12/2017)

E apontando para o chão da casa, dizia: “essa casa aqui foi Deus que me deu. Ninguém acreditava mais que ia sair, e eu dizia: vai sair”, fazendo referência a uma indenização de R\$ 25.000,00 que seu esposo, o senhor Eizeu Ribeiro, de 92 anos, recebeu como soldado da borracha, em 2015. A casinha simples da Sra. Maria de Fátima foi para ela um presente de Deus depois de ela e sua família terem sofrido muito com as alagações, como foi para muitas outras pessoas naquele bairro. O relato dessa senhora dá uma ideia do que representa a força das águas nessa parte do Brasil.

A partir da análise da Oktoberfest, imaginou-se que a criação da Festa do Mandim pela prefeitura de Sena Madureira à época, poderia ser um meio de trazer a alegria de volta a sua população, como ocorreu com os blumenauenses, em 1984. No entanto, segundo a ex-prefeita e outros entrevistados, não houve nenhuma ligação entre os eventos, apenas coincidência, mesmo porque alagações/enchentes ocorrem sistematicamente nessa parte da Amazônia. Assim, a comunidade local festeja a passagem do mandim porque se sentem identificados com a piracema desse peixe.

6.7 FESTA DO PEÃO DE BARRETOS E A EXPANSÃO DA PECUÁRIA EM SENA MADUREIRA: CAMINHOS QUE SE CRUZAM PELA PECUÁRIA

A Festa do Peão de Barretos foi a primeira festa deste gênero no país e nasceu em 1956, com um grupo de jovens que, um ano antes, criaram o Clube “Os Independentes”, com a intenção de gerar recursos para serem aplicados em obras de merecimento. Segundo Amaral (1998), a Festa do Peão de Barretos é a maior festa de rodeio do planeta e, internacionalmente conhecida, recebe milhares de pessoas, vindas de todos os lugares do país e do mundo. Além do espetáculo proporcionado pelos peões durante as provas do rodeio, na Festa do Peão Boiadeiro são realizados ainda grandes shows com artistas renomados, feira de exposições, gastronômica e outras atrações.

Figura 11

61ª Festa do Peão de Barretos (2016)



Fonte: site Arena Premium.

A Festa do Peão de Barretos aparece nesse estudo em razão de que, segundo relatos de muitos moradores locais, a Festa do Mandim perdeu sua força devido ao surgimento das exposições agropecuárias, como a I ExpoSena, em 2010. De acordo com o IBGE (2016), houve um acentuado crescimento das atividades relacionadas ao agronegócio, sobretudo, da pecuária na região de Sena Madureira nos últimos anos. A partir de 2011, estimulado por fazendeiros e pecuaristas, as exposições agropecuárias cresceram consideravelmente, exigindo um espaço mais amplo para

a montagem da arena, das arquibancadas e da praça de alimentação e para o entretenimento.

Por outro lado, a partir desse período, a Festa do Mandim, perdeu seu espaço na cidade. Respectivamente, nos anos de 2012 e 2013, não houve o aludido evento em Sena Madureira, causando descontentamento, principalmente da comunidade de pescadores da região. Observa-se que o novo contexto econômico influenciou decisivamente as escolhas e decisões políticas quanto ao apoio à estruturação dos eventos culturais na cidade.

Assim como a Festa do Mandim nos primeiros anos de sua institucionalização, as exposições agropecuárias passaram a direcionar o entretenimento oficial, definindo calendários, impondo padrões, estilos e reestabelecendo relações sociais e comportamentos. O uso de botas, chapéus, cintos com fivela, calça jeans e camisas gola polo e quadriculadas passaram paulatinamente a compor o vestuário cotidiano de muitas pessoas na cidade de Sena Madureira, mesmo daqueles que não estão diretamente ligados à lida do gado ou o trabalho nas fazendas. O chamado estilo *country*, baseado na vida dos *cowboys* americanos, mas que no Brasil é mais conhecido como estilo sertanejo, ganhou espaço na região, em razão do crescimento dessas atividades econômicas.

Nas imagens abaixo, encontram-se o registro do primeiro dia da ExpoSena realizada em 2011, e do terceiro dia da ExpoSena, realizada em 2012. No terceiro dia, que caiu num sábado, ocorreu o primeiro show pirotécnico da história da cidade, o qual, em 2012, recebeu novo nome, AgroPurus, em alusão ao crescimento do evento, que ganhou projeções regionais.

Figura 12

Primeiro dia da ExpoSena 2011



Fonte: Acervo de Márcio Farias.

Figura 13

Show pirotécnico realizado no terceiro dia da ExpoPurus 2012



Fonte: Acervo do Márcio Farias.

Esse contexto foi responsável, por exemplo, pelo surgimento de grandes lojas de vestuário e acessórios country na região, bem como casas agropecuárias vendendo sementes de capim, vermicidas e pesticidas para animais e pastagens, objetos e equipamentos para atender uma demanda crescente no novo setor em expansão, que mistura negócio e cultura. Como pontuado por Farias (2005), a articulação entre novos agentes econômicos e instituições misturando elementos simbólicos e ressignificados é a tônica do novo mercado de festas no Brasil.

As festividades de significação étnica e regional e nacional cada vez mais integradas como peças de diversão nos circuitos do lúdico artístico ancorados no mercado e seus agentes orientadas pelas premissas do encaixamento turístico das expressões referidas no interior do gênero festa-espetáculo. (FARIAS, 2005, p. 680)

O cenário econômico atual na região de Sena Madureira apresenta um formato específico de festa a ser seguido. Como sinalizado nas imagens acima, as exposições agropecuárias que passam a acontecer em Sena Madureira copiam um modelo propagado, principalmente pela Festa do Peão de Barretos, Jaguariúna e outras do gênero espalhadas pelo país, as quais, dentro desse formato, têm: rodeio, shows de artistas, competições de tambores, escolha da rainha do rodeio e um espaço distribuído com camarotes e artistas famosos, arquibancadas, praça de alimentação e outros espaços de convivência.

A breve abordagem que envolveu a Festa do Peão de Barretos e as exposições agropecuárias em Sena Madureira procurou estabelecer relações entre

os contextos socioeconômicos e o tipo de evento cultural a se estruturar. O retorno da Festa do Mandim, em 2014, denominada naquele momento de Festa do Peixe, não anulou a continuidade das festas agropecuárias, pelo contrário, verificou-se uma consolidação dessas.

O que houve foi uma tentativa, por parte do poder público, em conciliar esses eventos, fundindo, inclusive, a Festa do Mandim com outras espécies em expansão como a piscicultura local. Não por acaso, em 2012, foi criada a primeira feira do peixe da cidade, por meio da Associação dos Piscicultores de Sena Madureira (APSM), demonstrando o crescimento de outro setor da economia local, a piscicultura, reivindicando também seu espaço no mercado.

6.8 O CÍRIO DE NAZARÉ NO ENCONTRO DE PADROEIRAS

O Círio de Nazaré é uma manifestação religiosa católica do Brasil, em devoção a Nossa Senhora de Nazaré, sendo um dos maiores eventos religiosos do mundo. As missões jesuítas estabelecidas na região norte do Brasil desde o século XVIII foram responsáveis pela disseminação da religião entre os paraenses, influenciando a criação do evento como forma de fortalecer o catolicismo na região. O evento reúne em torno de dois milhões de pessoas, entre devotos, turistas, cultos e a procissão. Ele ocorre anualmente no segundo domingo de outubro na cidade de Belém/PA, desde 1793.

Figura 14

Procissão em homenagem a Nossa S. de Nazaré (2011)



Fonte: Site UOL

Segundo Amaral (1998), todas as referências à origem da festa do Círio de Nazaré remetem à lenda do aparecimento da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, com poderes miraculosos, achada por um caboclo, conhecido por Plácido, filho de um português com uma índia nativa, por volta de 1700, na região do igarapé Murutucu, onde hoje é a Basílica. Apoiada em livros, artigos e outros escritos, a autora narra de forma envolvente a trajetória que transformou o aparente simples achado da santa em um poderoso processo de identificação cultural e religioso, que marcou para sempre a história do Pará. De acordo com as narrativas, tudo teria começado quando,

num certo dia de outubro de 1700, Plácido saiu para caçar na região do igarapé Murutucu e depois de muito caminhar pela mata, parou para refrescar-se nas águas do igarapé. Ao levantar a cabeça, enxergou a imagem de Nossa Senhora entre as pedras cheias de lodo. Católico fervoroso, Plácido levou a santa para o barraco onde morava e ali, em um altar humilde, passou a venerar Nossa Senhora. Procurada pelos viajantes que passavam pela estrada do Maranhão, a casa de Plácido tornou-se lugar de culto a Nossa Senhora. Sabendo de seus milagres, muitos devotos iam rezar, pagar promessas e agradecer os milagres alcançados. Uma das passagens

mais importantes da história de N. Sra. de Nazaré, constantemente citada como justificativa da construção da Basílica no lugar onde se encontra, diz respeito aos eventos chamados pelo povo de “sumiço da santa”. Diz-se que no dia seguinte àquele em que foi encontrada, a imagem não amanheceu no altar da casa de Plácido. Sem saber o que acontecera, este saiu andando pela estrada indo parar às margens do Murutucu. Para sua surpresa, a imagem estava novamente entre as pedras. Diz-se que a santa sumiu outras vezes, quando retirada dali. Esta história chegou aos ouvidos do governador da época, que ordenou que se levasse a imagem para o Palácio do Governo, onde ficou sob intensa vigilância. Pela manhã, contudo, o altar estava vazio. Impressionados com o milagre, os devotos concluíram que Nossa Senhora queria ficar às margens do igarapé. E ali foi onde construíram uma ermida, ao lado da qual o caboclo Plácido ergueu sua nova casa. Com o passar do tempo, os milagres foram aumentando, trazendo à cidade gente de vários lugarejos do interior, e a imagem acabou indo parar em Belém. Depois de um longo processo de reconhecimento dos milagres da santa e da devoção local por parte da igreja, em setembro de 1790, chegou à autorização para a realização de homenagens à santa conforme o Ritual Litúrgico. (AMARAL, 1998, p. 228-229)

A devoção popular à santa foi aumentando cada vez mais a partir daí, exigindo da Igreja Católica uma postura mais firme quanto ao culto, passando, inclusive, a se apropriar dele para intensificar o catolicismo na região, limitando, assim, os cultos considerados pagãos praticados pelas populações indígenas e ribeirinhas, no início do século XVIII. Hoje, de acordo com Amaral (1998), o Círio constitui-se em um conjunto de rituais, que combinam diversos elementos, mobilizando toda a cidade de Belém, fazendo dela, durante os quinze dias em que se realiza, o polo de atração de romeiros de todo o norte e nordeste do país, alcançando, atualmente, também os romeiros de outras regiões e ainda turistas de todo o mundo.

Para Matos (2010), o Círio de Nazaré contemporâneo cada vez mais se configura como um evento expressivo do calendário turístico nacional e internacional, mobilizando amplas parcelas da sociedade paraense.

Resultado de todo um processo sócio-histórico que mostra as teias de interdependência constituída pela presença da Igreja Católica na Amazônia, assim como a presença do Estado (colonial, imperial e republicano), do mercado e de amplas parcelas da população local. Essa interdependência apresenta-se, não raramente conflituosa, exigindo negociações permanentes tanto no campo material quanto no campo simbólico da memória. (MATOS, 2010, p. 7)

As transformações decorrentes, principalmente do processo urbanização na cidade de Belém, nos últimos trintas anos, coincidindo com a implantação do projeto da Transamazônica, ainda na década de 1970, foram aos poucos reconfigurando muitos dos sentidos da festa. Embora haja um compartilhamento de práticas entre os setores do catolicismo popular, considerados por alguns como leigos e os agentes do catolicismo oficial (alta hierarquia), esses grupos disputam constantemente o controle sobre o capital simbólico do Círio de Nazaré. (MATOS, 2010) Há que se considerar que, além dessas disputas no âmbito da religião, há ainda os interesses econômicos, que colocam artistas, comerciantes de imagens e outros objetos e empresários na disputa por esse poderoso mercado.

A complexidade e amplitude atingidas pelo Círio, segundo Matos (2010), levou a cidade de Belém a ter seu espaço e tempo ressignificados, pela e para a festa, levando a investimentos altíssimos na infraestrutura da cidade, mobilizando ainda diversos setores da sociedade para a maior festa religiosa do Brasil.

Calçamento, limpeza e iluminação das vias públicas, bem como decoração urbana com motivos relacionados ao Círio, especialmente nos ambientes onde, tradicionalmente se realizam as duas principais procissões (Procissão da Transladação e do Círio) e as muitas romarias que juntam milhares de pessoas. O arraial se enfeita com o colorido dos brinquedos, das barracas, objetos, alimentos e bebidas comercializadas naquele espaço, além do vai e vem ruidoso de comerciantes e pessoas em busca de diversão, as quais, cada vez mais, são encontradas em todos os cantos da cidade nos dias de festa. A maioria dos bares e restaurantes organizam suas programações musicais especialmente, para a data e reforçam os cardápios regionais. Da mesma forma, as lojas do centro comercial, os shoppings e as bancas do comércio informal, preparam-se com mercadorias marcadas pela reprodução de elementos simbólicos da festa como fitas e imagens da santa. (MATOS, 2010, p. 18)

A força da fé e a devoção por Nossa Senhora de Nazaré foi responsável, em grande medida, pela disseminação dos ideais católicos na Amazônia, e, como no Pará, o Acre recebeu forte influência do catolicismo, embora em outro contexto histórico. Nesse Estado, a presença da Igreja Católica data do final do século XIX e início do século XX, quando houve expansão dos seringais para abastecer a indústria imperialista e conseqüentemente, uma grande mobilização de trabalhadores vindos, principalmente do Nordeste, para a região amazônica.

A atuação da Igreja se deu com a continuidade da tradição desses trabalhadores, no âmbito dessa religiosidade. A maioria desses trabalhadores migrantes que vieram para o Acre nesse período era do Ceará, e junto com eles vieram suas crenças e costumes. A Festa do Círio compõe esse estudo por apresentar pontos de convergência com a história das festas no Estado acreano, notadamente, festas de padroeiros ou festas católicas.

A atuação política da Igreja Católica no Acre corresponde a três grandes períodos: o primeiro bispado de Dom Próspero G. Bernardi e Dom Júlio Mattioli, com forte atuação na região do Purus. Esse período vai de 1920, ano de instalação da Prelazia do Alto Acre e Alto Purus, a 1962, ano da morte de Dom Júlio Mattioli e da nomeação de Dom Giocondo. Essa fase é considerada por muitos como a que a Igreja adotou uma postura mais conservadora, com uma espécie de “proximidade amiga com os de cima”, na chamada relação triangular (Igreja-Governo-classe dominante) de mútuo favorecimento¹⁷.

O segundo período inicia-se em 1963, com o bispado de Dom Giocondo M. Grotti, que vai até 1971, seguido do bispado de Dom Moacyr Grechi, de 1972 a 1998. Neste período, tem-se uma Igreja que, sob a inspiração do Concílio Vaticano II e da teologia da libertação, faz uma opção pela defesa dos mais humildes. As mudanças ocorridas no Brasil na década de 1960, com as Reformas de Base e Golpe Militar de 1964, forçam a Igreja Católica e os movimentos a ela ligados a repensarem sua fé e suas práticas sociais¹⁸. O terceiro período vai de 1999, ano da posse de Dom Joaquín Pertíñez, aos dias atuais, abrangendo, até agora, inteiramente o bispado deste.

A forte atuação da Igreja Católica no Acre, principalmente a partir dos anos 1970, foi responsável em grande medida, pela disseminação dos santos padroeiros nas cidades acreanas. Dos 22 municípios que compõem o Estado, 15 deles têm um feriado em homenagem a um determinado santo¹⁹, sendo Sena Madureira um deles, com Nossa Senhora da Conceição. Em Cruzeiro do Sul, por exemplo, a devoção à Nossa Senhora da Glória ganha projeções consideráveis como pode ser visto na

¹⁷ Disponível em: <<http://lindomarpadilha.blogspot.com.br/2015/04/a-atuacao-da-igreja-catolica-no-acre1.html>> Acesso em: 17 de maio 2017.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.diocesederiobranco.org.br/home/wp-content/uploads/2017/05/21.-Origem-das-CBEs-no-Brasil-e-no-Acre.pdf>> Acesso em: 17 de maio 2017.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.ac.gov.br/wps/wcm/connect/e0c7fd0042426ebe9196b371c3a11451/Acre+Em+Nu%CC%81meros+2013web.pdf?>> Acesso em: 22 fev. 2017.

imagem abaixo. A procissão em questão, reuniu naquele ano mais de 50 mil pessoas, número bastante expressivo para um município com uma população de cerca de 80 mil habitantes, segundo o IBGE/2012.

Figura 15

Procissão de N. S. da Glória em Cruzeiro do Sul (2011)



Fonte: Site Tribunal do Juruá

Em Sena Madureira, há apenas dois feriados municipais, o dia 25 de setembro, dia do aniversário da cidade, e o dia 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. Além dessa data, durante todo o mês de maio, a Igreja Católica realiza as famosas atividades em alusão ao mês de Maria, e nele, durante os 31 dias, acontecem missas, quermesses, novenas, arraiais com bingos e leilões. É um dos momentos mais fraternos da cidade, no qual famílias, através dos Casais com Cristo, instituições e convidados, promovem doações para manter o trabalho social da Igreja junto aos ribeirinhos da região.

Figura 16

Missa de encerramento da procissão de Nossa S. da Conceição, em Sena Madureira (2016)



Fonte: acervo pessoal.

Vê-se o quão importante tem sido a atuação da Igreja Católica no Estado do Acre, especialmente em Sena Madureira, na perspectiva de mobilização da população em prol dos mais necessitados, por meio de festejos populares. Certamente, está imbricado nesse processo uma disputa por espaço e fiéis junto às igrejas evangélicas, o que não é objeto desse estudo, mas aponta para o lugar de destaque ocupado pelas festas sagradas no Estado.

Em 8 de abril de 2016, faleceu aos 90 anos o Padre Paolino, da Ordem dos Servos de Maria, da paróquia de Sena Madureira, um dos maiores símbolos religiosos do Acre, e o estado de comoção que atingiu a cidade foi algo impressionante, que mesmo aqueles que eram de outras religiões renderam homenagem a ele, numa demonstração de respeito pela sua atuação como membro da igreja católica.

Ao mapear as festas acreanas, notou-se que a Festa do Mandim dentro do grupo dos festivais de praia, constitui o segundo maior grupo de festas de Estado, ficando atrás apenas das festas de padroeiros; e ainda, como a festa de Nossa Senhora da Conceição, mobiliza comunidades ribeirinhas floresta a dentro, dado sua identificação com o povo.

CAPÍTULO III

7 DIVERSIDADE CULTURAL NO CURRÍCULO: ESTRATÉGIAS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS COM A FESTA DO MANDIM

Figura 17
Mural pedagógico



Fonte: acervo pessoal

7.1 O CURRÍCULO NO DEBATE EDUCACIONAL ATUAL

No contexto escolar coexistem e convivem diferentes saberes, e, conforme Freire (1987), o mundo escolar não está deslocado das experiências trazidas por esses alunos, o que torna de grande relevância o exercício de transformar conteúdos da realidade vivida pelos alunos em conteúdos do saber sistematizado. Nesse capítulo, confronta-se a legislação educacional atual com abordagens de alguns autores sobre os limites e desafios para a execução do currículo na

perspectiva cultural, além do relato de algumas experiências com a Festa do Mandim em sala de aula.

A centralidade que o tema cultura vem ocupando nos debates e abordagens nos últimos anos é um fato quase indiscutível. A carga de complexidade, fluidez e nuances trazida por sua dimensão permite encontrá-la em quase todos os aspectos da vida humana, e a sensação que se tem é a de que, ao mesmo tempo em que através dela podemos explicar quase tudo, não conseguimos explicar quase nada. Hall (2011) esclarece que reconhecer a centralidade da cultura nas sociedades de hoje não significa reduzir toda e qualquer atividade a cultura, mas entender que os significados produzidos nas práticas sociais trazem uma dimensão cultural.

Raymond Williams é apontado como um dos principais expoentes dos estudos culturais, influenciando os trabalhos de muitos estudiosos desse campo e áreas afins, na contemporaneidade, dentre elas, a própria área da educação, que tem se debruçado sobre a relação entre cultura e educação²⁰. Para Williams (1979), os termos Sociedade, Economia e Cultura são formulações relativamente recentes e antes das grandes transformações iniciadas com a Revolução Industrial do século XVIII traziam definições muito simples, sendo pensadas como campos separados. O termo cultura, por exemplo, era associado ao crescimento e cuidado de colheitas e animais, sendo, portanto, um processo objetivo.

Com o desenvolvimento moderno, segundo esse autor, os conceitos vão se ampliando na tentativa de abarcar com mais profundidade as manifestações humanas. O divisor de águas para a reinterpretação do que viria a ser Cultura foi o aparecimento do conceito de Civilização, no século XVIII, amplamente discutido pelos iluministas, principalmente por Rousseau. Para a maioria dos pensadores desse período, cultura passou a ser associada às capacidades intelectuais de alguns poucos letrados, e houve uma forte separação para o que denominavam alta cultura (erudita) e cultura popular.

Por longo tempo, as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria “modos de vida” específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social

²⁰ Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v39n1/v39n1a15.pdf>> Acesso em: 11 jul. 2017.

material, foram tomadas na prática por um universalismo abstrato unilinear. (WILLIAMS, 1979)

A ideia de Civilização enquanto universalização e apartada das experiências comuns foi fortemente criticada por Rousseau, vista por ele como superficial ao valorizar apenas o cultivo das propriedades externas como a polidez e o luxo e negligenciar as necessidades e impulsos mais humanos. (WILLIAMS, 1979) A partir de Rousseau, cultura traz um sentido abstrato e geral e desse novo sentido,

‘Cultura’ como processo geral de desenvolvimento ‘íntimo’ se ampliou e passou a incluir um sentido descritivo dos meios e obras desse desenvolvimento: isto é, ‘cultura’ como uma classificação geral ‘das artes’, religião e instituições e práticas de significados e valores, suas relações com a ‘sociedade’ foram então problemáticas, pois eram evidentemente instituições e práticas ‘sociais’, mas vistas como distintas do conjunto de instituições e práticas gerais e ‘externas’, hoje comumente chamadas de ‘sociedade’. A dificuldade foi solucionada, em geral, relacionando-se ‘cultura’, mesmo quando era evidente social em sua prática, com a ‘vida interior’ em suas formas mais acessíveis e seculares: ‘subjetividade’, ‘a imaginação’, e, nesses termos, com o ‘indivíduo’. A ênfase religiosa diminuiu, sendo substituída pelo que era na verdade uma metafísica da subjetividade e do processo imaginativo. ‘Cultura’, ou mais especificamente ‘arte’ e ‘literatura’ (em si mesmas dotadas de uma generalização e uma abstração novas) eram consideradas como o registro mais profundo, o impulso mais profundo, e o recurso mais profundo do ‘espírito humano’. (WILLIAMS, 1979, p. 21)

Nessa linha, a compreensão do termo cultura adquire dimensões universais e complexas, abarcando das mais simples experiências humanas àquelas que comumente ainda são chamadas de alta cultura. Nessa lógica, pela amplitude de aspectos que ela abarca, pode ser analisada tanto no âmbito global quanto nas particularidades objetivas e subjetivas que cada sociedade apresenta, como a religião, a culinária, as festas e outras manifestações. Nota-se que o autor reconfigura o conceito de cultura em direção a um sistema de significações, que apesar de ter escrito em fins da década de 1970, continua bastante atual, inclusive para pensar as identidades culturais do presente com suas variadas gamas de significados.

Segundo Hall (2011), a globalização recente, dos últimos cinquenta anos, visto que para ele esse processo inicia-se com as Grandes Navegações do século XVI,

vem deslocando as identidades nacionais e seus símbolos de referências, que durante grande parte dos séculos XIX e XX, foram responsáveis pela pretensa unidade nacional entre os povos. Dessa forma, o multiculturalismo e toda complexidade que o envolve e se apresenta nos dias atuais têm na globalização seu ponto deflagrador. Esse processo atua “numa escala global, que atravessa fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo em realidade e experiência, mais interconectado”. (HALL, 2011, p. 67)

A globalização implica, assim, um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica de “sociedade” como um sistema bem delimitado, substituindo essa por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço partir da compressão das distâncias e das escalas temporais (HALL, 2011) e trouxe consequências significativas para a emergência das novas identidades culturais, por três razões principais:

As identidades nacionais estão se desintegrando como resultado do crescimento da homogeneização cultural do “pós-moderno global”; As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçados pela resistência à globalização e, as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. (HALL, 2011, p. 69)

O que teria então tornado o campo dos estudos culturais tão proeminentes a partir desse processo?

Uma das respostas talvez esteja relacionada aos intensos processos de deslocamentos humanos vividos nos últimos sessenta anos, provocados, principalmente, pelos desdobramentos do fim da Segunda Guerra Mundial e da descolonização de colônias africanas e asiáticas, que colocaram em contato direto povos, sociedades e culturas de distintas regiões do planeta, sendo que muitos dos novos intelectuais dos estudos culturais emergem desse contexto, como o próprio Stuart Hall, Paul Gilroy, Néstor García Canclini, Édouard Glissant, dentre outros.

Esses contatos culturais muitas vezes provocam choques mais intensos, marcados por tensões e hostilidades, mesmo que veladas e silenciosas. Junto a isso, a globalização, em seu acelerado movimento de massificação cultural, tende a

transformar todas as culturas e uma só cultura, diluindo as diferenças em padrões uniformizados de gostos, vestimentas, falas, símbolos e outros acessórios. É nessa perspectiva, para Hall (2011), que reside o grande problema das identidades culturais. De um lado, a globalização forçando uma homogeneização cultural e, do outro, as culturas locais resistindo a essa pressão ao buscarem modos de afirmação, muitas vezes contraditórios.

Hall (2003) chama atenção para a força que o termo multiculturalismo tem adquirido nesse contexto de lutas de afirmação e desconstrução de identidades, e assegura que embora o termo seja utilizado universalmente. Segundo ele, sua proliferação não contribui para estabilizar ou esclarecer seu significado, residindo em um grande problema quando utilizado para fins políticos. Assim como outros termos relacionados, entre eles raça e etnicidade, o multiculturalismo encontra-se tão discursivamente enredado, que só pode ser utilizado “sob rasura”, mas na falta de um conceito menos complexo que permita refletir sobre o problema, resta continuar utilizando e interrogando-o. (HALL, 2003) Para ele, é necessário fazer a distinção entre multicultural e multiculturalismo, visto se tratarem de aspectos diferentes e que invariavelmente são utilizados como sinônimos:

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade ‘original’. Em contrapartida, o termo ‘multiculturalismo’ é substantivo. Refere-se as estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. E usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais. ‘Multicultural’, entretanto, é, por definição, plural. (HALL, 2003, p. 52)

Nota-se que quando utilizado no singular, o termo multiculturalismo tende a homogeneizar questões particulares. A tentativa de homogeneização naturalmente parte daqueles grupos considerados mais abastados economicamente com o intuito de promover o apagamento de aspectos culturais entendidos por estes como inferiores ou irrelevantes. Da parte dos grupos que sofrem o aniquilamento, geralmente ocorre revolta e explosão de conflitos no interior da comunidade. Além disso, há que se considerar que “o -ismo tende a converter o ‘multiculturalismo’ em

uma doutrina política, reduzindo-o a uma singularidade formal e fixando-o numa condição petrificada”. (HALL, 2003, p. 52)

A complexidade em sua definição e ao mesmo tempo os incontáveis significados que o termo multiculturalismo pode adquirir, bem como os diferentes usos que dele são feitos, levou Hall (2003) a expor o seguinte comentário:

O multiculturalismo não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma forma disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados. Assim como há distintas sociedades multiculturais, assim também há ‘multiculturalismos’ bastante diversos. (HALL, 2003, p. 52-53)

A dificuldade em definir a natureza e a finalidade desse aspecto faz com que, paradoxalmente, o multiculturalismo seja defendido ou apropriado por conservadores, liberais ou críticos e também utilizado como veículo de consumo identitário. À sua maneira, cada grupo busca tirar proveito de algum elemento que o fenômeno carrega. Para Hall (2003), talvez seja exatamente essa capacidade de ser tantas coisas diferentes ao mesmo tempo em que reside o grande valor do multiculturalismo.

No campo educacional, sua abordagem possibilita discutir para além das relações global *versus* local, as mediações culturais, os pontos de contato que ora aproximam, ora distanciam as identidades. Um dos grandes desafios para a escola, hoje, é não poder ignorar o problema das diferenças de raça/cor, identidade, poder, trabalho e conhecimento de sujeitos que se “tocam” com uma frequência cada vez maior.

Os processos de globalização que misturam física e virtualmente os indivíduos aceleram a visibilidade das diferenças, e a velha dicotomia entre universalismo e particularismo adquire outros contornos, exigindo da escola novos posicionamentos frente a essas pressões. Seguindo esse pensamento, Candau (2000, p. 83) afirma o seguinte:

A escola tem de se defrontar fortemente com esta realidade e repensar o processo de escolarização a partir destes desafios. Não se trata exclusivamente de um desafio analítico e conceitual, por mais importante que seja o aprofundamento nessa perspectiva.

Trata-se de recriação do sentido profundo, de reinventar a escola. Acolhendo a tradição construída como histórica, evitando posições saudosistas e/ou fundamentalistas, para, conscientes das raízes, enfrentarmos as novas questões e recriarmos o sentido da escolarização.

Apreende-se que a sociedade atual vive uma crise de paradigma, na qual a problemática dos Direitos Humanos fica em evidência. Questões de gênero, sexualidade, educação, relações étnico-raciais geram tensões entre igualdade e diferença. Essas questões necessitam ser pensadas não em polos distintos, mas no diálogo de uma com a outra. Na interface desse processo está a cultura, ou melhor, as culturas se movendo, buscando visibilidade, produzindo conflitos, sociabilidades e rompendo fronteiras diversas, lutando contra a globalização que busca diluir identidades, extinguir linguagens e códigos das culturas consideradas inferiores. Para Fleuri (2013), nesse final de milênio, trata-se não mais de lutar pela sobrevivência física ou material dos grupos marginalizados, mas lutar pela própria possibilidade de sua existência no campo do simbólico. Ainda sobre essa discussão, Candau & Moreira (2014, p. 8) discorrem:

Embora seja possível observar tendências à homogeneização que contribuem para diluir características particulares e locais, as consequências desse processo são contraditórias e incluem, ao mesmo tempo, o esforço de diferenças culturais e a criação de alternativas híbridas. A cultura transformou-se, assim, em um dos elementos mais dinâmicos e imprevisíveis das mudanças históricas na contemporaneidade.

Trata-se, nessa perspectiva, da emergência dos multiculturalismos, tendência mundial que coloca frente a frente povos, culturas e valores num movimento de contato permanente. Naturalmente seus efeitos são sentidos também no campo educacional e diversos estudiosos vêm há muito se debruçando acerca do assunto, surgindo assim a chamada Educação Intercultural, resultante da centralidade ocupada pelas culturas nos dias atuais.

Para Candau (2014), as diferenças socioculturais são componentes fundamentais das relações sociais e, no convívio diário com o “outro”, essas diferenças muitas vezes geram tensões e conflitos em função das assimetrias de poder que as permeiam e provocam a construção de hierarquias e processos de subalternização. A globalização, ao mesmo tempo em que aproxima as pessoas,

evidencia as diferenças culturais; e é nesse ponto que reside a grande questão: como lidar com as diferenças?

Segundo a autora, a articulação entre igualdade e diferença é um dos grandes desafios para a escola. Ela vê na perspectiva intercultural uma ferramenta para a construção dessa articulação. Para ela, a expressão educação intercultural é polissêmica, admite diferentes significados e aproximações e a situa no âmbito das posições multiculturais, classificada por ela em três grandes abordagens: o multiculturalismo assimilacionista, o multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural e o multiculturalismo interativo ou a interculturalidade. (CANDAU, 2014)

No caso da educação, a primeira abordagem visa a promover uma política de universalização dos sistemas escolares. Todos são convidados a participarem do sistema, no entanto, não devem questionar o caráter monocultural e homogeneizador presente nos conteúdos do currículo, bem como as estratégias utilizadas em sala de aula e os valores privilegiados. Na segunda abordagem, o multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural parte da ideia de que, quando se enfatiza a assimilação acaba-se por negar as diferenças e silenciá-las.

Ocorre que, ao enfatizar o predomínio das diferenças individuais sobre o grupo, acaba-se por promover verdadeiros *apartheids* identitários, dificultando o diálogo entre seus membros. A terceira abordagem apresentada por Candau (2014), o multiculturalismo interativo ou a interculturalidade, é considerado por ela como o mais adequado para a construção de sociedades democráticas e inclusivas que articulem políticas de igualdade com políticas de identidades, visto a abertura e o intercâmbio que a mesma promove.

A Interculturalidade fortalece a construção de identidades dinâmicas, abertas e plurais, assim como questiona uma visão essencializada de sua constituição. Potencia os processos de empoderamento, principalmente de sujeitos e atores inferiorizados e subalternizados e a construção da autoestima, assim como estimula a construção da autonomia num horizonte de emancipação social. Por isso é importante que as práticas educativas partam do reconhecimento das diferenças presentes na escola e na sala de aula, o que exige romper com os processos de homogeneização, que invisibilizam e ocultam as diferenças, reforçando o caráter monocultural das culturas escolares. (CANDAU, 2014, p. 32)

A autora afirma que de um modo geral somos tomados por certo daltonismo, isto é, por uma visão unilateral acerca das cores em oposição ao “arco-íris das culturas” de Boaventura de S. Santos (1995), conceito apropriado desse autor por Candau. A autora faz com isso uma analogia para se referir a outras possibilidades que tem o indivíduo de enxergar a diversidade cultural. Buscar o “arco-íris das culturas” supõe romper com os modelos de cultura única tão naturalizados e enraizados pelo e no Ocidente.

Um aspecto importante na perspectiva intercultural diz respeito aos conhecimentos a serem trabalhados no cotidiano escolar, visto a prioridade que tem sido dado a alguns conhecimentos considerados universais. Em geral, segundo a autora, “o conhecimento escolar está naturalizado e concebido como constituído por conceitos, ideias e reflexões sistemáticas que guardam vínculos com as diferentes ciências de referências das diversas áreas curriculares”. (CANDAU, 2014, p. 33)

A utilização da Festa do Mandim como potencializadora de conteúdos para o currículo do Ensino Médio em escolas locais se insere em uma tentativa pedagógica intercultural e encontra nas constantes mudanças curriculares um campo fértil para atuar. As práticas interculturais podem apresentar-se como experiência positiva, pois, em um tempo em que as identidades parecem diluir-se, camuflar-se por entre outras tantas ou mesmo hibridizar-se, torna-se imprescindível que a escola problematize este processo de massificação e homogeneização cultural a fim de alertar para a possibilidade de apagamento das ditas culturas menos expressivas.

Para Moreira & Tadeu (2011), o currículo corresponde tanto à questão do conhecimento quanto da identidade, e nesse sentido, suas teorias estão classificadas em tradicionais, críticas e pós-críticas, sendo estas separadas pela temática do poder. Já há muito é quase consensual que o currículo expressa os interesses dos grupos humanos no tempo e no espaço. No entanto, da segunda metade da década 1990 para cá, a lógica, dominador *versus* dominado, tão enfatizado nos debates teóricos tradicionais e críticos, cedem lugar aos conflitos de identidades, produtos do multiculturalismo e objeto de estudo de diferentes teorias nos dias de hoje.

Como enfatizado ao longo do texto, vive-se hoje a emergência do multiculturalismo, uma tendência pós-moderna que “legitima” e “reconhece” a existência de vários grupos sociais coexistindo e convivendo em uma mesma

sociedade. O reconhecimento dessa diversidade de culturas, por sua vez, não é sinônimo de convívio pacífico, tanto que, em distintas direções e objetivos o multiculturalismo vem sendo propagado.

Nessa direção, as políticas educacionais do Brasil parecem ter entendido em parte a importância dessas questões no âmbito da escola e, desde, de 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de alguma maneira, já acenavam para esse ponto. Trouxeram, além do alinhamento nas disciplinas da formação geral, os temas transversais, isto é, conteúdos que devem atravessar a vida acadêmica dos educandos, contribuindo para uma formação mais humana e cidadã.

Dentre esses temas tem-se a **Pluralidade Cultural** e os **Temas Locais**. Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (PCN/PC, 1997, p. 7)

Sob a denominação de **Temas Locais**, os PCNs pretendiam contemplar os temas de interesse específico de uma determinada realidade a serem definidos no âmbito do Estado, da cidade e/ou da escola. Corroborando com isso, a **Lei n. 12.796/13** estabelece que **os currículos da Educação Básica devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos**. Os grifos sinalizam o ponto central do trabalho quando da necessidade de execução dessa parte diversificada do currículo em escolas locais.

Na perspectiva regional, há que se considerar o significativo número de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos, principalmente na Universidade Federal do Acre, mais fortemente voltados para a história e a literatura acriana em diferentes perspectivas. É bem verdade que grande parte desses trabalhos atenta para questões voltadas quase que exclusivamente para seus objetos de estudos em programas de pós-graduação, cujas possibilidades de chegar ao grande público são bastantes reduzidas. No entanto, esses estudos precisam sair do banco de teses e dissertações da CAPES e fazer a interlocução com diferentes sujeitos amazônicos.

Só assim os estudantes da Educação Básica do Estado poderão saber que existem outras leituras possíveis das culturas amazônicas nas quais estão inseridos.

Em provocador artigo, intitulado “História e historiografia do Acre: notas sobre os silêncios e a lógica do progresso”, Albuquerque (2015) chama a atenção para a passividade com qual a historiografia acriana tem tratado a escrita da história do Acre. Para ele, a maioria dos que escrevem sobre o Acre continuam presos às interpretações de nomes como Euclides da Cunha, Ferreira Reis e Tavares Bastos, que com todo o brilhantismo e eloquência, não conseguiram ler e enxergar as múltiplas experiências culturais que habitavam essa parte do Brasil do século XIX para cá.

As ideias evolucionistas que marcaram a maior parte de seus escritos optaram por negar ou silenciar as inúmeras resistências de populações indígenas e mestiças espalhadas principalmente às margens dos rios Purus e Juruá, por onde esses viajantes passaram. Grande parte das leituras e releituras que se fazem desses clássicos continuam colonizadas, apresentando os sujeitos amazônicos apenas como vítimas, coitados ou preguiçosos e selvagens conscientes ou não desses discursos reproduzidos.

Em direção parecida, Neide Godim (2007) na importante obra, *A Invenção da Amazônia*, narra algumas representações carregadas de estereótipos registradas por viajantes e cronistas que passaram pela Amazônia entre os séculos XVII e XIX acerca das populações e culturas que aqui habitavam. Para ela, a própria expressão Amazônia foi uma invenção dos europeus referindo-se as índias guerreiras ou amazonas que supostamente existiam nessas terras visando enquadrá-la na lógica imaginária de seus mitos, especialmente os greco-romanos.

Segundo essa autora, o transito de cronistas e viajantes de diferentes ofícios e interesses que rumaram para a América no início da Idade Moderna foi decisivo para forjar um quadro de referências extremamente fantasioso, depreciativo e preconceituoso acerca dos povos que aqui viviam. Interessante observar que muitos dos que escreveram sobre a Amazônia, seus povos e costumes sequer a conheceram-na concretamente, mesmo que fosse uma pequena parte, mas mesmo assim ousaram escrever sobre essa região, pautando suas interpretações acima do que ouviam falar sobre ela.

Faz-se necessário reescrever essa história e mesmo que bebendo na fonte desses cânones é possível descortinar muitas omissões e apagamentos, como, por exemplo, a resistência Mura no Purus narrada por Ferreira Reis, que impediu durante décadas os exploradores de adentrar as matas e rios para exploração de especiarias. Aliás, para Albuquerque (2015), sobre o Purus, muitos desses escritos precisam ser revisados por um olhar que veja por trás do progresso os violentos processos de extermínio aos quais essas populações foram submetidas ao longo da história.

Dentre os grandes rios que atravessam o Acre, o Purus talvez seja o que mais viajantes de toda espécie e ofício recebeu, mas pouco se sabe disso ou pouco se procurou saber. Essa crítica serve, inclusive, para os limites desse trabalho, que mesmo situado no Vale do Purus, invisibiliza a importância dessa região dentro do contexto da história acriana.

De qualquer forma, a ideia de trazer para sala de aula uma manifestação da cultura local, visa auxiliar a realização de pelo menos duas tarefas importantes: primeiro, mostrar para o aluno a existência de outras expressões culturais festivas que não figuram no livro didático nem na mídia e, ao mesmo tempo, provocar nesses, o estranhamento quanto aos silenciamentos e omissões historicamente postas às populações dessa região.

Normalmente, uma das primeiras reações dos alunos quando se leva uma experiência de seu cotidiano para sala de aula é eles pensarem que não é conteúdo, aspecto reforçado pelo uso constante que fazem os professores do livro didático em suas aulas. No fascículo produzido a partir dessa pesquisa, encontram-se diferentes experiências e acontecimentos de populações locais que foram transformados em conteúdos para explorar essa diversidade regional.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio-PCNEM (1999), também faz parte do Ensino de História introduzir na sala de aula o debate sobre o significado de festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos e áreas preservadas. Esses aspectos ajudam na compreensão do papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana. Além disso, retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato

ativo e crítico com ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa²¹.

As prolongadas jornadas de trabalho da maioria dos professores da Educação Básica contribuem para a adoção irrestrita desse recurso didático que, a longo prazo traz prejuízos irreversíveis para os alunos, visto o livro didático basear-se na abordagem de uma base nacional comum, secundarizando os conhecimentos das realidades históricas dos alunos, principalmente aqueles que se encontram nas regiões norte e nordeste do Brasil, reforçando os estereótipos e as desigualdades entre os brasileiros.

Para Monteiro et. al (2014), a dicotomia dominador *versus* dominado, erudito *versus* popular e outras tantas tinham um peso bastante forte na imposição de valores, o que é hoje impraticável, dada a diversidade de situações geradas em grande parte pela Globalização e o pelo avanço tecnológico. Em função do seu papel formativo, a escola experimenta as primeiras e mais intensas reações de tensões entre os indivíduos, e por isso, espera-se dela a proposição de alternativas que busquem minimizar as situações de conflito e exclusão; e uma das formas de produzir nos alunos reflexões sobre distintos fatos e situações envolvendo as diferenças culturais é fazê-los olhar para si mesmos.

Esse debate encontrou eco nas políticas de Estado no Brasil, e a preocupação com o currículo se fez presente em vários documentos legais, que, principalmente a partir de 2003, foram sendo sancionados ou rediscutidos, sendo o Conselho Nacional de Educação (CNE), as secretarias estaduais e municipais de educação os principais órgãos envolvidos no debate. Importa ressaltar que no início dos anos 2000, no Brasil, já havia um forte debate teórico-metodológico questionando, inclusive, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (1998), os quais, na visão dos mais críticos, apresentavam um forte apelo mercadológico e produtivista. Relativo a isso, Moehlecke (2012, p. 48) diz que

dentre as principais críticas realizadas às DCNEM, nesse conjunto, ressaltam-se três delas, identificadas como as mais recorrentes: a) a subordinação da educação ao mercado, ressignificando conceitos como flexibilização, autonomia e descentralização; b) a permanência

²¹ **O saber histórico e o ensino de história: uma reflexão sobre as possibilidades do ensino escolar da História.** Disponível em <<http://seer.ufms.br/index.php/fatver/article/download/1301/827>>. Acesso em: 05 de outubro de 2016.

da separação entre formação geral e formação para o trabalho; c) o poder de indução relativamente limitado das diretrizes.

O ponto crítico do debate girava em torno, principalmente do Ensino Médio, visto como um nível de escolaridade sem identidade, marcado por um forte discurso que enfatizava a necessidade de um currículo cada vez mais flexível, para se adequar a um mundo produtivo em constante transformação e cada vez mais instável, demanda uma qualificação para a “vida”.

A partir de 2003, o MEC, através da Secretaria de Educação Básica (SEB), iniciou uma série de discussões e consultas acerca do que se pretendia para com o Ensino Médio. Dessas discussões saíram as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, publicadas em 2006. Em 2009, o Ministério da Educação convidou um conjunto de especialistas para auxiliá-lo no processo de revisão e atualização das diretrizes curriculares nacionais para a educação básica como um todo.

Como resultado desse debate, em julho de 2010, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB n. 7/2010 e resolução CNE/ CEB n. 4/2010) e, em maio de 2011, foi aprovado um parecer estabelecendo novas diretrizes curriculares. O novo documento trouxe mudanças consideráveis na questão da organização curricular e, em especial nas DCNEM, materializada em uma proposta mais flexível e diversificada de currículo, capaz de se adequar aos distintos interesses dos jovens.

No que tange à exclusão das ditas “minorias”, o Estado brasileiro promulgou, em janeiro de 2003, a Lei n. 10. 639, que obrigava a inserção de conteúdos de história e cultura das populações afro-brasileiras e africanas nos currículos de todas as escolas brasileiras, como forma de valorizar e reconhecer o rico legado histórico e cultural produzidos pelos negros em nossa sociedade. No ano seguinte, o CNE instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essas diretrizes buscam efetivar o estabelecido na Constituição Federal e em outros documentos legais que visam assegurar direitos e oportunidades as populações negras, seus descendente e quilombolas.

Em direção similar, em 2008, foi aprovada a Lei n. 11.645, que altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Nota-se que semelhante ao que ocorreu com a Lei n. 10.639/03, essa lei previa a inserção de conteúdos que abordem ou contemplem elementos do universo indígena, evidenciando o multiculturalismo presente no Brasil. No mesmo ano, foi promulgada a Lei n. 11.769/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de Música nas escolas de Educação Básica. Essa medida objetivava possibilitar aos alunos, sobretudo, das escolas públicas terem acesso a outros bens culturais.

Observa-se que cada vez mais a escola é chamada a intervir na realidade social e cultural do Brasil por meio de suas práticas pedagógicas e, não por acaso, a formação continuada de professores prevista na LDB n. 9.394/96 compõe também uma política de Estado. Ao criar as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), o Estado pretendia nortear as discussões curriculares e nesse sentido, as DCNs são normas obrigatórias para a Educação Básica, que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino, pois se entende a necessidade de alinhamento com vistas aos conteúdos a serem abordados nas escolas brasileiras.

Por outro lado, essas mesmas diretrizes curriculares visam preservar a autonomia da escola e sua proposta pedagógica, ou seja, há um currículo comum a ser seguido, mas cabe à escola definir sua parte diversificada, abarcando campos os mais diversos da realidade brasileira, como a mais recente diretriz, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica: diversidade e inclusão²². Dentro dessa perspectiva, a escola recorta ou seleciona os conteúdos básicos nos contextos que lhe parecerem necessários, considerando o perfil dos alunos atendidos, a região em que estão inseridas e outros aspectos locais relevantes, como apontado na Lei n. 12.796/2013, à qual esse trabalho se reporta.

Importa destacar aqui algumas questões: a par da diversidade de situações e interesses a contemplar no currículo, teria a escola condições de acompanhar essas

²² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17212-diretrizes-curriculares-nacionais-para-educacao-basica-diversidade-e-inclusao-2013&category_slug=marco-2015-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 17 out. 2016.

mudanças? A inserção nos currículos de todas temáticas elencadas garante a inclusão de todos os educandos com seus valores e aspirações? O crescente número de componentes curriculares previstos legalmente para o Ensino Médio está claro para escolas e professores? Isso não é certamente objeto de discussão nesse estudo, mas merece uma reflexão.

7.2 FESTAS POPULARES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DE APRENDIZAGEM

O potencial pedagógico proporcionado pelo estudo das festas populares ainda é pouco explorado, podendo ser constatado na escassez de referenciais sobre esse tema em bases de dados, como a da CAPES, por exemplo. Por outro lado, os estudos sobre festas populares, na perspectiva da diversidade cultural como apontado no primeiro capítulo, têm aumentado consideravelmente nas últimas décadas. Em 2007, o Ministério da Educação, por meio do Programa Salto para o Futuro, elaborou uma proposta pedagógica que teve como epicentro a ideia de *Aprender e ensinar nas festas populares*²³. Nesse caderno, cinco grupos de festas foram apresentados como possibilidades de abordagem em sala de aula: festas de santos reis, festas carnavalescas, festas juninas, festas de trabalho e festas da afro-descendência.

Para Pessoa (2007), a vasta gama de aspectos que uma festa é capaz de mobilizar ainda não está sendo suficientemente descoberta para a escola. Os mais diferentes tipos de registros atestam que provavelmente todas as civilizações conhecidas fizeram ou ainda fazem festa (PESSOA, 2007), tornando a festa um fenômeno universal e repleto de nuances e, se for considerada, um tipo de ritual, como concebem muitos antropólogos, dentre eles Brandão (1981). Talvez mesmo antes do surgimento das civilizações propriamente ditas, os seres humanos já festavam ou ritualizavam, seja em agradecimento a simples colheitas, seja no enterro de seus entes queridos nos mais diferentes tempos e espaços.

Segundo esse autor, é necessário insistir na força que têm as festas como experiência educativa, uma vez que o lúdico presente em sua estrutura penetra mais

²³ Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/aprender-e-ensinar-nas-festas-populares.pdf>> Acesso em: 28 jun. 2017.

fortemente as emoções e a sensibilidade, contribuindo para fortalecer os laços de solidariedade e disciplina entre os educandos, revelando ao mesmo tempo outras aprendizagens, como o ato de saber ouvir e sentir seu próprio corpo, o que o ensino tradicional não dá conta. Sobre essas aprendizagens, o autor afirma ainda que as festas permitem o indivíduo ler o mundo mesmo sem dominar os códigos da escrita. Ele acrescenta:

As pessoas e grupos populares não têm como primeira forma de expressão o domínio da escrita. Seus textos são escritos em forma de dança, de cânticos rimados para facilitar a memorização, são troças, lendas, ditados, com muita, mas muita comidinha gostosa. É dessa forma que o povo escreve suas memórias, seus valores, seus códigos de regras, suas crenças, suas angústias pelo árduo trabalho, suas esperanças e fantasias. Os ingredientes que compõem a festa popular são também textos por meio dos quais a gente simples manifesta tudo aquilo que lhe toca mais profunda e intensamente. (PESSOA, 2007, p. 5)

A estrutura de organização de algumas festas pode ser comparada em certo sentido com etapas de aprendizagem praticadas nas escolas. Na Folia de Reis, por exemplo, se aprende que o caminho para chegar a ser um embaixador, principal responsável pela organização da festa é longo e demanda disciplina e renúncias, como é a trajetória de um bom estudante. Segundo a tradição, os três Reis Magos, Gaspar, Melchior (ou Belchior) e Baltazar, quando viram a Estrela de Belém no céu, foram ao encontro de Jesus, que havia nascido, e ofereceram ao menino Jesus, como presente, ouro, incenso e mirra, que simbolizavam a realeza, a divindade e a imortalidade. Conta ainda a lenda que **um mago era negro, outro branco e o terceiro moreno, representando toda a humanidade**²⁴. Ao ressaltar esse aspecto, a Folia de Reis insinua para a possibilidade de convivência pacífica e respeitosa entre os diferentes grupos étnicos, enfatizando por meio do lúdico, valores tão importantes para a sociedade, em uma clara evidência que as festas também ensinam.

Na mesma direção, os temas teatrais de uma Congada permitem recordar as lutas angolanas contra as investidas portuguesas, trazendo para o presente reminiscências do passado que dão conta ao mesmo tempo da opressão e das

²⁴ Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/folclore/ult1687u9.jhtm>> Acesso em: 29 jun. 2017.

resistências experimentadas por esses povos na trajetória colonizadora. As narrativas de festas como essas deslocam para a atualidade personagens, histórias, eventos e processos socioculturais envoltos de interesses, desejos e sentimentos, interligando passado e presente. Sobre as possibilidades de usos das festas populares na escola, Pessoa (2007) aponta três indicações substanciais:

A primeira é que a comunidade escolar tenha ocasiões concretas de conhecimento das festas, como elas realmente acontecem, indo até elas, mas pode acontecer, também, com um movimento inverso: a festa indo à escola. Nesse caso, esses componentes da fundamentação da festa vão estar irremediavelmente diminuídos, por se tratar não do acontecimento da festa, em data e local próprios, mas pelo menos, alguns elementos da festa (história, dança, música, vestimenta) poderão ser vistos pelos alunos e explicados pelos próprios sujeitos que a constituem. A segunda indicação é quanto à possibilidade de serem desenvolvidas, nas escolas, releituras ou recriações das festas populares, seja por grupos de teatro ou pelos próprios alunos. O objetivo nesse caso é sempre pensar sobre o que a escola e seus sujeitos podem aprender com a festa e a reprodução desta, mesmo se feita por outros sujeitos. A terceira e última indicação é que, por um ou por outro caminho, depois de conhecida, a festa seja tomada também como situação de potencialização (ampliação) do conhecimento sobre a diversidade cultural brasileira (por meio de discussões, debates, reflexões, entrevistas, encenações, atividades de leitura e escrita, etc.). Se as festas populares forem abordadas como momento de ócio, de lazer, de folga, de brincar, etc., já será um ganho, pois elas expressam a grande riqueza cultural de nosso país. Mas elas podem 'dar' muito mais: elas podem contar, de diversas formas, em diversas linguagens, em múltiplas cores, como nos tornamos uma nação e como o capital está querendo nos fazer crer que não somos mais uma nação. Se a escola tomar parte nesta dramática tensão e, em especial, na forma como a cultura popular a vivencia, aí o reconhecimento quanto ao seu papel de instituição produtora e reprodutora de conhecimentos, social e culturalmente referenciada, chegará à sua formatação mais completa. (PESSOA, 2007, p. 7-8)

O autor apresenta, como observado, algumas possibilidades nas quais o trabalho educativo com festas populares pode ser extremamente enriquecedor e dá pistas de como utilizá-las didaticamente, principalmente no que tange à classificação dessas em ciclos, como o ciclo das festas natalinas, carnavalescas e/ou o ciclo das festas juninas. No entanto, para o mesmo autor, os ciclos impõem uma marca religiosa que precisa ser cuidadosamente abordada, uma vez que são profundamente identificadas com a devoção aos santos do catolicismo, e ao se

pensar a diversidade cultural em sala de aula, esse aspecto deve estar muito bem colocado. Outro aspecto ressaltado em relação a isso é que há no Brasil uma infinidade de momentos festivos em torno da realidade do trabalho e das colheitas, o que nem sempre é captado pela ideia dos ciclos. (PESSOA, 2007)

De toda forma, para o reportado autor, as festas juninas, podem ser muito úteis para as escolas trabalharem a relação que a cidade estabelece com o campo, ajudando a desconstruir estereótipos, como a ideia do caipira, do sertanejo e, no caso da Amazônia, do seringueiro, personagem matuto na visão dos citadinos. Outro ponto é trazer a experiência rural da vizinhança, da solidariedade e do mutirão para o espaço urbano²⁵. Vive-se na cidade relações tão caóticas e vazias de afetos e contatos sociais mais intensos, que um contato experiência de vida rural pode iluminar aquilo que a cidade vem esquecendo em termos de sociabilidades. A experiência com a festa junina pode ainda, segundo esse autor, mobilizar conteúdos de estética, de culinária, de um patrimônio artístico que está distante do ambiente urbano, no sentido de a cidade saber o que o campo faz, trazendo o interior para perto.

Como visto, as festas populares tradicionais consistem em importantes fontes de conhecimento para a escola, e nessa linha, a Festa do Mandim apresenta sua contribuição ao vislumbrar a possibilidade de aprender e ensinar biologia, por exemplo, por meio da Piracema, fenômeno comum no cotidiano dos moradores da cidade de Sena Madureira, mas que ao ser explorado em sala de aula, transforma-se em conteúdo obrigatório ao currículo da Educação Básica.

7.3 A FESTA DO MANDIM E A PIRACEMA: UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA

A ideia de que o equilíbrio do meio ambiente é indispensável para a preservação da biodiversidade há muito já vem sendo discutido no Brasil e na Constituição Federal de 1988. Essa preocupação figurava como ponto marcante, tanto em relação à necessidade de preservação do meio ambiente quanto em relação às medidas coercitivas para os infratores, conforme texto que segue:

²⁵ Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/salto-festas-populares>> Acesso em: 28 jun. 2017.

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (...) §3º – ‘As condutas e atividades consideradas lesivas ao meio ambiente sujeitarão os infratores, pessoas físicas ou jurídicas, a sanções penais e administrativas, independentemente da obrigação de reparar os danos causados’. (CF/1988, art. 225)

Nota-se que a Constituição Federal de 1988 buscou a conscientização dos indivíduos sobre a importância de um meio ambiente ecologicamente equilibrado em suas vidas, tanto no presente como para suas gerações futuras, procurando respeito mútuo entre o homem e a natureza. Com esses ideais e buscando um meio ambiente equilibrado pautado na sustentabilidade, os órgãos competentes de proteção ambiental criaram a Piracema, medida essa que busca a proteção e preservação da piscosidade das águas dos rios e lagoas, almejando um manejo sustentável dos recursos pesqueiros²⁶.

Em 1998, o Ministério da Educação publicou os PCNs, tendo como um dos seus eixos transversais o tema Meio Ambiente, o qual se justificou pela necessidade de levar a escola e os alunos a lançarem outros olhares para a questão do meio ambiente, evidenciando as inter-relações e a interdependência dos diversos elementos na constituição e manutenção da vida. “Em termos de educação, essa perspectiva contribui para evidenciar a necessidade de um trabalho vinculado aos princípios da dignidade do ser humano, da participação, da corresponsabilidade, da solidariedade e da equidade”. (PCNs, 1998)

Assim como o tema da Pluralidade Cultural, o Meio Ambiente atravessa todas as séries, ciclos e níveis de ensino no Brasil, demonstrando que já na educação infantil a criança pode despertar para o tema e, no caso dos cursos de graduação, essa temática configura como requisito obrigatório nos processos de reconhecimentos dos cursos superiores junto ao INEP. Há, portanto, um esforço institucional nas diferentes esferas estatais para que a educação ambiental se constitua em uma prática contínua, tendo a escola como ponto de partida.

²⁶ Disponível em: <<http://www.site.ajes.edu.br/direito/arquivos/20131029234741.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2017.

Na perspectiva dos PCNs (1998), o ensino das Ciências Naturais do ensino fundamental já indica a necessidade de desenvolver no aluno competências que lhe permitam compreender o mundo e atuar como indivíduo e como cidadão, utilizando conhecimentos de natureza científica e tecnológica, sendo capazes de perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles. (BRASIL, 1998, p. 7) Ainda nessa linha, Zanon (2005), afirmam que o ensino das Ciências Naturais permite aos alunos apropriarem-se dos conhecimentos científicos e estabelecerem as relações com os problemas ambientais presentes no cotidiano, garantido, assim, a contextualização do que foi apreendido, conceituando significativamente os conteúdos científicos que fazem parte da grade curricular.

No Ensino Médio, as Ciências Naturais são abordadas com maior ambição formativa, tanto em termos da natureza das informações tratadas, dos procedimentos e atitudes envolvidas, como em termos das habilidades, competências e dos valores desenvolvidos. (PCNEM, MEC, 1999)²⁷ Nessa etapa da Educação Básica, as Ciências Naturais são compostas pelas disciplinas de Biologia, Física e Química, sendo o principal objetivo da primeira o estudo da vida em toda sua diversidade de manifestações, caracterizadas por processos integrados e organizados, que atuam desde os níveis celulares até as relações entre organismos e meio abiótico. (MERÇON, 2015)

Ainda para esse autor, esse estudo perpassa não apenas as áreas clássicas da Biologia, como botânica, ecologia, citologia e genética, mas também abre espaço para a discussão de questões contemporâneas, como as tecnologias que envolvem o aproveitamento sustentável dos recursos naturais, as implicações da manipulação genética e a importância da biodiversidade.

Observa-se que a abordagem do fenômeno da Piracema analisado a partir da Festa do Mandim na disciplina de Biologia encontra suporte tanto na questão da sustentabilidade quanto na biodiversidade. A familiaridade que a comunidade senamadureirense tem com o fenômeno, consistiu-se em um aspecto de grande relevância para o processo de contextualização em sala de aula. A relativa naturalidade com a qual a população trata a pesca nesse período do ano é um fator

²⁷ Disponível em: <http://www.revista.vestibular.uerj.br/artigo/artigo.php?seq_artigo=38> Acesso em: 30 jun. 2017.

que merece ser melhor compreendido se forem consideradas as determinações impostas pela Lei n. 7.653/1998, que trata da proteção a fauna no Brasil.

A palavra piracema vem do tupi-guarani *pira*: peixe + *cema*: agitação ou “saída de peixes”. Na Piracema os peixes buscam os locais mais adequados para a desova e a alimentação, e esse fenômeno é considerado essencial para a preservação da piscosidade das águas dos rios e lagoas. Esse fenômeno acontece todos os anos, coincidindo com o início do período das chuvas; é um período abundante em alimentos, devido aos detritos que são levados até os leitos dos rios e lagos, e os peixes necessitam de um grande acúmulo de gordura para poderem superar as grandes jornadas rio acima, enfrentando inúmeros obstáculos. (GIACHETTO, 2013)

Durante a piracema, os peixes nadam contra a correnteza. Esse processo é extremamente importante para o sucesso reprodutivo, uma vez que o esforço físico aumenta a produção de hormônios e causa a queima de gordura. Os testículos dos peixes machos nesse período aumentam de tamanho, ficando repletos de sêmen. (SANTOS, 2017) No momento da fecundação, que ocorre externamente, a fêmea lança óvulos na água, enquanto o macho lança os espermatozoides diretamente sobre eles. Após esse momento, os peixes descem novamente o rio.

A piracema de mandim normalmente ocorre entre os meses de agosto e setembro ou pelo menos foi esse recorte utilizado pelo poder público para a realização da Festa do Mandim, visto que o período mais intenso do verão ocorre justamente nesses meses, mas para alguns pescadores mais antigos da região nem sempre é assim como narrado:

O que se deve observar não é o mês, mas as *cheias dos rios* porque quando tem alagação a piracema é maior e pode ter piracema em julho como ocorreu no ano passado e que passou uma piracema de peixe grande ou em outubro que às vezes passa, mas também pode passar até três ou mais piracema no ano. Na piracema de julho que falei, passou surubins, jandiás e *bagres*, mas não teve mandim. Só peixe grande. (RAIMUNDO FERREIRA, ex-pescador do Purus, em entrevista, 07 de janeiro de 2018) [grifos nossos]

Durante a piracema do Mandim outras espécies sobem também o rio, como jandiá, mapará e outros, aumentando a variedade de espécies a serem capturadas. Segundo Gean, pescador local e desassociado da colônia dos pescadores, o mandim parece atrair outros peixes, mas a maioria dos que pescam preferem o

mandim mesmo. Embora a piracema aconteça na maioria das vezes nos meses de agosto e setembro, sua desova, segundo os pescadores, acontece entre fevereiro e março, motivo pelo qual, segundo os pescadores, não há problemas em pescar na piracema daqueles meses.

Ao afirmar que a piracema está mais ligada “às cheias”, o senhor Raimundo Ferreira remete seu conhecimento ao tempo das águas, ao tempo da natureza, cuja marcação parece em sua visão, ser bem mais segura que a medição do calendário convencional, afirmativa medida por sua experiência acumulada ao longo dos anos na vivência com a pesca. O volume das águas, a duração do verão e inverno no ano anterior, a existência ou não de alagação, a presença e o som de determinados insetos são pistas que o senhor Raimundo Ferreira utiliza para fundamentar sua explicação.

Segundo ele, antigamente, aconteciam uma piracema atrás da outra porque era muito peixe, mas hoje além de ser pouco peixe, as piracemas diminuíram, pensamento compartilhado por muitos outros pescadores e moradores familiarizados com fenômeno. Chama a atenção também em sua narrativa a maneira como ele se remete ao *bagre*. No universo dos pescadores locais, o bagre é apenas mais um peixe, como é o mandim, mas na literatura, *bagre* é uma designação dada aos peixes da ordem *Siluriformes*, isto é, são espécies que possuem o corpo nu ou revestido por placas dérmicas e apresentam hábitos geralmente associados às porções mais próximas do substrato²⁸, existindo mais de 2.200 espécies, distribuídas em mais ou menos 40 famílias.

Ao analisar outras referências ao *bagre*, tem-se que em torno dele gira também certa negatividade em razão de sua estética física nas diferentes regiões do Brasil. É comum o uso da expressão “cabeça de bagre” para se referir um indivíduo tolo, sem juízo, ou que tem ações despropositadas. Essa maneira depreciativa é uma analogia aos bagres, ou seja, a uma espécie que tem um cérebro muito pequeno e uma cabeça muito grande, que é desproporcional em comparação ao seu corpo.

²⁸ Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/sn23w/pdf/baumgartner-9788576285861-12.pdf>> Acesso em: 10 de novembro de 2016.

Quanto à piracema, parece lugar comum a interpretação quanto aos prejuízos que essa ação pode trazer ao meio ambiente, o que obviamente é verdade. Ocorre que na prática e no cotidiano de muitas populações ribeirinhas da Amazônia, essa discussão ganha outros contornos, pois, para além de uma ação preventiva, a piracema é o mais importante meio de subsistência de incontáveis pessoas da região.

O movimento produzido por pescadores durante o período de subida dos peixes dá conta da importância desse fenômeno para esses povos. Impressiona também o barulho saindo dos motores de proa dos batelões, seus “vais-e-vens”, os “silêncios” do rio, o cheiro da mata no seu entorno e o barulho dos pássaros. Batelões de todos os tipos, subindo e descendo o rio, ziguezagueando rio acima, rio abaixo, bem como na zona portuária da cidade, tudo isso faz da piracema uma festa à parte.

A fartura proporcionada pela grande quantidade de peixe durante a piracema leva centenas de pessoas a se lançarem nos rios da região à espera de sua passagem. Como descrito por um dos entrevistados, um único “arrastão” pode puxar até mais de uma tonelada de peixes, entre mandins, jandiás e outros peixes. Nesse ponto, reside a maior parte das críticas e ao mesmo tempo se intensifica a fiscalização dos órgãos responsáveis, quanto à pesca nesse período, dado que na maioria das vezes, a malha da rede é muito pequena, arrastando peixes de tamanho mínimo que quase sempre são descartados pelos pescadores, trazendo prejuízos à manutenção dos estoques pesqueiros.

Há uma nítida diferença entre tarrafa e malhadeira, que juntamente com o “caniço”, tornam-se os principais utensílios de pesca na região. A tarrafa é uma malha redonda feita de linha e cercada de chumbo e seu uso consiste em jogá-la aberta na água que, puxando uma linha faz com que ela feche os peixes lá dentro. Já a malhadeira é uma rede com chumbos em apenas um lado que fica para baixo e se usa esticando ela na água, muito parecida com uma rede de vôlei, que prende os peixes e não oferece possibilidade de os mesmos saírem.

Figura 18
Pescador utilizando uma tarrafa



Fonte: Site Flickr

O conhecimento obtido na lida diária com essa prática faz com que alguns de seus praticantes simplifiquem os conceitos, como nessa fala: “a tarrafa se joga e a malhadeira se arma ou coloca”. (FRANCISCO H. LUGNANI, em entrevista em 07/01/2018) A imagem acima apresenta uma tarrafa lançada por pescadores acreanos.

Para o senhor Elizeu Ribeiro, ex-seringueiro e um dos soldados da borracha de Sena Madureira, “a malhadeira é uma perdição”, por arrastar peixes muito pequenos que não servem para nada no momento do arrasto, mas que na próxima piracema, poderia servir. Embora não seja um ambientalista no sentido literal da palavra, na fala do senhor Elizeu Ribeiro, fica evidente a preocupação com o mau uso dos objetos e utensílios de pesca e, conseqüentemente, o impacto disso para o meio ambiente.

Por outro lado, a piracema ensina que a solidariedade entre os pescadores e outros ribeirinhos é um ponto forte dessas relações sociais. Raramente os pescadores se deslocam sozinhos para a pesca; pelo contrário, famílias inteiras, parentes e amigos se organizam com batelões, malhadeiras, isopores, redes, mantimentos e outros apetrechos, para esperarem o grande momento. Ao término da pesca, cada grupo divide entre si o que foi capturado, sendo que muitos separam

os maiores peixes para vender e guardam os de tamanhos menores para seu consumo, garantindo. Além de um complemento em sua alimentação, isso representa uma renda a mais para a família, com a venda do excedente. Além disso, o período constitui-se em uma verdadeira diversão para comunidade local.

O estudo da piracema do mandim permite ainda analisar a variedade de peixes existentes na região. Nos rios amazônicos, por exemplo, vive o maior número de espécies de peixes do mundo. Já foram descritas 1.500, mas estima-se que exista pelo menos o dobro dessas espécies. Isso equivale a quinze vezes mais do que todas as espécies encontradas nos rios da Europa, sendo o boto cor-de-rosa o maior predador das águas da Amazônia, chegando a comer entre 4 e 5 quilos de peixe por dia²⁹. Ainda como aspecto biológico, a piracema possibilita identificar e comparar as características desses peixes, as quais podem ser exploradas em sala de aula, na perspectiva de seus tamanhos, formatos e pesos, especialmente do mandim, tão apreciado na cidade.

O gênero *Pimelodus* está entre os peixes nativos brasileiros mais destacados, sendo o mais diversificado da família *Pimelodidae* (MACIEL et al. 2014), conhecido popularmente como mandi, apresentando grande importância comercial voltada para o consumo. Ainda de acordo com esse autor, o *Pimelodus blochii* apresenta ampla distribuição pelos rios da bacia do Araguaia, Tocantins, Amazonas, Paraná, Orinoco e nos grandes rios das Guianas, sendo o nome *Pimelodus*, aplicado a qualquer exemplar do gênero *Pimelodus* encontrado nessa vasta região.

Segundo Negreiros (2014), existem duas “variedades” de *Pimelodus blochii* na bacia Amazônica, uma delas, com corpo cinzento, sem pintas ou faixas e a outra, com quatro faixas pretas sobre os lados do corpo, sendo que a quarta pode estar ausente ou fragmentada em pintas. Na região do Purus onde se localiza a cidade de Sena Madureira prevalece a primeira variedade, como pode ser visto na imagem abaixo.

²⁹ Disponível em: <<http://labs.icb.ufmg.br/lbem/aulas/grad/evol/biodivers/amazonia.html>> Acesso em: 2 jul. 2017.

Figura 19

Mandim pescado nas proximidades do porto de Sena Madureira



Fonte: Acervo de projeto de pesquisa coordenado pelo professor Luciano Negreiros da área de Biologia do IFAC (2016).

O tamanho médio do mandim adulto na região, excluindo a nadadeira caudal e os barbilhões maxilares, é de cerca 16 a 17cm, e seu peso podendo chegar em torno de 150 a 200g. Mas há ainda na região o chamado “mandim mole” cujo peso é de aproximadamente 800g, encontrado nos igarapés e buracos d’água na floresta. Em outras regiões do país, o *Pimelodus blochii* pode chegar a 40cm e pesar até 3kg, sendo comum encontrar em seu intestino uma variedade de itens de origem vegetal, como sementes, frutos e folhas, além de invertebrados, moluscos, insetos e escamas de peixes. Para Negreiros (2014), pela grande variedade de itens alimentares na dieta, o *Pimelodus blochii* apresenta estratégia generalista/oportunista, e devido à oscilação da frequência nestes itens, ampla adptabilidade trófica.

A facilidade na captura dessa espécie em trechos urbanos do rio Iaco demonstra a alta capacidade de adaptabilidade. É comum encontrar mandins por entre lama, esgotos, lodo e folhagens nas proximidades do porto da cidade de Sena Madureira, demonstrando por outro lado, pouca seletividade em sua alimentação. Mesmo sendo bastante prestigiado, a maioria dos consumidores aguardam o peixe que vem das

piracemas, chegando inclusive a estocá-los em seus freezers, por considerarem de baixa qualidade o peixe pescado nas imediações do porto. Nota-se que há um amplo campo pedagógico que a disciplina de Biologia pode abarcar, sendo a piracema um desses temas.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O mosaico de abertura do capítulo III insinua para um variado conjunto de experiências e imagens produzidas em algumas espacialidades e temporalidades de Sena Madureira durante o curso dessa pesquisa, visando extrair elementos que ajudassem a pensar a diversidade cultural local. São rostos negros, mestiços e indígenas compartilhando diariamente saberes diversos em uma rede de interdependência que conecta objetos, cores e cenários naturais, modificados e em permanente mudança. As imagens da capa apresentam cenas de homens e mulheres em suas rotinas diárias no município de Sena Madureira, trabalhando, estudando, negociando, observando e se divertindo, nos mais variados espaços: mercado, feira livre, na beira do rio Iaco e diferentes barrancos, em escolas, na praia do Amarílio e na feira do peixe.

À luz de minha experiência docente, de diferentes informações e documentos analisados, elaborou-se o fascículo, produto mais significativo desse trabalho, para auxiliar professores de escolas de Sena Madureira com a parte diversificada do currículo. Sua estruturação levou em consideração as possibilidades pedagógicas que a Festa do Mandim poderia potencializar, especialmente para explorar conteúdos de História, Biologia, Língua Portuguesa e outros componentes curriculares no alcance das diferenças regionais dentro do contexto brasileiro.

Com o apoio de professores de diferentes áreas, foram elaboradas sete (07) aulas, sendo essas aplicadas em diferentes momentos e diferentes turmas do Ensino Médio de escolas do município durante os dois últimos anos da pesquisa, envolvendo diretamente as disciplinas de História, Língua Portuguesa, Biologia, Geografia e Artes. Considerando a organização curricular dessas disciplinas nas escolas, bem como suas cargas horárias, as aulas foram estruturadas para dois (2) tempos de cinquenta (50) minutos, visto ser, de um modo geral, essa a distribuição de horários operada nos estabelecimentos de ensino locais de ensino médio.

A elaboração e apresentação da proposta junto aos professores, bem como os primeiros testes com o fascículo foram realizados por mim, contudo, a aplicação das aulas desse instrumento pedagógico, contou com a participação e avaliação direta dos seguintes professores:

- a) Airton de Mesquita Silva (Língua Portuguesa);

- b) Altaiza Liane Marinho (História);
- c) Arielly Dayane Lima Ribeiro (Biologia);
- d) Jamila Nascimento Pontes (Artes);
- e) Maria Ana Lima Morais (Geografia).

O fascículo é constituído por uma breve apresentação do tema, sete (07) aulas, as quais apresentam conteúdos e objetivos diferentes, relacionadas a cinco componentes curriculares distintos, incluindo pequenos textos que auxiliam nas discussões durante as aulas, imagens (fotos, esquemas, mapas), links para pesquisa, letras de músicas, roteiros de estudos e sugestões de leituras complementares. O fascículo traz ainda um glossário com cerca de trinta expressões verbalizadas pelos sena-madureirenses diariamente, sendo uma parte desse utilizado na aula de Língua Portuguesa.

A seguir, apresenta-se um resumo de cada aula a fim de facilitar a compreensão do (a) leitor(a):

a) aula 1: **Entre temporalidades e territorialidades: a festa do Mandim em Sena Madureira**

Disciplina contemplada: História

Objetivo: Problematizar as diferentes dimensões temporais presentes na História, dando ênfase ao tempo da piracema, isto é, o tempo da natureza.

b) aula 02: **Historicizando a cidade do Mandim**

Disciplina contemplada: História

Objetivo: analisar os conflitantes discursos operados pelas múltiplas memórias e personagens que compuseram e compõem o processo de formação da cidade de Sena Madureira. Nessas aulas foram priorizados conteúdos que trouxessem para o centro da abordagem a questão das temporalidades, das espacialidades, das fontes e dos sujeitos históricos, categorias indispensáveis para a compreensão dos processos históricos.

c) aula 03: **Mandim ou Mandi?**

Disciplina contemplada: Língua Portuguesa

Objetivo: Possibilitar aos alunos uma reflexão sobre as variações sofridas pela língua portuguesa nos diferentes contextos históricos brasileiros, visto que a própria palavra mandim, já trazia em si uma particularidade, se comparada a pronúncia e

escrita que outras regiões brasileiras trazem ou fazem para esse peixe, isto é, o “m” no final do termo mandi.

No decorrer dessa aula, contudo, outras questões apareceram, mostrando a expansão que o tema passou a adquirir. A análise dessa variação possibilitou, inclusive, a estruturação do referido pequeno glossário composto por termos e expressões muito usuais entre os sena-madureirenses e acreanos de um modo geral.

d) aula 04: **A festa do Mandim no contexto da diversidade cultural brasileira**

Disciplina contemplada: História

Objetivo: Propiciar aos alunos uma análise da diversidade cultural que envolve o Brasil, atentando para as diferenças culturais, especialmente aquelas que envolvem as festas brasileiras, ganhando destaque a própria Festa do Mandim. A ênfase dada pela Lei n. 12.796/13, na parte diversificada do currículo encontrou centralidade nessa aula.

e) aula 05: **A festa do Mandim e a piracema: encontros e desencontros**

Disciplina contemplada: Biologia

Objetivo: Analisar a força e o paradoxo do fenômeno da piracema no âmbito da cultura local, uma vez que, embora a legislação ambiental trate como crime a pesca na piracema, esta, além de representar a maior fonte de renda para muitas populações ribeirinhas durante sua passagem pelos rios da cidade, faz renascer, ano após ano, incontáveis festejos ao longo dos barrancos desses rios em comemoração à fartura do peixe.

f) aula 06: **A economia lúdica do sabor em Sena Madureira**

Disciplina contemplada: Geografia

Objetivo: A analisar o impacto produzido pela Festa do Mandim na economia local durante os três dias de evento, bem como situar os alunos no contexto da produção econômica e as relações de trabalho presentes nos diferentes espaços de produção da cidade. Entender o tipo de mão-de-obra utilizada, de onde vem essa mão-de-obra e a representatividade dela no quadro geral da economia local, tornou-se relevante, especialmente para mostrar o lugar ocupado pela pesca na região.

g) aula 07: **Improvisação teatral: a piracema e a festa do Mandim nos diferentes contextos e interesses**

Disciplina contemplada: Artes

Objetivo: Desenvolver aspectos de improvisação teatral por meio dos conhecimentos que os alunos tinham do fenômeno da piracema, possibilitando ao alunos trazer para cena todo seu repertório de saberes sobre a piracema: narrativas diversas sobre o fenômeno e algumas de suas interpretações, utensílios da pesca e seu uso no período em questão, a abundância do pescado e outros aspectos

8.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A APLICAÇÃO DO FASCÍCULO

Como assinalado ao longo do trabalho, a Festa do Mandim constituiu o tema gerador de todas as aulas do fascículo. Em algumas aulas, a festa em si, mostrou-se robusta para se chegar ao conteúdo proposto, em outras palavras, foi necessário estimular pontos de conexão para o entendimento das questões colocadas em sala de aula, sobretudo, pela dificuldade que muitos alunos tiveram em entender a Festa do Mandim como potencializadora de conteúdos. Para grande parte dos alunos, os conteúdos já se encontram prontos nos livros didáticos impressos e em outros recursos, como as mídias digitais, cabendo ao professor, apenas executá-los.

Um ponto importante na análise dessas aulas foi o fato de que, no planejamento regular de qualquer aula, o conteúdo proposto normalmente se esgota nos tempos de aula prevista para a disciplina, o que faz com que o docente cumpra legalmente tanto a carga horária da disciplina quanto sua ementa. Na aplicação do fascículo, porém, constatou-se que o tempo estipulado para a abordagem dos conteúdos propostos nessas aulas não foram suficientes para exaurir a discussão. No decorrer das abordagens em sala, muitas outras questões emergiram, dando conta de que a Festa do Mandim mobiliza em torno de si, uma vasta gama de elementos e situações não previstas nas aulas propostas, aspecto que na avaliação dos professores envolvidos foi muito potente.

Na aula 02 do fascículo, por exemplo, que tratou da fundação da cidade de Sena Madureira, na qual se enfatizou o papel das memórias individuais e coletivas nesse processo de formação, houve uma enorme expansão do conteúdo promovido, principalmente, pela metodologia da aula. A curiosidade e interesse dos alunos pelo tema abordado levou a professora de História que acompanhou a atividade a realizar novo planejamento em suas aulas posteriores, visto o desejo dos alunos em

realizar uma visita ao marco de fundação da cidade de Sena Madureira, aspecto que não poderia ser negado pela professora, mesmo que *a priori*, isso não estivesse em seu planejamento.

De acordo com a professora Altaíza Marinho (História), que participou da atividade, ficou evidente que falar de aspectos que rodeiam a vida dos alunos faz muito mais sentido para eles e que dois tempos para aula é pouco, dado o conjunto de experiências que podem ser compartilhadas para o assunto em sala de aula. Em uma das atividades dessa aula, por exemplo, foi sugerido que os alunos pesquisassem a origem dos nomes dos municípios acreanos, a fim de marcar o lugar das memórias oficiais no processo de formação desses municípios, demandando um tempo maior, já que atividade seria extraclasse, sendo seu retorno à sala fundamental.

Para essa professora, quatro (04) tempos de aula seriam suficientes, visto que o retorno das atividades pelos alunos trouxe à tona a questão dos silenciamentos e apagamentos de memórias no processo de formação do Estado do Acre, da influência indígena e sua relevância na manutenção de alguns nomes, como dos municípios de *Bujari e Xapuri*, aspectos que precisaria de mais tempo para explanação. O exercício possibilitou ainda, segundo ela, aos alunos questionarem a mudança do nome do município *Quinari* para Senador Guiomard.

A história da região que hoje é denominada de Senador Guiomard tem origem na localidade que se constituía de dois seringais, o *Quinari* e o Grande *Quinari*, na década de 1950. Em 1963, o local teve seu nome mudado em uma “homenagem” do Estado acreano a um dos influentes militares e políticos, nascido no Rio de Janeiro e com forte atuação no Acre, entre as décadas de 1960 e 1970, autor do projeto de lei que criou o Estado do Acre em 1962, uma vez que o mesmo ainda se encontrava na condição de território, José Guiomard dos Santos, falecido em 1983.

Como ocorreu na disciplina de História em que a aula proposta no fascículo se expandiu para outros espaços, necessitando de um tempo maior de aula para seu fechamento, a aula para Língua Portuguesa mostrou-se forte para pensar e discutir não apenas a variação linguística como proposto no objetivo da aula. As discussões dessa aula levaram a outros campos, como a literatura e as produções artísticas

amazônicas, notadamente, a acriana, que tem no artista plástico Hélio Melo uma das grandes referências.

Na perspectiva dos falares amazônicos, a Festa do Mandim trouxe para a sala de aula a possibilidade de abordar as variações linguísticas, visto a observação no início da pesquisa que o termo mandi(m) traduzia, por si só, uma peculiaridade local. Sua pronúncia e escrita refletia de modo particular o uso que a população de Sena Madureira faz da língua portuguesa. Observou-se que talvez essa cidade, juntamente com Cruzeiro do Sul, sejam as únicas no Brasil em que esse peixe recebe a denominação, mandim, mostrando que as fronteiras entre a língua padrão e os falares diários informais podem ser alargadas e transformadas involuntariamente.

Com o apoio do professor de Língua Portuguesa da escola, foi entregue aos alunos uma lista contendo algumas expressões verbalizadas em Sena Madureira para que os alunos pudessem atribuir seus significados e abrir as discussões. De um modo geral, os termos compõem, como afirmou um aluno, “nosso modo de falar no dia a dia e a maioria dessas palavras eu uso diariamente e nunca me toquei que fossem tão diferentes seus significados”. (THIAGO PINHEIRO, aluno do 1º Ano do Curso Técnico em Informática em 06/04/2017) O significado a que se refere o aluno é o significado do Dicionário de Língua Portuguesa, ou seja, o dicionário formal.

De fato, qualquer pessoa de outro Estado que chega ao Acre se depara com algumas expressões, pouco usual, ou como afirmou outro aluno, “nada a ver”, um exemplo é o termo “Baixaria”, que, no Acre, refere-se a um prato feito de cuscuz ou pão de milho acompanhado de ovo frito, carne moída e cheiro verde picadinho fresco; enquanto no restante do país ou pelo menos na maior parte dele, essa expressão diz respeito a briga ou discussão acalorada entre pessoas. O termo “Balseiro”, utilizado recorrentemente pelos moradores da região, refere-se aos troncos de árvores, galhos e outros restos e dejetos animais e vegetais carregados pelas correntezas dos rios amazônicos durante o período invernos, mas no Dicionário Aurélio, balseiro, remete à ideia de quem dirige a balsa,

Chama a atenção também a palavra “Provocar”. Nesse mesmo dicionário, o termo significa: causar, originar ou incitar. No Acre, essa expressão é utilizada por muitas pessoas como sinônimo de vomitar, ou seja, seu significado destoa muito do que estabelece a língua formal. Outro exemplo é a expressão “tem bagagem”. De

fato, soa estranho quando se ouve essa expressão pela primeira vez, mas em Sena Madureira cotidianamente e entre todas as camadas sociais essa expressão é utilizada para referir-se a uma situação que foge ao padrão, como um aluno faltar uma semana à aula sem motivo ou justificativa.

Durante a resolução da atividade, os alunos reconheceram que esses termos são característicos da fala local, mas demonstraram uma espécie de estranhamento quando da comparação de suas respostas ao que define os dicionários formais. A proposta da atividade não foi convencer os alunos a modificar seu modo de falar, mas refletir sobre a diversidade linguística existente no país, e, sobretudo, entender que a língua é mais ou menos estável, mas a fala sofre permanentemente as variações do contexto no qual os sujeitos estão inseridos.

Importante ressaltar que o fato de os dicionários apresentarem um significado e os falantes de Sena Madureira, apresentarem outro, não significa que essa variação não seja usada em outros locais do país. Deve-se pensar que os dicionários, além de demorarem muito tempo para inserir uma palavra no seu acervo, não contemplam os usos de todas as regiões do país e que suas pesquisas, quase sempre se restringem ao sudeste.

Outro aspecto marcante nessa abordagem foi a problematização do termo “tapiri”. Nela os alunos puderam perceber que mais que sinônimo de palhoça, essa categoria cultural expressou e ainda expressa uma marca das residências de muitas famílias Amazônicas. Na maioria das vezes, essas moradias são suspensas do chão para dificultar a entrada de animais, especialmente, os peçonhentos; de água proveniente das fortes chuvas; bem como para possibilitar uma visão mais panorâmica do ambiente à sua volta. Podem também ser construídas sobre as margens dos rios, funcionando como uma espécie de ponte entre o rio e a floresta, como na imagem abaixo.

De todo modo, essas habitações buscam se ajustar ao movimento muitas vezes indomesticável produzido pela natureza, tornando-se também objeto de admiração de muitos artistas plásticos.

Figura 20

Tapiri à beira do Rio Xapuri na Amazônia/ A Casa Invisível: Fragmentos sobre a arquitetura popular no Brasil do artista João Diniz



Fonte: site Archdaily

Nota-se dessa forma, que os conteúdos propostos para a aula de Língua Portuguesa extrapolaram o objetivo inicial das aulas, potencializando outras abordagens e a exploração de outros campos de estudo, como nesse caso, as artes plásticas, como afirmou o professor de Língua Portuguesa, Airton Mesquita, participante da aplicação do fascículo. Os temas Amazônicos, especialmente aqueles ligados ao seringueiro e a floresta, por exemplo, constituem a principal marca de um dos professores de Artes do IFAC, Uéliton Santana dos Santos, cujos trabalhos são reconhecidos nacional e internacionalmente, aspecto lembrado pelos alunos do Campus IFAC/Sena Madureira.

Para a professora Maria Ana Moraes, essa experiência permitiu-lhe olhar para sua prática docente cotidiana de maneira mais crítica, visto que a ideia de trazer para sala de aula um aspecto da vivência dos alunos sempre pareceu para ela uma utopia. Segundo ela, ao mostrar imagens de produtos regionais registradas na feira local, muitos alunos foram capazes inclusive de identificar quem eram donos dos

boxes e de onde vinham as bananas, os cheiros-verdes e as gomas (fécula de farinha) para a feira, aspectos que em sua avaliação foi muito positivo. No entanto, para essa professora, é impossível abordar todo o conteúdo proposto na aula 06 do fascículo em dois (02) tempos de cinquenta (50) minutos, como proposto. Em sua opinião, são necessários pelo menos seis (06) tempos de aula para concluir a abordagem.

A questão da relação entre o conteúdo proposto nas aulas do fascículo e o tempo para sua execução foi vista pelos professores como um ponto que precisa ser ajustado, bastando na opinião deles, apenas aumentar a quantidade de encontros ou tempos de aulas para a execução das discussões e atividades. Foi sugerido também por alguns professores inserir visitas técnicas na metodologia das aulas, pois como os conteúdos aludem para situações vividas pelos alunos, seria imprescindível sair da sala de aula e experimentar com esses alunos alguns espaços da cidade. Ainda nessa linha, alguns professores entendem que a relação dos alunos com a feira, o mercado, o porto, seja comprando, vendendo ou mesmo observando produtos e processos de sociabilidade, expande muito positivamente a discussão.

Na aplicação do fascículo, observou-se que, pelo menos *a priori*, a execução do fascículo precisa ser mediada pela autora da pesquisa, sendo esse um ponto que talvez necessite ser melhorado, a fim de facilitar sua operacionalização junto aos professores que o utilizarão. Essa constatação surge do fato de que o fascículo foi apresentado e entregue a alguns professores em reuniões de planejamento por área no IFAC/Campus Sena Madureira e na Escola Dom Júlio Matioli, para a análise e aplicação do mesmo, mas houve diferenças consideráveis nos resultados de sua execução.

Segundo avaliação do grupo que participou das atividades, as aulas em que a autora do fascículo participou, as abordagens se mostraram mais densas e dinâmicas e atribuem isso ao fato desta estar mais envolvida com o tema e transmitir ao público maior entusiasmo e domínio das discussões. Eles não veem isso também como grande problema, pois segundo os mesmos, a realização de uma oficina por parte da autora do material nas escolas em que o fascículo foi utilizado seria suficiente para auxiliar o trabalho de professores com a parte diversificada do currículo.

Considerando que dentre as ações promovidas pelo IFAC no âmbito de suas políticas educacionais está a formação continuada de professores, essa oficina poderia contemplar parte das ações de capacitação, tão necessária à atividade docente ou seja, a Lei de criação dos Institutos Federais (11.892/2008) prevê que esses atuem na formação continuada de professores. Ao considerar o objetivo do fascículo e a sua relevância para as escolas locais, a orientação de sua aplicação, facilita também o alcance dos resultados. Ainda sobre a questão do tempo necessário para a execução das aulas, visto pelos professores como ponto a ser observado, compreende-se que ele pode ser ajustado, retirando conteúdo ou ampliando o tempo das aulas para o conteúdo proposto.

Esses aspectos não anulam o potencial que o fascículo possa assumir frente ao trabalho com a temática da parte diversificada, uma vez que a receptividade e profundidade de seu alcance foram evidenciadas em diferentes momentos da execução e, de uma maneira geral, seu uso se mostrou bem aceito tanto por professores quanto pelos alunos, como pode ser observado na descrição das aulas em que o mesmo foi aplicado. A proximidade dos conteúdos com as vivências dos alunos foi um ponto importante e positivo nesse trabalho, visto possibilitar uma expansão das abordagens, transformando muitas vezes as experiências desses alunos em diferentes conteúdos.

A abordagem das temporalidades na História em uma dessas aulas fez o tempo da piracema tomar forma, abarcando inclusive várias outras conexões, como a ideia de que as alagações não têm um tempo definido para acontecer, bem como a chegada do verão, que em alguns anos ocorre mais cedo e em outros anos que, mais tarde, relatada pelos próprios alunos. Mesmo quando se remetem aos meses do ano para tomar como referência o inverno, esses não apresentam posições muito seguras, por saberem que a cada ano a natureza responde de maneira diferente.

Sobre as temporalidades, levantou-se também a questão do fuso horário do Acre, que por sinal é juntamente com parte do Amazonas o único que apresenta duas horas a menos em relação a Brasília, durante o ano, e três horas a menos no horário de verão. Esse aspecto levou alguns alunos a lembrarem que nas comemorações de virada de ano, o Acre só chega ao ano seguinte depois que todos outros Estados brasileiros chegaram, por conta dessa diferença de fuso. Muito

significativo também a compreensão de alguns alunos acerca do tempo da Festa do Mandim, entendido naturalmente por esses como “época da piracema”.

Mesmo sem realizar grandes explanações para os alunos, esse aspecto parece de certa maneira óbvio para eles, ou seja, o tempo da festa é o tempo da abundância do Mandim que ocorre na piracema. Ainda sobre a questão do tempo, ficou marcada a percepção entre os alunos de que a imposição do tempo do relógio não é suficiente para subverter a lógica da natureza nessa parte do Brasil, fazendo com que esses tempos coexistam no mesmo espaço sem que a existência de um elimine o outro.

Na aplicação do fascículo, questões sobre processos históricos ganharam destaque para se pensar a formação da cidade de Sena Madureira. Após a abordagem, muitos alunos e até mesmo os professores passaram a se interessar pelo marco de fundação da cidade, seus arredores e os personagens que conduziram por ordem do Estado brasileiro essa ação naquela época. De um modo geral, a atividade mostrou que os alunos desconhecem totalmente os processos de formação da cidade em que moram, e mesmo aqueles que residem nas proximidades de seu marco de fundação sequer sabiam que oficialmente a cidade surgiu ali.

O desconhecimento acerca das origens da cidade, por parte dos alunos, mesmo que do ponto de vista oficial, possibilitou algumas reflexões e questionamentos para o conjunto desse trabalho. Se a história oficial opera com uma memória que se sobressaem os grandes heróis e seus feitos, as estruturas construídas abaixo (prisma em alvenaria e placas) mostram que de fato as estratégias de materialização de tais memórias foram levadas a cabo pelas autoridades políticas da época.

Contudo, essa mesma história oficial mostra que o processo de consolidação das memórias de seus vencedores parece não surtir efeito entre a população local. Passados cem anos de sua fundação, uma vez que nem mesmo as autoridades políticas demonstram afeto e cuidado com o local onde se fundou a cidade, que, como pode ser visto nas imagens, encontra-se abandonado. Pode ser, por outro lado, que o ato de fundação da cidade não represente muito para a população de Sena Madureira.

Figuras 21 e 22

Marco de fundação da cidade de Sena Madureira, localizado à margem esquerda do rio Iaco



Fonte: acervo pessoal.

As imagens acima foram registradas pelas professoras Jamila Pontes (Artes) e Altaíza Marinho (História) e utilizadas na elaboração de uma das aulas com o fascículo que aconteceu no 06/03/2018 na aula de História. As inscrições nas placas abandonadas dão conta de que ao chegar às terras do Seringal Santa Fé, no dia 25 de setembro de 1904, o General Siqueira de Menezes instalou a sede do Departamento do Alto Purus, dando-lhe o nome de seu amigo, o Coronel Antônio Sena Madureira. Logo após, foi construído no local um *tapiri* como marco de fundação da cidade.

Ainda de acordo com essas inscrições, no dia 14 de julho de 1907, foi construído em alvenaria, no formato de um prisma quadrangular reto sob uma base também de alvenaria, como pode ser observado na imagem acima, como marco de fundação da cidade de Sena Madureira, substituindo o antigo *tapiri*. Na ocasião foi enterrada em um vidro a ata de fundação da cidade e outra da construção do reportado marco de fundação.

Importante observar que naquela época, isto é, em princípios do século XX, o dia 14 de julho, referência à Queda da Bastilha no processo revolucionário da França em 1789, figurava como um grande marco para a maioria dos

acontecimentos políticos considerados revolucionários. Assim, como fizera Luiz Gálvez ao proclamar a República do Acre ou Estado independente do Acre em 14 de julho de 1899. Um estado Nacional de curta duração, no atual Estado do Acre, surgido no auge das disputas entre brasileiros e bolivianos por esse território.

O fenômeno da piracema abordado na aula de Biologia possibilitou visualizá-la como o grande epicentro da Festa do Mandim, sobretudo, ao considerar a familiaridade que a comunidade sena-madureirense tem com esse fenômeno. Sobre o que vem a ser a piracema, tema central na aula, a definição que segue dá uma ideia de como esse fenômeno é percebido pelos alunos. “Piracema é quando os peixes sobem de monte para as cabeceiras dos rios para desovar. Aí as pessoas vão esperar lá em cima porque é mais fácil pegar já que os mandins tãõ tudo junto.” (JOÃO PAULO P. da Silva, aluno do 1º Ano de Informática em aula, dia 22/02/2018)

A compreensão trazida por esse aluno acerca da piracema coloca em evidência seus referentes espaciais, temporais e culturais, como a presença do rio em seu cotidiano, o seguro conhecimento que tem do peixe, bem como a clareza de que a piracema proporciona alegria e fartura para a população local. Mesmo sendo a piracema um fenômeno praticado por muitos peixes, João Paulo identifica em sua fala apenas o mandim, talvez por ser o mais abundante ou mais significativo em seu contexto diário.

Não é demais reforçar que do ponto de vista cultural, a piracema constitui-se em uma das alternativas para a subsistência de milhares de famílias na região do Purus. Inúmeros pescadores aproveitam a piracema para estocar peixe e garantir durante parte considerável do ano a “mistura” nas refeições. Para muitos desses pescadores a principal renda obtida ao longo do ano é proveniente da piracema, com a venda do peixe, e é com esta que compram mercadorias no atacado, roupas e calçados para suas famílias. A passagem da piracema é também aguardada por interessados na pesca esportiva e na prática de turismo ecológico, que registram em batelões ou pequenos barcos o movimento dos peixes, das águas e a paisagem no entorno desses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Festa do Mandim narrada nesse trabalho constitui um pedaço muito pequeno do que em sua extensão ela pode evidenciar, mas para o propósito desse estudo cumpriu seu papel. Sua tessitura contou prioritariamente com memórias de moradores de Sena Madureira de diferentes ofícios e posições sociais que, de alguma maneira vivenciaram experiências com a festa. As informações coletadas por meio de questionários aplicados aos alunos mostraram uma identificação muito maior desses com a Festa do Mandim, do que com a própria história da cidade de Sena Madureira. Dos 156 questionários aplicados a alunos de 1º Anos do Ensino Médio em escolas do município durante a pesquisa, na qual indagamos sobre quais seriam as principais festas praticadas na cidade, 143 deles fizeram referência ao festejo do Mandim.

Chama a atenção nas respostas a essa pergunta, que muitos alunos responderam da seguinte forma: “festa do peixe”, “festival do peixe” e/ou “festival do mandim”, além de “festa do mandim(n)”, denominações decorrentes da mudança de nomenclatura para o evento ao logo desses quase vinte anos. É evidente que as mudanças no nome do evento estão, em certa medida, relacionadas a interesses políticos e econômicos presentes na estruturação desse acontecimento, principalmente quando a festa passa a denominar-se “festival do peixe”. De todo modo, o pretexto da festa não se altera, isto é, o peixe continua sendo a centralidade do evento, além disso, esses alunos apresentaram uma definição muito clara do que é a festa e dos motivos que a cercam, isto é, a festa só existe porque a piracema permite.

Essa identificação insinua para marcas culturais que se mantêm vivas, seja por intermédio de seus avós e outros parentes, seja pelo contato diário com o rio, a catraia, o barranco, a feira e outros espaços de sociabilidades, mesmo que negligenciadas pelo poder estatal. Da parte dos entrevistados (pescadores, autoridades políticas, artistas, professores e outros sujeitos), o festejo do mandim é um forte referente cultural local. Não por acaso, em 1998, a prefeitura institucionalizou a piracema do mandim, transformando-a em Festa do Mandim com o objetivo de discipliná-la e torná-la útil política e economicamente.

Os relatos deram conta de que a Festa do Mandim, embora oficialmente tenha surgido em 1998, como aspecto cultural, remonta ao início da década de 1980. De acordo com esses, identificaram-se pelo menos dois momentos para a Festa do Mandim: o antes de 1998 e o pós 1998. No primeiro momento, a festa veste-se de celebração e simplicidade, comemorando-se a fartura do peixe em decorrência da “passagem” da piracema. Seus participantes eram pescadores, parentes e amigos, que, em batelões ou na beira da praia, reuniam-se para, depois da pescaria, dividi-la com o grupo, preparar outro tanto para degustação e o restante armazenar para comer ao longo do ano.

A concepção de festa nesse recorte temporal remete-se a um rito social, partilhado por um grupo específico de pessoas, geralmente, parentes e amigos para comemorar o acontecimento da piracema em Sena Madureira. A festa, como narrado por um dos entrevistados “era feita pelos próprios pescadores para comemorar a fartura do mandim na época da piracema”. Nessa perspectiva, a festa situava-se como campo de representação em torno de um motivo (época de fartura de peixe).

A festa assim pensada se expressa em uma afinidade com o tempo, o tempo da piracema, que normalmente ocorre só uma vez por ano, mas que não raro, pode passar várias vezes nesse mesmo interstício. Está-se falando em um tempo não controlado pelo homem, um tempo marcado pela ação da natureza, sendo esse um dos pontos mais significativos percebido pela pesquisa. Sobre a questão do tempo e sua ligação com as manifestações festivas, Teixeira (2010) afirma que o sentido mais pregnante da festa nasce da sua relação com o tempo, sendo ela, a festa, uma ruptura no tempo cotidiano secundário.

O tempo monótono de cada dia – os dias que não são fim de semana, as semanas que não são tempo de férias precisa de ser resgatado para se poder viver humanamente. Esta necessidade de redenção do tempo cotidiano não se traduz somente na obrigação do descanso, presente na instituição da festa semanal como pausa para recuperar da fadiga. Se assim fosse, teríamos tão só um sentido negativo de festa, a festa como ausência de trabalho. Mais que anulação de um certo tipo de tempo – o da quotidianidade, do labor, do esforço e do cansaço –, a festa é recriação do tempo, assumindo um significado afirmativo. (TEIXEIRA, 2010, p. 20)

O tempo da piracema não é marcado somente pela abundância de peixe em si, ele faz renascer a festa, alegria entre pescadores e consumidores, tirando da rotina

a cidade. A periodicidade da festa deriva, então, do fato de o seu tempo ser um tempo fora do tempo. (TEIXEIRA, 2010) O tempo da piracema não se enquadra no tempo do calendário ou no tempo do relógio, sendo, portanto, um tempo fora do tempo convencional e, contrariamente ao que acontece com o tempo do devir, a festa, repetindo-se, simula a eternidade e revive ano a ano o motivo da festa, no caso em questão, a piracema.

Quanto ao motivo ou pretexto para a Festa do Mandim, tanto nas narrativas oficiais quanto as não oficiais, essa tem sua centralidade na piracema, associada ao fator de abundância do peixe mais saboroso da região, sendo, por essa razão, reverenciada com alegria, tanto por aqueles que estabelecem uma relação diária e direta com o rio, com a floresta e com o próprio hábito regional que impulsiona a necessidade de reviver tais experiências, quanto por aqueles que vêm nessa uma possibilidade de lucros.

Sobre a piracema e sua temporalidade, aparece em um trecho de entrevista um comentário muito pertinente para se pensar esse aspecto: “A festa ocorre na piracema e a piracema não tem data definida, pode ser antes ou depois, mas é sempre entre agosto e setembro, porque é nessa época que tem a fartura do peixe e essa fartura depende também das enchentes”. (JOSÉ ALVES, em entrevista realizada em 29/8/2016).

Ao afirmar que a festa ocorre na piracema e que a piracema não tem uma data definida, podendo ser em agosto ou setembro, o entrevistado, embora não mencione, remete-se ao tempo da natureza. Esse é o tempo em que as comunidades ribeirinhas utilizam em suas tarefas diárias, definindo tais períodos como o tempo de plantar, de colher, de apartar as vacas e outros tempos, que dependem do anoitecer, do amanhecer, do início ou término das chuvas. É um tempo não cronometrado e sim aguardado, em contrapartida ao tempo do relógio, tão “necessário” à vida do trabalho urbano e industrial.

Assim, semelhante às dimensões espaciais e simbólicas acerca do *barranco*, problematizados no capítulo I, o fenômeno da *piracema* assume feições muito particulares nesse estudo. Se o barranco exprime um traço marcante da Amazônia, constituindo do ponto de vista palpável a ponte entre o rio e a terra firme, atuando como elo potencial que liga a floresta aos diferentes espaços amazônicos,

transportando bens materiais e imateriais, a *piracema* marca uma dimensão temporal muito particular nessa região do Brasil.

Diferentemente da concepção de tempo imposta pela lógica cristã e industrial de tempo universal no qual todas as atividades da vida humana devem a ele se submeter, o tempo da *piracema* ajuda a entender que a natureza tem suas próprias leis, mas nem por isso impõe concorrência a outras formas de tempos. Nessa concepção de tempo, não há necessidade de eliminar outras temporalidades para garantir sua existência, visto que cada tempo tem sua função e atende a determinadas necessidades humanas.

Voltando aos tempos da Festa do Mandim, o pós 1998, marcado pela institucionalização dessa festa, inaugura o tempo da política e do mercado. Diferentemente da dispersão e simplicidade que os festejos *piracêmicos* promoviam, a festa oficial impõe a disciplina espacial e altera os interesses da celebração. Para seus idealizadores, a festa poderia ser bastante útil economicamente, estando o turista na centralidade desse processo, como pôde ser constatado tanto nas falas da ex-prefeita Toinha Vieira como de seu secretário de cultura na época.

Ao articular a organização da festa com empresários locais, a prefeitura mostrou a dimensão mercadológica desse interesse. Assim, explorar uma possível cultura do *mandim* como elemento turístico, conforme sugerido pelo senhor José Alves, seria uma maneira de movimentar a economia local, atraindo principalmente os turistas. Tanto em sua narrativa como na de outros entrevistados, o turista se situa como sujeito mais importante dentro do processo de institucionalização da festa e mesmo que pescadores, vendedores ambulantes, *picolezeiros*, *lojistas*, dentre outros, sejam citados, estes ocupam lugar periférico nos planos e interesses da prefeitura com a festa.

Na busca por novas alternativas de lazer como pontuado pelo poder institucional, a Festa do Mandim, a praia e todo seu entorno passaram a ser potencializados, mas não inovado, uma vez que a praia já era “velha conhecida” dos *senamadureirenses*, seu espaço foi apenas adaptado às novas formas de lazer e entretenimento. Nesse movimento, havia uma tentativa deliberada, por parte da prefeitura, de desmobilizar e apagar práticas culturais *ribeirinhas* como aquelas assentadas nos festejos da *piracema*. No entanto, como apontado ao longo do trabalho, esse projeto mostrou-se na sua totalidade inviável, a ponto de em

determinados momentos a própria prefeitura pretender acabar com a festa que ela mesma institucionalizou.

O uso do fascículo e as possibilidades pedagógicas que esse evidenciou, por sua vez, comprovaram que a Festa do Mandim tem potencial para explorar a parte diversificada do currículo e mesmo que ao longo dessa pesquisa a questão da diversidade tenha sofrido revés das políticas de governo, esse estudo só confirmou a importância dessa temática em sala de aula para o diálogo com as diferenças.

A diversidade de elementos e situações que a Festa do Mandim trouxe para sala de aula evidenciou a riqueza e a complexidade que envolve sua constituição. A naturalidade com a qual os alunos trataram a pesca do Mandim, seu consumo, o tipo de artefato utilizado em captura, os pontos dos rios onde as piracemas passam com maior incidência, mostraram o quão representativas são essas práticas culturais. No trabalho com as temporalidades, por exemplo, os alunos puderam perceber os limites que cercam seus cotidianos, com destaque para a diferença entre o tempo da escola e o tempo das cheias ou alagações, visto que em alguns momentos da história da cidade, as aulas foram suspensas por conta dessas alagações. Como fica o calendário acadêmico institucional frente aos tempos das alagações?

Assim, os diferentes tempos, interesses, personagens, feições e possibilidades que a Festa do Mandim oportunizou identificar, tornaram essa ainda mais especial para os limites dessa pesquisa, revelando inclusive, seu potencial pedagógico no âmbito das escolas locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: BASSANEZI, C. P. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALBUQUERQUE, G. R. História e historiografia do Acre: notas sobre os silêncios a lógica do progresso. **Revista Tropos**, v. 1, n. 4, p. 1-19, dez. 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Enredos da tradição: a invenção histórica da região Nordeste do Brasil. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. In: LARROSA, J. & SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ARIÈS, P. **O Homem diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMARAL, R. de C. de M. P. **Festa à Brasileira**: significados de festejar, no país que “não é sério”. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em Antropologia)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ARAÚJO, A. C. **História das Mentalidades**. Lisboa, 1999. Disponível em: <http://www.apf.pt/ex_opiniao11> Acesso em: 22 maio 2017.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BARRETO, J. P. L. **Wai-Mahsã**: peixes e humanos, um ensaio de Antropologia Indígena. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BARROS, J. D. História e saberes psi: considerações interdisciplinares. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, São Carlos, n. 2, p. 252-285, Jul./Dez. 2011

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONITATIBUS, S. G. **Educação Comparada**: Conceito, Evolução e Métodos. São Paulo: EPU, 1989.

BRASIL. IBGE. **Infográficos**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/>> Acesso em: 27 maio 2016.

_____. _____. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/sena-madureira/panorama>> Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Apresentação dos temas transversais - ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Lei n. 9.394/1996, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/>> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. Lei n. 7653, de 12 de Fevereiro de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7653.htm> Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. **Orientações Curriculares para Ensino Médio: Vol. 3**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>> Acesso em: 05 jun. 2015.

_____. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br/> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. Lei n. 11.769, de 18 de Agosto de 2008a. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. Lei n. 11.645, de 10 de Março de 2008b. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. Lei n. 11.892, de 29 de Dezembro de 2008c. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm> Acesso em: 02 fev. 2018.

_____. **Parecer Conselho Nacional de Educação - CNE/CEB n. 7/2010** que trata Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5367-pceb007-10&Itemid=30192. Acesso em 08 de março de 2018.

_____. **Resolução CNE/CEB n. 4**, de 13 de julho de 2010. Disponível <<http://portal.mec.gov.br/>> Acesso em: 17 ago. 2016.

_____. **Resolução CNE/CEB n. 2**, de 30 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>> Acesso em: 23 jun. 2016.

_____. Lei n. 12.796, de 04 de Abril de 2013. Disponível em: <http://www.planalto.org.br> Acesso em: 25 maio 2014.

_____. Lei n. 13.006, de 26 de Junho de 2014. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acesso em: 20 abr. 2016.

CANDAU, V. M. O currículo entre o relativismo e o universalismo: dialogando com Jean-Claude Forquin. **Educação & Sociedade**, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 73, p. 79-83. Dezembro. 2000

CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (Org.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CAPONEIRO, M. C; LEITE, E. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo**, São Paulo, n. 10, p. 99-113, abr./jun. 2010. Disponível em: <[http://www.unisantosbr/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_\(PLT_21\).pdf](http://www.unisantosbr/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_(PLT_21).pdf) > Acesso em: 23 abr. 2015.

CASCUDO, L. da C. **História da alimentação no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1983.

COSTA, T. V. et al. Aspectos de consumo e comércio de pescado em Parintins/AM. **Boletim do Instituto Pesca**, Parintins, v. 39, n.1, p. 63-75, 2013,.

DEL PRIORE, M. L. **Festas e Utopias no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FARIAS, E. S. de. Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. **Sociedade e Estado**, Brasília, n. 3, p. 647-688, Dezembro. 2005.

_____. **Ócio e negócio**: festas populares e entretenimento-turismo no Brasil. 2001. 413 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, Unicamp, 2001.

FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Editora Presença, 1985.

FERRARINI, A.; VERONESE, M. Piracema: uma metáfora para o microempreendedorismo e associativismo no Brasil. **Revista Otta Economia**, v. 2, n. 7, p. 185, 2º Semestre. 2010,.

FLEURI, R. M. **Educação Intercultural**: Mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIACHETTO, D. **Piracema**: período defeso da pesca em águas doce. MT, 2013. Disponível em: <<http://www.site.ajes.edu.br/direito/arquivos/20131029234741.pdf>.> Acesso em: 15 maio 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: ATLAS, 2002.

GONDIM, N. A Invenção da Amazônia. 2ª Ed. Editora Valer. Manaus, 2007.

GUARINELLO, N. L. Festa Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, Í. **Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec/Editora Universidade de São Paulo/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001, v. 2.

HALL, S. A centralidade da cultura – notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n.2, p.15-46, 1997.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende - Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HANISCH, C. V. **As marcas da oralidade nas produções escritas dos alunos da Escola de Ensino Médio Dom Henrique Rùth**. 2009. 91f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2009.

HARLEY, J. B. A nova história da cartografia. In: **O Correio da Unesco**, v. 19, n. 8. p. 4-9, Ago. 1991.

HOBSBAWM, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, L. **A Nova História Cultural**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JANCSÓ, I.; KANTOR, Í. (Org.). **Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, FAPESP e Imprensa Oficial, 2001, v. 1-2.

KUBRUSLY, C. A. **O que é fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LIMA, C. A. **Coronel de Barranco**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

LODY, Raul. **Brasil bom de boca: temas da antropologia da alimentação**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2008.

LUVIZOTTO, C. K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: UNESP, 2010.

MACIEL, N. et al. Relação das características morfométricas externas do mandi (Pimelodus blochii) em relação ao seu potencial de produção de filé. **Revista AGROTEC**, Belém, n. 1, p. 113-120, novembro. 2014.

MANDROU, R. **Magistrados e feiticeiros na França do século XVII**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MATOS, L. da S. **Belém em festa: e economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**. 2010. 280f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MAZZOTI, A. J. A; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

MERÇON, F. Os objetivos das ciências naturais no ensino médio. **Revista Vestibular UERJ**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1-3, 2015. Disponível em: <http://www.revista.vestibular.uerj.br/artigo/artigo.php?seq_artigo=38> Acesso em: 05 jun. 2017.

MOEHLECKE, S. O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 39-56, 2012.

MONTEIRO, N. et al. **Pesquisa em ensino de história: entre desafios metodológicos e apostas políticas**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2014.

MOREIRA, A. F; TADEU, T. **Currículo, cultura e sociedade**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA, A. F & CANDAU, V. M. **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MOURA, F. M. B. Festas e celebrações no Brasil Colonial: representações de poder e elos de ligação com a cultura portuguesa do século XVIII. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, n. 24, 2007, São Leopoldo.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEGREIROS, L. P. **Biologia e distribuição geográfica de Pimelodus Blochii (Valenciennes 1840, Siliriformes Pomelodidae)**. Monografia (Especialização em Biologia Animal)–Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

NOGUEIRA, W. **Festas Amazônicas: Boi-Bumbá, Ciranda e Sairé**. Manaus: Valer, 2008.

PESSOA, J. de M. Aprender e ensinar nas festas populares. In: **Salto para o futuro, Boletim Abril de 2007**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/aprender-e-ensinar-nas-festas-populares.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2017.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.13-15,1989.

PONTES, C. J. de F. O primeiro ciclo da borracha no Acre: da formação dos seringais ao grande colapso. In: **South American Journal of basic education, Technical and Technological**, Rio Branco, n. 1, p. 107-123, 2014.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, G. M.; SANTOS, A. C. M. **Sustentabilidade da pesca na Amazônia**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 165-182. Maio/Agosto. 2005.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, V. S. dos. Piracema. In: **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/biologia/piracema.htm>> Acesso em: 12 maio 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969

SILVA, F. B. **Acre, a “pátria dos proscritos”**: prisões e desterramentos para as regiões do acre em 1904 e 1910. 2010. 363 f. Tese (Doutorado em História) –Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2010.

SILVA, E. F.; MELO, C. E.; VÊNERE, P. C. Fatores que influenciam a comunidade de peixes em dois ambientes no baixo Rio das Mortes. **Revista Brasileira de Zoologia**, Mato Grosso, n. 24, p. 482-492, junho. 2007.

SILVA, A. L. da. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro (Amazonas, Brasil). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 125-179, Jan/Jun. 2007.

SIMIONE, S. S. **Acre: uma visão temática de sua geografia**. Rio Branco: Edufac, 2008.

TEIXEIRA, J. de S. Festa e identidade. **Comunicação & Cultura**, Lisboa, n. 10, p. 17-33, 2010.

THOMSON et al. Os debates sobre memória e história. In: AMADO, J; FERREIRA, M. de M. (Coord.). **Usos e abusos de história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

THOMPSON, E. P. **Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial**. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Schwarcz, 1998.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1981.

VOVELLE, M. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1979.

ZANON, D. A. V. **Ensinar e aprender Ciências no ensino fundamental com atividades investigativas**: enfoque no projeto ABC na Educação Científica Mão na Massa. 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Educação)–Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

ZIMMERMANN, M. H; MARTINS, P. L. O. **Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência**. In: Congresso Nacional de Educação, 8., 2008, Curitiba. Anais...Curitiba: Congresso Nacional de Educação, 2008.



FASCÍCULO

**DA PIRACEMA À FESTA DO MANDIM: UMA ESTRATÉGIA
LOCAL PARA ATENDER A PARTE DIVERSIFICADA DO
CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO**

SENA MADUREIRA



**Italva Miranda da Silva – Instituto Federal do Acre (IFAC)
Ricardo F. Waizbort – Instituto Oswaldo Cruz (IOC)**

A FESTA DO MANDIM E A PARTE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS DE SENA MADUREIRA

Os desafios propostos por um currículo que ora se dilata ora se estreita, impõe às escolas a necessidade de revisão permanentemente em seus paradigmas e práticas pedagógicas a fim de atender a legislação. A obrigatoriedade de trabalhar a parte diversificada desse currículo e as dificuldades encontradas pelos professores em sua execução no âmbito de escolas do Ensino Médio no município de Sena Madureira, Estado do Acre, motivaram o interesse por esse trabalho. Trata-se de um fascículo referenciado em trabalhos do **Laboratório de Avaliação em Ensino e Filosofia das Biociências (LAEFiB)** - Instituto Oswaldo Cruz-IOC/FIOCRUZ para auxiliar professores do Ensino Médio de escolas do município em questão no trabalho com a parte diversificada do currículo.

Não se trata de uma intervenção, mas de uma problematização levantada com o apoio de professores do próprio município, visando potencializar conteúdos para parte diversificada do currículo com a Festa do Mandim. A festa em si assinala uma série de elementos que uma vez explorados visibilizam questões muito particulares da região. Longe de buscara exaurir os conteúdos e abordagens, a proposta é apenas uma possibilidade provisória, tanto em seu sentido conclusivo quanto em sua autonomia, visto que a mesma se insere em um currículo já prescrito, cujas balizas encontram-se previamente definidas pela legislação educacional



Esse fascículo é composto por aulas de diferentes disciplinas, com ênfase no componente curricular de História. Para a elaboração dessas aulas, utilizou-se pequenos vídeos, músicas, artigos e imagens retiradas da internet e livros, além de atividades elaboradas com auxílio de professores das áreas abordadas para o feedback com os alunos. O fascículo enquanto recurso didático fundamenta-se em documentos legais, referenciais teóricos e informações formais e informais sobre a aludida festa provenientes de entrevistas, análise de reportagens e grupo focal.



ESBOÇO PARA UMA HISTÓRIA DA FESTA DO MANDIM NO CONTEXTO DO CURRÍCULO

A Festa do Mandim que ocorre durante a Piracema, em Sena Madureira, é um evento cultural capaz de contribuir para que o Ensino de História e outros componentes curriculares contemplem o que a Lei 12.796/2013, no seu Art. 26, chama de parte diversificada do currículo. A Festa do Mandim possui características temporais muito próprias, baseadas em grande parte na natureza não domesticável da Piracema frente a um mundo comercial e político cuja lógica disciplinar, temporal e consumista tenta se impor.

Não há do ponto de vista acadêmico, registros escritos acerca da Festa do Mandim, apenas reportagens que a aborda na perspectiva da propaganda. Fotos antigas em acervos pessoais, memórias de moradores, pescadores e autoridades locais que se propuseram a falar sobre a festa, constituíram as principais fontes para esse estudo. Por meio dessas memórias, sistematizou-se alguns elementos que ajudaram a escrever um pedaço da história dessa festa. O recorte temporal desse trabalho situa a aludida festa, em dois momentos. O primeiro vai dos anos iniciais da década de 1980 e princípios de 1990. Enquanto o segundo, que inclui a fase institucionalizada da festa, inicia a partir 1998, período em que a festa ganha visibilidade no cenário estadual.

É importante destacar que antes de sua institucionalização, a Festa do Mandim já existia e ainda continua existindo, obviamente em outros formatos e em diferentes locais da região. Era comum festejar nas praias locais e no interior de batelões a passagem da piracema do mandim desde muito antes da prefeitura organizar o evento. Esses festejos não tinham a preocupação em definir um local específico, nem tampouco canalizar esforços para a montagem de uma estrutura que atraísse muitas pessoas. O sentido da festa era celebrar a abundância do pescado entre familiares e amigos. Sobre a festa em seus momentos iniciais, a senhora Conceição Freitas, associada da colônia dos pescadores narra o seguinte:

Eu ainda era menina nova quando tudo começou, lá pelos anos oitenta. Meu pai e outros parentes e amigos subiam o rio e ficava esperando a **piracema** logo acima da praia. Quando rio começa a baixar de maio em diante vai se formando uma praia no estirão do rio e era nesse lugar que se armava as barracas, aportavam os barcos e batelões para festejava a piracema. Quando a Toinha Vieira se tornou prefeita na década de 1990, mais precisamente **em 1998, a festa que não era festa, se tornou um negócio grande** (Grupo Focal em 09/01/2016). [grifos nossos]

Segundo a senhora Livia Hoyle em entrevista, a praia como espaço de lazer passou a ser explorada para fins econômicos em Sena Madureira anos antes da oficialização da Festa do Mandim por influência de um espaço flutuante (barco ancorado no porto ambientado para atividades de lazer) da cidade de Rio Branco de propriedade de seu pai em Sena Madureira. De acordo com essa personagem, o rio, o barco e a praia passam a compor um novo cenário festivo da cidade já no início da década de 1990(1993-94), sendo a introdução do peixe pela prefeitura nessa festa como símbolo a partir de 1998 foi mais um artefato inserido, a fim marcar o espaço do poder instituído, mas o costume ou tendência do entretenimento já existia.

O lugar de onde os diferentes sujeitos falam acerca da origem da Festa do Mandim fica bastante marcado em seus relatos, demonstrando um conflito de interesses e valores mesmo que inconscientes no campo da memória. Para pescadores mais antigos e moradores descomprometidos com afinidades políticas, a festa em seu sentido mais espontâneo sempre existiu, sendo sentida mais fortemente durante a piracema ou as piracemas, visto que esse fenômeno ocorre em diferentes momentos e em variadas espécies na região.

Para o Senhor José Alves, empresário local e um dos articuladores da institucionalização dessa festa, ela foi criada pela administração, local:

O Festival do Mandim começou em 1998. A cidade de Sena Madureira sempre foi conhecida pela cultura da pesca do Mandim e aí, eu, o José Vieira esposo da então prefeita Toinha Vieira, achamos que, criar a festa do Mandim seria uma forma de **atrair turistas** para Sena Madureira. O Acre é muito carente em eventos e por isso a gente achou que por ser um município próximo da capital Rio Branco, só 140 km, poderia atrair turista para cá com a festa do Mandim. **O Mandim era e ainda é um peixe muito cobiçado** e por esse motivo achávamos que atrairia. [...] A festa sempre ocorria próximo ao aniversário da cidade e às vezes coincidia com ele. Na verdade, **a festa ocorre na Piracema e a piracema não tem data definida, pode ser antes ou depois, mas é sempre entre agosto e setembro.** (José Alves, entrevista realizada em 29/8/2016)

Certamente o senhor José Alves tem clareza de que a chegada ou passagem da piracema pela na cidade já produzia por si só um ambiente festivo, sobretudo entre pescadores e suas famílias e o que a prefeitura precisava fazer era estruturar no formato que as festas empreendimento/entretenimento requerem para atrair o público. Obviamente que essa ação demandou a canalização de certos esforços e investimentos, mas a dinâmica e o contexto local indicavam algumas pistas a seguir. O sabor atribuído a carne do Mandim passou a ser exaustivamente explorado, a fim de produzir certa identidade, bem como a insistência de que a cidade precisava experimentar novas alternativas de lazer.

Comparando os relatos da senhora Conceição Freitas e o senhor José Alves, tem-se que, para a primeira personagem, a passagem da piracema na cidade é um momento de festejar, visto a abundância de peixe que vem com a correnteza. Não há em sua narrativa a menção a lucros,

embora seja possível que esse esteja também presente no processo da pesca. Quanto à data de surgimento da festa e local de ocorrência, não assinala com exatidão sua fundação nem o lugar específico em que ela ocorre, mas insinua que está situada no tempo da Piracema e ocorre na praia, isto é, no tempo da natureza e em qualquer ponto da praia que desejar. No relato do segundo personagem, observa-se uma motivação bastante clara para criação da Festa do Mandim: “atrair turistas” visando lucro e ao contrário da narrativa anterior, o surgimento da Festa do Mandim, tem data oficialmente definida, como todo evento institucionalizado pelos aparelhos de Estado, 1998 que se insere no tempo do calendário/relógio e deve ocorrer na praia do Amarelho.

PONTOS DE CONVERGÊNCIAS: Em ambas as narrativas, quando se reportam à piracema parecem indicar que a existência da festa depende fundamentalmente desse fenômeno. O aspecto da abundância de peixe é enfatizado nos dois relatos como demonstração de que a natureza nessa parte do Brasil é bastante generosa e que a festa é uma forma de manifestar alegria e gratidão a ela. Ocorre que à medida que a festa se torna “propriedade” do poder público, suas feições são alteradas, os sujeitos que dela participam precisam ser disciplinados, surgem as regras para definir como e em quais proporções pode-se participar e, contraditoriamente, a festa que em sua essência se caracteriza como lugar da liberdade/libertinagem, se torna, no caso da Festa do Mandim, um ato controlado espacial e temporalmente, principalmente, quando misturada às comemorações de aniversário da cidade de Sena Madureira (25 de setembro).

Desde de sua institucionalização em 1998, a Festa do Mandim experimentou diferentes nomenclaturas e formatos. Começou como Festival do Mandim em alusão aos festivais de praia que se ampliaram no Acre na década de 1990. Tornou-se Festa do Mandim no início dos anos 2000 depois que novo grupo político assumiu o comando da prefeitura local. Após, dois anos sem acontecer (2012 e 2013), em 2014 ressurgiu, como Festival do Peixe. A mudança de nome nessa última fase foi uma tentativa de contemplar os interesses de piscicultores do município que passaram desde de 2012, com a criação da Associação dos Piscicultores de Sena Madureira - APSM a reivindicar seu espaço no cenário político e econômico.

As festas de uma modo geral, nunca permanecem as mesmas e mudanças em seus formatos sempre existiram e existirão, sejam para se adaptar a novos contextos sócioeconômicos, seja por ressignificações no interior de suas estruturas simbólicas. Para Bakhtin (1987), as festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo, e segue:

Em sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta de tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades em todas suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crises, de transtornos na vida da natureza, da sociedade e do homem. A morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre os aspectos marcantes das festas. E são, precisamente, esses momentos, nas formas concretas das diferentes festas que criaram o clima típico das festas (BAKHTIN, 1987, p.8)

Questões relacionadas a mudanças e permanências fortemente discutidas pela História, mas não apenas por essa área do conhecimento torna a Festa do Mandim um campo fértil a ser explorado como tema para a parte diversificada do currículo. Além da análise de diferentes temporalidades motivadas pelo estudo da piracema na região de Sena Madureira, questões econômicas podem ser provocadas em sala de aula com a atividade da pesca, com a arrecadação obtida com a Festa do Mandim e outros aspectos relacionados. O estudo da variedade linguística pode tomar corpo quando se observa a particularidade na pronúncia e escrita da expressão “mandim”, um peixe tão familiar para os senamadureirenses se comparado a outras regiões do Brasil, bem como outros aspectos alusivos ao vocabulário regional.

A Festa do Mandim (na perspectiva de celebração da abundância do pescado em Sena Madureira), mobiliza nos seus diferentes formatos, espacialidades e temporalidades um vasto conjunto de elementos de ordem natural, econômica, social e política que provocados sob a ótica pedagógica podem proporcionar as escolas de Sena Madureira excelentes reflexões para a parte diversificada do currículo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. (1895 -1975). **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; [Brasília] Editora da Universidade de Brasília, 1987.

Entrevistas:

José Alves (empresário) – 29/08/2016

Lívia Hoyle (professora) – 18/05/2017

Maria da Conceição Freitas (pescadora) em Grupo Focal: 09/01/2016

Lei n. 12.796 de 04 de abril de 2013. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acesso em: 20 de abril de 2016.



A ESCOLA E A DIVERSIDADE CULTURAL

A diversidade cultural constitui-se nas diferentes formas e expressões de culturas que um determinado grupo social compartilha. A escola por sua natureza e função é a primeira instância do convívio social que mais fortemente experimenta na prática com essas diferenças. Sabe-se que em casa, na igreja, no parque e outros espaços, as crianças estabelecem trocas, mas essas se situam em um contexto mais específico e esporádicos nos quais as diferenças de comportamento acabam sendo diluídas sem maiores impactos.

Na escola, no entanto, essas experiências tomam outras feições. O encontro com o outro, com o diferente seja por classe social, religiosa ou cultural é sentido e vivido de maneira mais intensa, tanto pela rotina diária, quanto pelo maior tempo de convívio em um mesmo espaço por distintas pessoas. Questões como essas desafiam cada vez mais as escolas, visto que em sua função formadora precisa estabelecer os limites do respeito e da valorização dessas diversidades culturais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs criado em 1997, trouxeram, além do alinhamento nas disciplinas da formação geral, os temas transversais, isto é, conteúdos que devem atravessar a vida dos educandos contribuindo para uma formação mais humana e cidadã. Na prática, sabe-se que essa formação humana e cidadã em sentido efetivo constitui-se utopia, mas a escola precisa de ao menos tentar. Dentre esses temas tem-se a **PLURALIDADE CULTURAL** e os **TEMAS LOCAIS**. **Pluralidade Cultural** diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (PCN/PC, p.7). Sob a denominação de **Temas Locais**, os Parâmetros Curriculares Nacionais pretendem contemplar os temas de interesse específico de uma determinada realidade a serem definidos no âmbito do Estado, da cidade e/ou da escola. Na mesma direção a **Lei 12.796/13** estabelece que os currículos da Educação Básica devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

AULA 1 - ENTRE TEMPORALIDADES E TERRITORIALIDADES: história da Festa do Mandim em Sena Madureira



A festa é sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá em tempo e lugar definido, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado, e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001. P. 972).

Dentre as diferentes manifestações culturais, as festas parecem trazer fortemente a problemática de tempo e espaço, duas categorias tão fundamentais para o ensino de História, além de serem balizas para a compreensão da maioria dos acontecimentos envolvendo a humanidade ao longo de sua história. As dimensões temporais, *passado-presente* representativas das festas colocam frente a frente à questão da memória, abarcando contradições e conflitos de campos materiais e simbólicos entre os diferentes grupos sociais que as produzem com suas evidências e apagamentos.

A imagem acima recorta a Festa do Mandim em Sena Madureira em um tempo específico (setembro de 2010) e em um espaço (Praia do Amarelo) que, após sua institucionalização em 1998, tornou-se a referência para o evento do ponto de vista oficial. Da imagem, busca-se problematizar a questão do tempo na história enquanto instrumento pedagógico, captando as percepções dos alunos acerca das diferentes temporalidades a partir do fenômeno da piracema, bem como levantar algumas interpretações para a institucionalização da festa depois que o poder público se apropriou dessa experiência coletiva.

Ao tratar da Festa do Mandim é preciso ter em mente que o costume de comemorar com festa, a “passagem” do peixe durante a piracema precede o tempo da política (1998), embora a festa institucionalizada continue tendo, na piracema sua referência. Nessa perspectiva, os limites entre o tempo da natureza e o tempo cronológico tornam-se quase imperceptível nessa região, com o primeiro se impondo ao segundo.

Sobre a questão do tempo, Thompson (1998), afirma que entre os anos 1300 e 1650 ocorreram mudanças muito importantes na percepção deste no âmbito da cultura intelectual da Europa Ocidental e, à medida que o século XVII foi avançando, a imagem do mecanismo do relógio já alcançara níveis mais íntimos. Essas mudanças na percepção do tempo, juntamente com difusão do relógio, ajudaram a moldar alguns costumes da época, principalmente no que diz respeito à notação do tempo, que passaria a orientar as tarefas diárias.

Ainda para Thompson (1998), já no século XVI os grandes relógios públicos passaram a serem construídos e as igrejas passam a desfrutarem desses imensos objetos. Contudo, a exatidão desses relógios era questionada e após 1658, os relógios de pêndulo ajudaram a marcar melhor o tempo, dando aos trabalhadores também a possibilidade de “controlar” o tempo.

A partir da Revolução Industrial, o tempo passa a ser uma moeda, concorrendo paralelo a isso uma difusão geral de relógios portáteis e não portáteis no exato momento em que a Revolução Industrial requeria maior sincronização do trabalho. “O pequeno instrumento que regulava os novos ritmos da vida industrial era ao mesmo tempo uma das mais urgentes dentre as novas necessidades que o capitalismo industrial exigia para impulsionar o seu avanço.” (THOMPSON, p. 279). O relógio passa, não era apenas útil, mas também dava prestígio ao seu dono e sempre que um grupo de trabalhadores entrava numa fase de melhoria do padrão de vida, a aquisição de relógios era uma das primeiras mudanças que se verificava nos acessórios de seu corpo.

A História e o Tempo

A questão do tempo na História tem sido um grande desafio para muitos professores, dado que a rapidez da tecnologia e das informações figura para os alunos como a única possibilidade de se organizar e de se relacionar com o tempo, fazendo com que esses se distanciem de outras experiências temporais. Não se localizou na literatura estudos que problematisassem o fenômeno da piracema enquanto aspecto temporal. Por essa razão e, baseado nas falas dos depoentes da pesquisa quanto às características desse fenômeno como período do ano em que ela ocorre, locais de passagem, volume de peixes e outros aspectos relatados, optou-se nomear a categoria “*tempo da piracema*”, a fim de estabelecer o diálogo com outras temporalidades, notadamente o tempo do relógio, o mais percebido nas rotinas diárias pelos alunos.



Tempo do relógio



Tempo da piracema

Nos estudos de história são utilizadas diferentes medidas de tempo para situar os acontecimentos como: dia, mês, ano, século, milênio. O homem desde tempos atrás já percebiam a passagem do tempo (mudança do dia para a noite, estações e outros fenômenos naturais que se repetiam). Era um tempo definido pelo movimento da natureza. Com o passar dos tempos, os homens foram buscando formas de mensurá-los criando instrumentos de medição do tempo: calendário, relógio mecânico, relógio do sol, ampulheta, clepsidra e tantos outros.

De maneira simplificada a contagem do tempo de divide os fatos da história em três dimensões:

CURTA DURAÇÃO – Eventos rápidos como uma votação de Lei no Congresso, uma partida de futebol, uma peça de teatro ou mesmos noticiários; **MÉDIA DURAÇÃO**- Eventos de duração mediana inserida em um contexto histórico ou uma conjuntura. Ex: a carreira de um jogador, duração de uma guerra ou tempo; mandato de um governo; **LONGA DURAÇÃO**: Caracterizado pela existência de uma sólida estrutura capaz de definir por um longo período a história de uma sociedade. Ex: Escravidão na era moderna, Feudalismo na Europa Ocidental ou o domínio do Imperialismo Ocidental sobre outros povos.

CALENDÁRIO CRISTÃO: É o calendário mais usado no mundo atual, mais não o único. Ele é baseado no ano de nascimento de cristo. Esse acontecimento marca o primeiro ano do calendário.

É BOM SABER

Para identificar a que século pertence determinado ano, utilize as abaixo

Se o ano terminar com dois zeros, corte os dois zeros e assim você saberá a que século pertence esse ano. Veja os exemplos.

1500
o ano de 1500
pertence ao
século **XV**

1700
o ano de 1700
pertence ao
século **XVII**

2000
o ano de 2000
pertence ao
século **XX**

Se o ano não terminar em zeros, corte os dois últimos algarismo e some 1 ao número que resta. Veja os exemplos.

1532
(15+1)=16
o ano de 1532
pertence ao
século **XVI**

1798
(17+1)=18
o ano de 1798
pertence ao
século **XVIII**

2004
(20+1)=21
o ano de 2004
pertence ao
século **XXI**

METODOLOGIA/DURAÇÃO DA AULA: 02 aulas de 50 minutos

Apresentação do tema: **Tempo e História: da Piracema à Festa do Mandim** em Power Point (com imagens); texto impresso extraído de: <http://ligadosnahistoria.blogspot.com.br/2010/03/o-tempo-na-historia.html> ou <http://www.sohistoria.com.br/ef2/tempo/>

Estudo dirigido sobre o tema para os alunos em sala de aula:

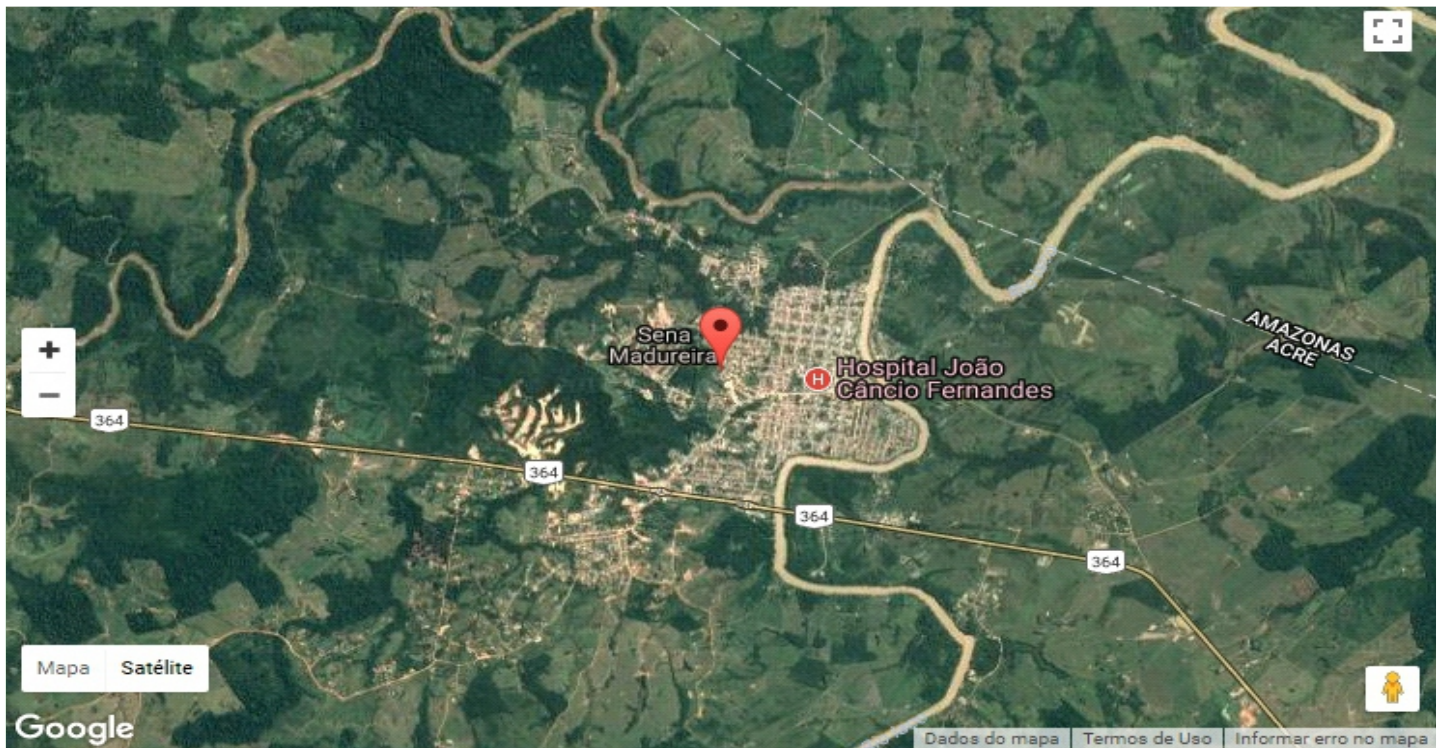
- 1- Qual a relação entre Tempo e História?
- 2- Sobre as forma ou modalidades de tempos, a História apresenta, basicamente, duas: tempo cronológico e tempo da natureza. Em qual desses grupos a piracema se insere? Defina com suas palavras as características desse tempo.
- 3- “À medida que o século XVII avança, a imagem do mecanismo do relógio se expande e pela metade do século XVIII o relógio já alcançara níveis mais íntimos.” (THOMPSON, E. P., 1998,). Qual a relação entre o tempo do relógio e a Revolução Industrial? Em que aspecto esse tempo se diferencia do tempo da piracema?
- 4- Considerando a duração dos eventos históricos, o fenômeno da piracema contempla qual dimensão? Explique.
- 5- É possível o tempo natural coexistir com o tempo do relógio. Desenvolva sua resposta.

Referências:

THOMPSON, E. P. **Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo** industrial. In: **Costumes em comum**. Trad. Rosaura Eicheberg. Editora Schwarcz, São Paulo: 1998.p. 267 – 304.

Tempo da natureza x o tempo dos relógios. Disponível em:<http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-tempo-natureza-x-tempo-dos-relogios.htm>

AULA 2- HISTORICIZANDO A CIDADE DO MANDIM.



Conhecida no Estado como a “terra do Mandim”, Sena Madureira possui área de 25.946 Km, equivalendo a 61,97% da região e 16,52% da área total do Estado do Acre, segundo o IBGE e está localizada na região do Vale do Purus. A história oficial narra que a ocupação da região iniciou por volta de 1878 com a chegada de brasileiros, a maioria **nordestinos** (o território do atual Acre era naquele período de domínio boliviano). Ainda de acordo com essas narrativas, após a celebração do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, o general Siqueira de Meneses, cumprindo missão, chegou em 25 de setembro de 1904 às terras do Seringal Santa Fé, às margens do Rio Iaco, onde fundou Sena Madureira, cujo nome homenageia o **coronel do Exército Brasileiro Antonio Senna Madureira**.

A diocese de Rio Branco escreveu uma matéria em 10/11/2012 sobre a fundação de Sena Madureira baseada em informações do jornal: “A gazeta do Purus” nº 66 de 27 de setembro de 1919. Nesse artigo, há uma passagem significativa dando conta desse ato narrada por Riquet Nogueira, militante republicano que acompanhou a cerimônia no dia 25/09/1904:

Rompeu finalmente a aurora de 25 de setembro, gloriosa e bela como o são sempre essas **datas que marcam a história da civilização e o nascimento das cidades**. Numerosa canoas cruzava-se num vai e vem contínuo, rumo ao local onde havia sido construído na véspera, o tapiri destinado à sede provisória do governo. **O general mandara** avisar pelas redondezas mais próximas, que naquele dia, nas primeiras horas da manhã se instalaria a capital do novo Departamento. Às 8 horas se deu começo à grandiosa cerimônia que teve por objeto a instalação do governo e berço da cidade de Senna Madureira, em homenagem ao afeto e admiração que consagrava ao coronel Senna Madureira, um dos bravos militares que se distinguiram na Guerra do Paraguai. A cerimônia de instalação do Governo do Departamento do alto Purus foi testemunhada por aproximadamente duzentas pessoas nas proximidades do tapiri. (“A gazeta do Purus” nº 66 de 27 de setembro de 1919).

Destacou-se algumas expressões ou frases no texto acima com o intuito de problematizar algumas questões. A ideia de Nordeste, por exemplo, e, conseqüentemente, nordestino aparece nos discursos brasileiros como uma realidade dada desde sempre. A historiografia oficial acreana usa o termo nordestino para definir a identidade de um grupo social que “ajudou povoar” o Acre no século XIX, sendo que nesse período a expressão nordestino sequer existia.

A identidade nordestina, de acordo com Albuquerque Jr.(2001) foi uma invenção das arruinadas elites da parte Norte-Nordeste reivindicando um espaço depois que São Paulo e Minas Gerais assumiram o comando da política no Brasil. Aliás, para esse autor, até 1919 é como se o Norte e Nordeste fossem uma “coisa só”. A marcante seca de 1877 e seus desdobramentos, inclusive na Amazônia levaram as autoridades perceberem a existência de um “Norte” sujeito às estiagens e conseqüentemente, merecedor de atenção especial. *“O Nordeste, é em grande medida, filho das secas, produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos produzidos a respeito deste fenômeno”* (ALBUQUERQUE Jr. 2001, p.141-142).

A Invenção do Nordeste

Para legitimar o recorte Nordeste, o primeiro trabalho feito pelo movimento cultural iniciado com o Congresso regionalista de 1926, denominado regionalista e tradicionalista, foi o de instituir uma origem para a região. Essa história regional retrospectiva busca dar à região um estatuto, ao mesmo tempo universal e histórico. Ela seria restituição de uma verdade num desenvolvimento histórico contínuo, em que as únicas descontinuidades seriam de ordem negativa: esquecimento, ilusão, ocultação. A região é inscrita no passado como uma promessa não realizada, ou não percebida; como um conjunto de indícios que já denunciavam sua existência ou prenunciavam. Olha-se para o passado e alinha-se uma série de fatos, para demonstrar que a identidade regional já estava lá. Passa-se a falar de história do Nordeste, desde o século XVI, lançando para trás uma problemática regional e um recorte espacial, dado ao saber só no início do século XX. (ALBUQUERQUE Jr. 2001, p. 149)

Outro aspecto a considerar sobre as narrativas oficiais e sobre as quais a história tem se ancorado na maioria das vezes é a questão dos heróis, dos grandes personagens tão ao gosto da história positivista e tão recorrente na história republicana do Brasil. Sena Madureira reforça o panteão dos heróis nacionais ao ser homenageado com o nome de uma cidade como muitos outros foram imortalizados com nomes de ruas, praças e espaços de cultura por seus grandes feitos.

Essas narrativas visam incutir nas pessoas que a história sempre precisou de “iluminados” para chegar a civilização como narra Riquet Nogueira na cerimônia de “fundação” da cidade de Sena Madureira: *“Rompeu finalmente a aurora de 25 de setembro, gloriosa e bela como o são sempre essas datas que marcam a história da civilização e o nascimento das cidades”*. E ainda: *“O general mandara avisar pelas redondezas mais próximas, que naquele dia, nas primeiras horas da manhã se instalaria a capital do novo Departamento”*. Acompanhando essa lógica, a fundação da cidade de Sena Madureira teria sido obra de mais um herói desbravador da história do Brasil.

OBJETIVO DA AULA – Possibilitar aos alunos uma reflexão acerca dos diferentes sujeitos que se dirigiram a região do Purus e que “participaram” da fundação da cidade de Sena Madureira, identificando a origem desses personagens, suas aspirações e interesses.



METODOLOGIA/DURAÇÃO DA AULA: 02 aulas de 50 minutos

Levar para sala de aula:

Slide com fotos antigas da fundação de Sena Madureira (na Galeria Sena existem muitas delas em formato de painel) para situar os alunos no contexto histórico;

Vídeo do link: https://www.youtube.com/watch?v=ZJ8fO_OdV38 para problematizar a trilha sonora de Sérgio Souto na composição do Hino de Sena Madureira;

Textos impressos sobre a fundação de Sena Madureira extraídos do endereço eletrônico: <http://www.senamadureira.ac.gov.br/historia-do-cidade> ou acessar o link em sala de aula.

TAREFA PARA CASA:

- a- Pesquisar a origem dos nomes dos municípios acreanos e descrever as motivações das homenagens;
- b- Pesquisar quem foi o Coronel Senna Madureira e o que ele fez de excepcional na Guerra do Paraguai para tornar-se motivo de inspiração.
- c- Listar quem foram os “nordestinos” que vieram para o Acre entre o final do século XIX e início do século XX durante o extrativismo da borracha.
- d- Pesquise o significado de Tapiri.
- e- Fotografar e em seguida descrever o marco de fundação da cidade de Sena Madureira, atentando para as mudanças e permanências promovidas no local.
- f- Levantar junto aos moradores (pelo menos 5 pessoas) as razões de Sena Madureira ser conhecida como a “Terra do Mandim” e se ela já teve outras denominações.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE Jr. D.M. **Enredos da tradição: a invenção histórica da região Nordeste do Brasil.** In. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença.** Org: Jorge Larrosa e Carlos Skliar; tradução de Samírames Gorini da Veiga – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Fundação de Sena Madureira. Disponível em: <http://www.diocesederiobranco.org.br/newsite/wp-content/uploads/2012/10/11.-Cria%C3%A7%C3%A3o-da-cidade-de-Sena-Madureira1.pdf>

História de Sena Madureira. Disponível em: <http://www.senamadureira.ac.gov.br/historia-do-cidade>

Imagem de mapa. Disponível em: <https://mapasapp.com/satelite/acre/sena-madureira-ac/>

AULA 3- MANDIM OU MANDI?



A palavra mandi vem do tupi, *mãdi'i* e é o nome dado a diversos peixes de couro. O termo Mandi(m) descrito nesse trabalho diz respeito a sua escrita e pronúncia local, sendo este uma espécie de peixe denominado *Pimelodus Blochii* oriundo da família *Pimelodidae* e, em outras partes do Brasil é conhecido como Mandí, mandi-chorão, surubim-bagre, mandí-amarelo, mandiú, bagre-amarelo, bagre de areia e cabeça-de-ferro (NEGREIROS, 2013).

Na perspectiva de compreensão da diversidade regional, observou-se que a pronúncia e escrita da palavra “mandim” reflete de modo particular o uso que a população de Sena Madureira faz da língua portuguesa. Talvez o único lugar no Brasil em que esse peixe recebe a denominação, mandim. Os usos e apropriações que as diferentes sociedades fazem da língua demonstra que ela não é imutável e nesse sentido, buscou-se explorar como conteúdo de Língua Portuguesa a variação linguística.

A linguagem é o meio pelo qual os indivíduos expressam uns para com os outros sentimentos, sensações, informações ou simplesmente o meio através do qual os seres humanos se comunicam. Essa comunicação ocorre de forma verbal (oral e escrita) e não verbal (símbolos ou sinais). Para Saussure (1969), a linguagem é composta de duas partes: a Língua, essencialmente social porque é convencionalizada por determinada comunidade linguística; e a Fala, que é secundária e individual, ou seja, é veículo de transmissão da Língua, usada pelos falantes através da fonação e da articulação vocal. Apesar de a língua ser um sistema de signos específicos aos membros de uma mesma comunidade (por exemplo: língua portuguesa, língua inglesa), no interior de uma mesma língua são importantes às variações (LESSA, 2014).

SAUSSURE X BAKHTIN e a questão da Língua

A língua é, tanto para Saussure como para Bakhtin, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação. Mas, ao contrário da linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, **Bakhtin valoriza justamente a fala, a enunciação**, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais (VOLOCHÍNOV, 1981, p.9)

De acordo com Nery (2007), as variações linguísticas podem ser compreendidas a partir de três diferentes fenômenos: em sociedades complexas convivem variedades linguísticas diferentes, usadas por diferentes grupos sociais, com diferentes acessos à educação formal. Nesse caso, as diferenças tendem a ser maiores na língua falada que na língua escrita; dentro de um mesmo grupo social, pessoas expressam-se com falas diferentes de acordo com as diferentes situações de uso, sejam situações formais, informais ou de outro tipo e, por fim, segundo a autora, existem os falares específicos para grupos específicos, como profissionais de uma mesma área (médicos, policiais, profissionais de informática, por exemplo) como as gírias e jargões.

METODOLOGIA: 2 aulas de 50 minutos e os seguintes recursos didáticos:

Música Piracema impressa para os alunos e em áudio para ouvir em sala (<https://www.letras.mus.br/raizes-caboclas/461024/>)

Dicionário para pesquisa;

Lista com expressões verbalizadas no cotidiano de Sena Madureira. Serão utilizadas: **Arrochar/Balseiro/Baixaria/Catraia/Estopa/Mucunzá/Panema//Ramal** para análise.

Piracema/ Raízes Caboclas

O pescador sai de manhã
Ele vai pescar, ele vai pescar.
Deixa Maria no tapiri
com os curumins, com os curumins.

Ele leva na sua canoa,
tarrafa, zagaia e o camurim.
Ele leva na sua canoa
xibé, peixe-seco, piracuí.

Ele conhece
Os segredos do rio Não tem medo do boto
Navega banzeiro, remanso.
Quando ele volta já é noitinha.
Paneiro farto, pacu, jaraqui, cará e sardinha.

Atividades em grupo:

- 1- Identificar as palavras ou expressões na letra da música *Piracema* que vocês desconhecem o significado.
- 2- Pela letra da música é possível qual região ou contexto é narrada pelo compositor. Se sim, qual?
- 3- Em que reside a centralidade da música? Ela tem relação com Sena Madureira? Expliquem
- 4- No diálogo com o grupo, liste cinco palavras/termos verbalizadas pelos senamadureirenses incomuns a outras regiões do Brasil e verifique seu significado conforme o dicionário utilizado.
- 5- A qual ou quais fatores, vocês atribuem a variação linguística no Acre e notadamente em Sena Madureira?
- 6- Qual a sonoridade da música? Quais instrumentos musicais mais pontuais? Qual o ritmo?

Atividade para Casa em grupo: Objetivo dessa atividade – Aproximar os saberes familiares

- 1- A partir do universo da música **Piracema** que privilegia o espaço do homem, crie uma música para destacar os possíveis espaços da Mulher Maria;

Referências

LESSA, L.G. Diferença entre linguagem, língua e fala. Disponível em

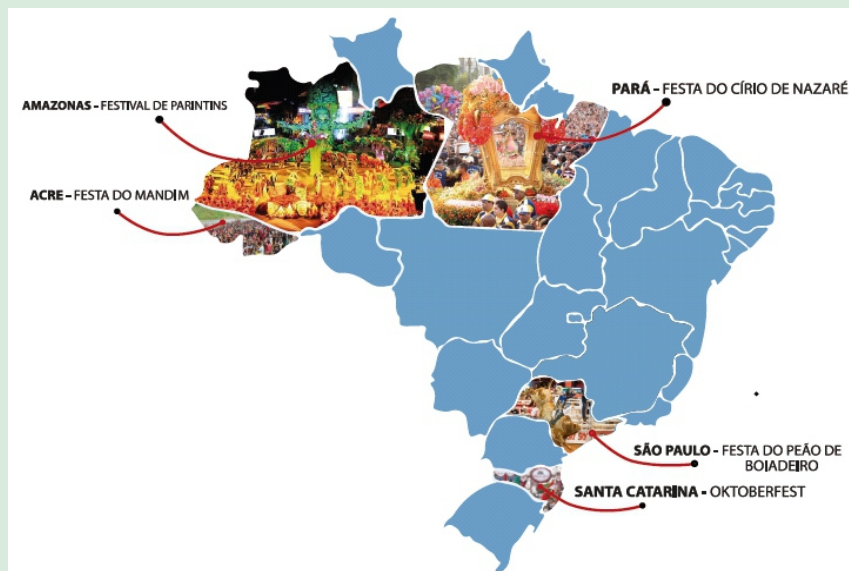
NERY, A. **Variações linguísticas: O modo de falar do brasileiro**. Disponível em

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/variacoes-linguisticas-o-modo-de-falar-do-brasileiro.htm>

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem** - Mikhail Bakhtin. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC, 1981.

AULA 4 – A FESTA DO MANDIM NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA



As festas exprimem de alguma maneira, o modo de ver, agir e sentir o mundo de cada comunidade. Por meio delas, os indivíduos expressam valores, interesses, pensamentos, expectativas e ações, tanto materiais quanto simbólicas, demarcando por essas particularidades a pluralidade de culturas existentes no país. No mapa abaixo foram destacadas quatro grandes festas que ocorrem anualmente em diferentes regiões do Brasil, algumas mais antigas outras menos, mas ambas confirmam o lugar de destaque ocupado pelas festas na história desse país, sendo a Festa do Mandim, mais uma dessas manifestações. Buscou-se através da festa em questão, explorar alguns aspectos e transformá-los em conteúdos para a parte diversificada do currículo do ensino médio em escolas de Sena Madureira.

CONCEITUANDO... Diversidade cultural refere-se aos diferentes costumes de uma sociedade, entre os quais podemos citar: vestimenta, culinária, festas, manifestações religiosas, tradições, entre outros aspectos. Devido a sua grande extensão territorial o Brasil apresenta acentuadas diferenças climáticas, econômicas, sociais e culturais entre as suas regiões, tornando essa diversidade uma das mais ricas e contraditórias do mundo. Os principais disseminadores de culturas no Brasil foram os indígenas, os colonizadores europeus e os africanos.

MEDOLOGIA e duração da aula: 02 aulas de 50 minutos.

Slide com apresentação do tema Diversidade Cultural do Brasil;

Texto impresso e Mapa da diversidade, disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/a-diversidade-cultural>

Documentário sobre a Pluralidade Cultural brasileira, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HpPloFNeK5g>

ATIVIDADES PARA DISCUSSÃO:

- 1- Pesquise (como uso da internet) sobre a origem e as principais características das quatro festas brasileiras apresentadas no mapa acima.
- 2- Qual a diferença entre pluralidade cultural no contexto do vídeo e a diversidade cultural apresentada no texto?

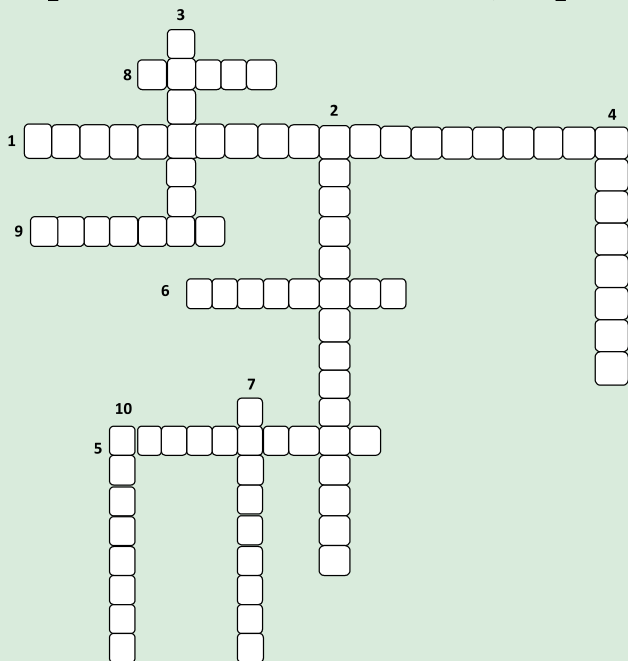
- 1- Além dos disseminadores de culturas citados no texto, quais outros povos teriam contribuído para a atual formação cultural do Brasil?
- 2- Identifique três marcas da cultura nordestina presente no vídeo. É possível assinalar outras características como base no texto? Quais?
- 3- Quais manifestações culturais aparecem no vídeo sobre a região norte? Você saberia indicar outras? Quais? Observando o mapa da diversidade, qual a imagem da Amazônia se sobressai?
- 4- No caso da região sul, de onde vieram as principais influências para sua cultura?
- 5- Relacione as abordagens propostas no vídeo e texto respectivamente, apontando pontos de convergência.

...PENSANDO A DIVERSIDADE NA FESTA DO MANDIM...

No contexto da diversidade cultural o que teria a Festa do Mandim de diferente em relação às festas apresentadas no mapa? Do ponto de vista pedagógico, qual a importância de estudar a Festa do Mandim com os alunos? Há que se considerar primeiro, que toda festa tem como razão de ser a celebração de algo que pode ser um aspecto natural, religioso, social ou outro e ainda, que toda a sociedade de alguma forma festeja alguma coisa. Para ser legitimado por essas sociedades por sua vez, o objeto precisa ter força, coesão ou está suficientemente identificado como essa comunidade para garantir o “consenso” social.

A Festa do Mandim surgida oficialmente em 1998, embora estivesse imersa em interesses econômicos, encontrou no peixe, popularmente chamado “mandim” pelos senamadureirenses, um elemento de identificação social e cultural. No contexto da escola, importa para os educandos conhecer o ambiente em que vivem. Suas características sócias econômicas e culturais como forma de conhecer a história de sua cidade e a si próprias. Pouco adianta para o aluno saber toda a história da Grécia Antiga, se não sabe ao menos onde sua cidade foi fundada, o que se produz econômica e culturalmente seus moradores.

A partir de seus conhecimentos, responda a cruzadinha abaixo sobre a Festa do Mandim:



- 1- Associação responsável pela pesca artesanal em Sena Madureira.
- 2- Local onde passou em que ocorre a Festa do Mandim depois que se tornou um evento oficial.
- 3- Principal folião da Festa do Mandim em sua fase institucionalizada.
- 4- Mês em que ocorre a Festa do Mandim quando organizada junto ao aniversário da cidade.
- 5- Órgão responsável pela estruturação da Festa do Mandim na fase institucionalizada.
- 6- Profissional da pesca artesanal.
- 7- Nome científico da espécie Mandim.
- 8- Rio no qual o Iaco deságua.
- 9- Tipo de embarcação utilizada na pesca do Mandim.
- 10- Nome do fenômeno natural o qual os peixes nadam contra a correnteza para a reprodução.

Referências:

DEL PRIORE, Mary L. **Festas e Utopias no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Diversidade cultural brasileira. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>

Diversidade cultural brasileira. Disponível em:

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/diversidade-cultural-no-brasil.htm>

Hino da diversidade. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm

AULA 5 – A FESTA DO MANDIM E A PIRACEMA: encontro e desencontros



Imagem: <http://cipodigital.blogspot.com.br/2013/07/de-volta-na-piracema.html>

A imagem acima dá conta de uma cena muito recorrente em tempos de piracema nas proximidades do porto principal de Sena Madureira. A subida do barranco que liga o rio a cidade, mostra um trabalhador da pesca carregando uma caixa de mandim em meio a pessoas, canoas e isopores. A abundância do peixe no período da piracema é a motivação da existência da festa, mas esse aspecto está envolto de algumas contradições. Esse evento marca o encontro entre pescadores, o peixe e o rio na região de Sena Madureira durante os dias em que a piracema passa, entrelaçando saberes, necessidades, proibições e diversão.

Na perspectiva do pescador, da Colônia dos pescadores, do consumidor, do folião, do poder municipal é o momento de festejar a fartura, em uma espécie de reverência a natureza. Por outro lado, a luz da legislação ambiental que dispõe sobre a proteção à fauna, pescar no período da piracema, a depender da quantidade caracteriza crime por promover o desequilíbrio ambiental.

PROBLEMATIZANDO O FENÔMENO DA PIRACEMA NAS CULTURAS AMAZÔNICAS

PESCANDO NOTÍCIAS

Novembro/2013

<ftp.sp.gov.br/ftppesca/pescandonoticias>

Caro Pescador Artesanal,

Como deve ser de conhecimento de todos, estamos na época de época de fechamento da pesca para a defesa da produção dos peixes de piracema. Portanto, nesta edição do **Pescando Notícias**, apresentamos **Instrução Normativa** para o defeso 2013/2014 e alguns comentários e esclarecimentos sobre o assunto.

METODOLOGIA E DURAÇÃO DA AULA: 02 aulas de 50 minutos

Slides com imagens de festejos do Mandim e pescarias do peixe durante piracemas na região de Sena Madureira para análise com os alunos;

Textos sobre o fenômeno da piracema extraídos dos endereços:

<ftp.sp.gov.br/ftppesca/pescandonoticias>

<www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u1128.shtml>

Vídeo sobre reprodução dos peixes ou acesso ao link:

<https://www.youtube.com/watch?v=oYbTvBVSHsE>

PIRACEMA
????

ALGUMAS QUESTÕES PARA A DISCUSSÃO

- 1- Compare o conceito de piracema apontado em um dos textos apresentados com as informações ou conhecimentos que você tem desse fenômeno em Sena Madureira.
- 2- Por que a Festa do Mandim ocorre durante a piracema?
- 3- Pesquise o período de defeso da bacia hidrográfica na qual os rios Iaco e Purus pertencem e analisar sua relação com a piracema que ocorre em Sena Madureira.
- 4- Qual a relação entre a “subida” do peixe contra a correnteza e seu processo reprodutivo?
- 5- Pesquise a diferença entre “caniço” “tarrafa” e “malhadeira”, instrumentos utilizados em pescarias na região de Sena Madureira. Qual das duas é apropriada a pesca e por quê?

CANOAS E PESCADORES NO PORTO DE SENA MADUREIRA (2013) NA PIRACEMA DE MANDIM



Imagem: <http://cipodigital.blogspot.com.br/2013/07/de-volta-na-piracema.html>

PONTOS PARA REFLEXÃO SOBRE A FESTA DO MANDIM NO CONTEXTO PEDAGÓGICO DA PIRACEMA

Do ponto de vista cultural, a piracema constitui-se em uma das alternativas para a subsistência de milhares de famílias na região do Purus. Inúmeros pescadores aproveitam a piracema para estocar peixe e garantir durante parte considerável do ano a “mistura” nas refeições. Para muitos pescadores a principal renda obtida ao longo do ano é proveniente da piracema com a venda do peixe e é com esta que compram mercadorias no atacado, roupas e calçados para suas famílias. A passagem da piracema é também aguardada por interessados na pesca esportiva e na prática de turismo ecológico que registram em batelões ou pequenos barcos o movimento dos peixes, das águas e a paisagem no entorno desses.

Em uma perspectiva ambiental, a contínua ação da pesca durante o período de desova dos peixes na região, isto é, na piracema, poderá causar a diminuição do pescado e ao longo prazo, até uma possível extinção de espécies como aconteceu em Piracicaba/SP, por exemplo. É comum durante esse período, o uso recorrente de redes de arrasto (tipo de rede que não filtra o tamanho de peixe a ser arrastado), com isso muitos peixes considerados pequenos, após o arrasto, passam a ser descartados, constituindo-se em uma ação criminosa. Esse aspecto ainda é pouco difundido entre a população e mesmo com ação do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais – IBAMA, os estragos são enormes;

Por outro lado, dentro de uma visão empreendedora, a piracema poderia ser explorado na perspectiva do turismo rural ou ecoturismo. Segundo Gallani (2005), o turismo rural promove o intercâmbio entre o homem da cidade e o meio rural, com vantagens para ambos, tendo como objetivo estimular as atividades geradoras de benefícios sociais, econômicos e culturais, valorizando a identidade local. O Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR vem apostando muito na promoção, marketing e apoio a destinos, serviços e produtos turísticos brasileiros no mercado, sendo o turismo local um desses produtos. Dessa forma, transformar o fenômeno da piracema em objeto de turismo não seria irrelevante, obviamente que isso demandaria grande investimento financeiro por parte do poder público e privado, o que não é objeto dessa abordagem, mas que acena com possibilidade de valorização da cultura e dos recursos naturais regionais.

Referências:

GALLANI, Marcos A. **O Turismo Rural da cidade de Piracicaba e sua expansão utilizando-se as ferramentas do Planejamento Estratégico contempladas no Projeto Piracicaba 2010.** REVISTA ELETRO NICA DE TURISMO (RETUR) - ISSN 1677-3063 Faculdade Cenecista Presidente Kennedy – Coordenação do Curso de Administração Volume 04 - n 01 - maio/2005 - www.presidentekennedy.br/retur/.

INFORMATIVO PESCANDO NOTÍCIAS – NOV/2013. Disponível em: <ftp://ftp.sp.gov.br/ftppesca/PescandoNoticias04nov13.pdf>.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "Piracema"; Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/biologia/piracema.htm>

Vídeo sobre reprodução dos peixes em: <https://www.youtube.com/watch?v=oYbTvBVSHsE>

AULA 6 - A ECONOMIA LÚDICA DO SABOR EM SENA MADUREIRA

Para situar o lugar ocupado pelo peixe, denominado popularmente em Sena Madureira de mandim, desenvolveu-se a categoria de análise, *economia lúdica do sabor*, em analogia ao estudo intitulado: **Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**, desenvolvido pela pesquisadora Lucília da Silva Matos, em 2010. A economia lúdica, diz respeito aos processos econômicos de produção, circulação e consumo de produtos, imagens, mensagens e práticas e práticas simbólicas presentes no espaço/tempo de alguns eventos populares. (MATOS, 2010)

Por meio dessa categoria, buscou-se entender o movimento produzido pelo poder público e privado de Sena Madureira, a partir de 1998, no sentido de agregar valor cultural e comercial ao mandim, visto que até então esse peixe figurava entre outros peixes, no cardápio dos senamadureirenses, mas sem a visibilidade que passou a exercer. Certamente havia uma relativa preferência pelo seu consumo, mas nada de extraordinário. No entanto, a oficialização do evento, deu ao peixe *status* diferenciado.



PROBLEMATIZANDO O TEMA

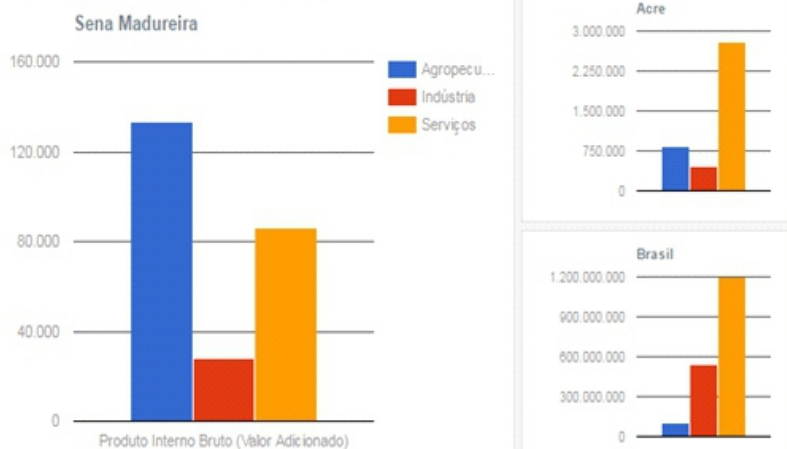
- 1- Pelas imagens é possível identificar as atividades e/ou produtos característicos da Amazônia? Se sim, qual/quais?
- 2- Algumas das atividades apresentadas nas imagens são desenvolvidas em Sena Madureira? Se sim, qual/quais?
- 3- Identifique espaços de comercialização em Sena Madureira e cite alguns dos produtos comercializados nesses lugares.
- 4- O que as indústrias e fábricas existentes em Sena Madureira produzem?
- 5- Em sua opinião quais são os serviços ou produtos mais rentáveis em Sena Madureira?
- 6- Explique a relação entre as festas ocorridas na cidade e o desenvolvimento da economia local

METODOLOGIA E DURAÇÃO DA AULA: 02 aulas de 50 minutos - Em sala de aula utilizar:

- Slides para apresentação com as imagens acima e o gráfico extraído do site IBGE (2016) sobre a economia de Sena Madureira;
- Texto impresso para os alunos com trechos de entrevistas sobre a Festa do Mandim para análise;
- Roteiro de questões para estudo;
- Sugestão de visita técnica a espaços de produção na cidade de Sena Madureira.

ECONOMIA EM NÚMEROS

Produto Interno Bruto (Valor Adicionado)



O gráfico acima foi extraído do site do IBGE-(2016)

- 1- Identifique quais atividades econômicas do município de Sena Madureira se enquadram na Agropecuária.
- 2- Quais atividades econômicas se caracterizam-se por serviços?

DECIFRANDO O TEXTO

“Você vai no vendedor de picolé, ele vende absurdos; você vai no cara do churrasquinho e ele vende outro absurdo; o distribuidor de refrigerante, água, cerveja outro absurdo; a rede hoteleira fica sem vaga de tanta gente. Os pescadores vendem praticamente tudo que foi pescado. Algumas pessoas que não são esclarecidas falam que é festeiro, mas não sabem o tanto de dinheiro que movimenta e nem quantas pessoas são beneficiadas direto e indiretamente com a festa. A quantidade de emprego informal que surge durante essas festas é algo impressionante e a economia do município cresce demais. Na praia por exemplo, a prefeitura coloca entre vinte e trinta barracas e indiretamente você emprega em média cento a cinquenta a duzentas pessoas; no geral, emprega-se mais ou menos vinte seguranças e cerca de cinquenta músicos. Um ponto importante. Sobre a questão dos músicos, se questionou muito porque a prefeitura não traz cantores de fora ou uma grande atração nacional, mas a ideia é dar oportunidade aos artistas locais porque aqui tem muita gente boa. O pessoal de Rio Branco, por exemplo, quer ver algo diferente e muitos se incomodam quando chegam e veem as bandas de Rio Branco tocando aqui porque esperavam algo novo”(FRAGMENTO DE ENTREVISTA COM SECRETÁRIO DE CULTURA EM OUTUBRO DE 2015)

PROBLEMATIZANDO O ASSUNTO

- 1- Pelas informações do texto, é possível saber de que evento o secretário de cultura trata na entrevista? Comente.
- 2- Qual é o ponto central da entrevista?
- 3- Qual a relação entre economia e festa?
- 4- Na entrevista há indícios de contraponto na proposta da prefeitura contratar apenas artistas locais para o evento. Como você avalia essa decisão?
- 5- O que você entende por emprego informal?

Referências:

- FARIAS, E, Silva de. **Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. Sociedade e Estado**, Brasília, n. 3, p. 647-688, 2005.
- MATOS, L, da Silva. **Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC/SP, 2010.
- Sena Madureira em números**. Disponível em:<http://cod.ibge.gov.br/2VX8M>

AULA 7 - IMPROVISACÃO TEATRAL: A PIRACEMA E A FESTA DO MANDIM, OS DIFERENTES CONTEXTOS E INTERESSES.



O estudante do Ensino Médio deve ser capaz de se expressar por meio do corpo/voz, de modo a improvisar e interpretar personagens e situações de seu lugar e de outros.



Os jogos teatrais, assim como a improvisação tem se tornado potente em sala de aula, pois com esta metodologia de ensino, os alunos ora se tornam jogadores, ora espectadores: não trabalham somente a linguagem técnica do teatro, mas também temas que geram as cenas. Assim, trabalhar com os alunos textos (linguagem) dramáticas e fatos da evolução do teatro são importantes para que ele adquira uma visão histórica e contextualizada em que possa referenciar o seu próprio fazer. (PNCNs, 1997) Para esta experiência propõe-se realizar improvisação teatral sobre a temporalidade e os diferentes interesses da “Piracema” e da “Festa do Mandim” em Sena Madureira. Parte-se do princípio que os alunos jogadores já têm repertórios para “combinar a cena”.

METODOLOGIA DURAÇÃO DA AULA: 02 aulas de 50 minutos - Em sala de aula ou outro espaço ao ar livre, utilizar:

Conhecimentos prévios de aulas anteriores. O (a) Professor(a) deve fazer feedback antes de disponibilizar alguns objetos como: tarrafas, remos, malhadeiras, caniço, caixa de som e figurinos (esses podem ajudar compor ainda melhor os diferentes contextos).

Após formação dos grupos, o(a) professor (a) deve sortear um dos temas: (Piracema ou Festa do Mandim) e auxiliar tanto na resolução de cenas quanto nas especificidades temáticas.

Antes de começar as apresentações o(a) professor(a) deve assegurar que a “avaliação”, logo após as apresentações das cenas deve estar estritamente relacionada às questões cênicas (resolução de cena) da Piracema e Festa do Mandim.

Avaliação deve ter como princípio para os jogadores a escuta e para o espectador a fala generosa em expor algumas dificuldades, caso tenha, ao assistir a improvisação já que se trata de leitura, de decodificação e não de gosto ou preferência.

ORIENTAÇÃO PARA PROPOSTA

1- Formação do grupo deve ser realizada pelos alunos e quantidade de componentes deve ser flexível, de modo a formar pelos menos quatro grupos em uma sala de aproximadamente quarenta alunos;

2- A realização de uma rápida discussão sobre a Piracema e a Festa do Mandim, de modo a destacar as diferentes temporalidades e os interesses;

3- Ao disponibilizar os adereços cênicos e figurinos deixar a vontade para eles possam explorá-los antes e depois do sorteio do tema;

4- Não deixar demorar demais para iniciar as improvisações, pois o que mais importa é a ação, o ato de improvisar no momento da cena;

5- Antes de abrir para avaliar, esclarecer os procedimentos. Primeiramente o espectador fala e na sequência, os jogadores. Por fim se algo passar batido, tanto do ponto de vista da cena quanto da temática “temporalidade e interesses da Piracema e da Festa do Mandim” e caso, acredite que é interessante apresentar novamente, será um exercício valioso e comum, até porque o teatro e até mesmo o ensino, não se esgotam nas primeiras experiências.

Referências:

SPOLIN. Viola. **Improvisação para o Teatro**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. – 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TEATRO. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs/Artes. Acesso em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>

ATLAS LINGUÍSTICO DO ACRE

Existe no Estado do Acre, sobretudo, na Universidade Federal do Acre – UFAC, um grande número de estudos que discutem o vocabulário acreano, principalmente, aquele produzido a partir das vivências nos seringais dessa parte da Amazônia. Aos poucos esses falares acabaram se espalhando pelos centros urbanos com a vinda desses seringueiros e suas famílias para as cidades com a crise da borracha e mais tarde com a expansão da pecuária.

Em decorrência de suas características geopolíticas, o Brasil possui diferenciações linguísticas marcantes, existindo assim, palavras e expressões típicas, ou melhor, mais presentes em determinadas regiões brasileiras. No caso do Acre, muitos termos verbalizados no cotidiano de suas populações já estão bastante difundido, sobretudo, nas redes sociais. Essa difusão impossibilita de certa maneira afirmar que tais termos são exclusivos do Acre, mesmo porque as pessoas se deslocam e levam consigo seus falares, mas define em linhas gerais o lugar social da língua.

De acordo com Nery (2007), entre os diferentes fenômenos de variações linguísticas, está o fato de, dentro de um mesmo grupo social, pessoas expressarem-se com falas diferentes de acordo com as diferentes situações de uso, sejam situações formais, informais ou de outro tipo. Assim, algumas expressões pronunciadas em Sena Madureira e no Acre de um modo geral trazem as marcas de trocas culturais tecidas no dia a dia da floresta, do barranco e da cidade para simplificar ou ampliar determinados aspectos.

Nesse trabalho encontram-se algumas dessas expressões que foram utilizadas como mote para a abordagem das variações linguísticas. Muitas delas foram “pinçadas” das entrevistas, questionários, reportagens e outras fontes utilizadas na pesquisa, visto que, explorar as particularidades da Língua Portuguesa consiste em um dos objetivos do trabalho.

GLOSSÁRIO ACREANO / REGIONALIZADO

Arrochar – Mesmo que roubar, furtar/Arrochado = corajoso

Avia- Significado de solicitar que o outro se apresse.

Balseiros – expressão utilizada na região pelos moradores para se referir aos troncos de árvores, galhos e outros restos e dejetos animais e vegetais carregados pelas correntezas dos rios amazônicos durante o período invernos.

Barracão: Armazém ou casarão localizado nos domínios dos seringalistas nos quais o seringueiro entregava a borracha extraída do corte e adquiria mercadorias e demais objetos necessários a sua permanência nos seringais, podendo ainda ser definido como o espaço que materializava a relação de sujeição entre seringueiro e seringalista.

Barranco: Encosta do rio ligando sua água a terra firme no qual barcos e pessoas utilizam para aportarem.

Baixaria (pão-de-milho) - Cuscuz com ovo, carne moída e verdura.

Bribote – mesmo que salgadinhos de um modo geral.

Brocar, termo utilizado pelos locais para designar o ato de derrubada de pequenos arbustos que impedem o plantio de pastagens e outras culturas para subsistência ou comercialização.

Brocado - Esfomeado, com muita fome.

Cocó - Liga de elástico usada para prender os cabelos.

Colocação – pequenas unidades de produção de borracha, sendo que cada uma, possui certo número de Estradas de Seringa, ou seja, os “caminhos” onde se encontram as seringueiras, e cada estrada possui uma média de duzentas seringueiras.

Colônia é a designação dada a área rural ou terreno de cultivo, normalmente unifamiliar, conhecida também por sítio ou roça em outras partes do Brasil.

Carapanã – mesmo que Pernilongo

Catraia – Também conhecida por canoa ou pequeno barco, utilizada na travessia dos rios.

Curuba – Expressão utilizada na região para se referir a feridas na pele.

Dar uma guaribada - mesmo que consertar ou dar uma melhorada.

Empatar – Termo que designa o ato de atrapalhar. Na década de 1970 desenvolveu-se em grande parte do Estado os “Empates”, movimento organizado por seringueiros, indígenas e ribeirinhos com o apoio da Igreja Católica no Alto Acre, contra a expansão da pecuária. Portanto, Empatar, era impedir que os posseiros e pecuaristas se apossassem de suas terras.

Estirão - a definição de Estirão na literatura está relacionada ao crescimento físico intenso e acelerado na puberdade. No entanto, no vocabulário regional refere-se a uma grande linha reta ou uma abertura na floresta ou ramal capaz de avistar-se a longa distância determinado ponto.

Estopa – Saco de linha grosseira com duas alças, semelhante a uma mochila, utilizado para carregar mercadorias e castanha nos ramais e varadouros.

“**Golpe**” – Esse termo se refere a um ferimento ou corte em alguma parte do corpo.

Gaiola: Pequena embarcação fluvial, muito utilizada na região amazônica, principalmente antes da abertura das rodovias e que teve seu ponto forte durante a fase expressiva da exploração da borracha.

Já o era - Quer dizer que é tarde demais ou não tem mais jeito para aquela coisa ou situação.

Mandin/Mandim – Cientificamente conhecido por *Mandi/Pimelodus Blocchi*

Maninha – Designação típica do acreano para se referir a moça/mulher

Mucunzá – Conhecida em outras partes do Brasil como canjica

“No balde” - O mesmo que dizer, bastante; muita coisa; grande quantidade

Panema – Situação da pessoa sem sorte na caçada. É um termo Tupi para aquele que é infeliz na caça ou está com azar.

Paneiro - Tipo de cesto fabricado de cipó, muito utilizados entre seringueiros, indígenas, caboclos e ribeirinhos para acondicionar mercadorias.

“Piseiro” - O mesmo que baile, festa. (Geralmente é forró; bar popular com música ao vivo).

“Pixé de pôdi”! - Denominação para cheiro ruim.

Provocar - O mesmo que vomitar

Ramal é um termo utilizado na região para se referir as estradas de barro que acessam pequenas propriedades rurais ou fazendas ligando a zona rural ao espaço urbano.

Reima/Reimoso – Refere-se à restrição que divide a carne de caça em duas categorias: uma que é segura para todos consumirem e outra em que o consumo é perigoso.

Regatão: Pessoa ou pessoas que viajam de barco vendendo e comprando mercadorias pelos rios. Durante o auge da borracha na Amazônia, os regatões ganharam visibilidade, sobretudo, pela compra da borracha “desviada” pelos seringueiros, tornando-se figuras detestadas pelos seringalistas.

Soldados da Borracha - Nome dados aos brasileiros que entre 1943/1945 foram alistados e transportados para a Amazônia com o objetivo de extrair borracha para os Estados Unidos da América (Acordos de Washington) na II Guerra Mundial.

Tapiri - Casa de palha tipo palhoça construída com paus roliços denominados de como pau-a-pique.

Zagaia - Flecha de tacana com duas pontas de ferro pontiagudas muito utilizada em pescarias.

Xibé - Farinha de mandioca misturada com água e açúcar.

REFERÊNCIAS

LESSA, L.G. Diferença entre linguagem, língua e fala. Disponível em <http://agazetadoacre.com/diferenca-entre-linguagem-lingua-e-fala/>

NERY, A. **Variações linguísticas: O modo de falar do brasileiro.** Disponível em <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/variacoes-linguisticas-o-modo-de-falar-do-brasileiro.htm>

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1969.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem** - Mikhail Bakhtin. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC, 1981.